CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

COM HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER RÁDIO NO PERÍODO PÓS-TELEVISIVO:

ESTUDO DE CASO DA RÁDIO INDEPENDENTE, LAJEADO/RS

Eduardo Luiz Eggers

Lajeado, dezembro de 2014.

Eduardo Luiz Eggers

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

MUDANÇAS NOS MODOS DE FAZER RÁDIO NO PERÍODO PÓS-TELEVISIVO:

ESTUDO DE CASO DA RÁDIO INDEPENDENTE, LAJEADO/RS

Monografia apresentada na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo, do Centro Universitário Univates, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Jane Márcia Mazzarino

Lajeado, dezembro de 2014.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

RESUMO

Dentro de um contexto de contínuas mudanças que desafiam o rádio, possivelmente as transformações mais significativas se devem à concorrência com a televisão. Esta pesquisa tem como principal objetivo contextualizar historicamente a evolução da programação, jornalismo e tecnologias no rádio, a fim de investigar as alterações na programação da Rádio Independente após o surgimento da televisão. O método é qualitativo, desenvolvido através de pesquisa bibliográfica, documental, estudo de campo e estudo de caso. O tratamento dos dados foi realizado pela análise textual. Verificou-se o histórico e a contextualização do rádio e da TV no cenário mundial, nacional, estadual e regional. Concluiu-se que a Rádio Independente sofreu alterações devido ao impacto da televisão em sua grade de programação, que migrou do entretenimento para o radiojornalismo, e na forma de produção de conteúdo jornalístico ao longo das suas seis décadas de funcionamento. As transformações aconteceram gradativamente e com uma defasagem de aproximadamente duas décadas em relação às principais rádios do país. Também foi constatado que a emissora teve consideráveis avanços tecnológicos que permitiram o seu desenvolvimento, tanto na produção quanto na transmissão, mas esses estiveram mais atrelados às ofertas do mercado do que propriamente às variações do setor radiofônico no período pós-televisivo. As modificações implantadas na Independente estão relacionadas também com o contexto social e cultural da região onde ela está inserida, aspecto inerente a todas as emissoras.

Palavras-chave: Rádio. Televisão. Produção radiofônica. Rádio Independente.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....5

1.1 Objetivos.....7

1.2 Justificativa.....8

2 MÉTODO.....10

3 INVENÇÃO DO RÁDIO E PRIMEIRAS DÉCADAS NO BRASIL.....13

3.1 Consolidação do rádio em território gaúcho.....19

3.2 Radiojornalismo.....25

3.3 Primeiras cenas da televisão.....29

3.3.1 TV no Rio Grande do Sul.....34

3.4 Da "fase vitrolão" à reestruturação do rádio.....38

3.5 Evolução do rádio no Vale do Taquari.....46

3.5.1 Nasce "A Voz Amiga do Vale".....47

3.6 TV no Vale do Taquari.....51

3.7 Rádio Independente no período pós-televisivo.....58

4 ANÁLISES.....72

4.1 Programação.....72

4.2 Jornalismo.....76

4.3 Tecnologia.....85

4.4 Considerações conclusivas.....90

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....92

REFERÊNCIAS.....95

ANEXOS.....99

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

1 INTRODUÇÃO

Sempre que uma nova tecnologia é lançada, a continuidade das outras que se propõem a uma finalidade semelhante é questionada. Observamos isso atualmente na análise entre jornal e internet. O fim do meio impresso já é decretado por alguns pesquisadores em função da crescente produção jornalística na rede mundial de computadores. Na relação entre rádio e televisão não foi diferente em meados do século XX.

A TV surgiu no Brasil no início da década de 1950. O rádio, então soberano e adorado pela população, percebeu uma forte ameaça à continuidade de suas atividades. O fim desse meio de comunicação foi decretado. A "época de ouro", fomentada por programas de auditório e radionovelas, cedeu espaço à "fase vitrolão", em que as emissoras se resumiam a rodar músicas durante a programação. Esse processo foi consequência da migração da audiência e dos patrocinadores para o novo meio, que tem nas imagens sua maior potencialidade.

O hábito das pessoas também se alterou a partir do surgimento da televisão. O horário noturno, considerado nobre no rádio, principalmente pela veiculação de radionovelas, passou a ser o ponto alto da programação televisiva. A adesão do público foi crescendo gradativamente, a ponto de o recém-surgido meio de comunicação ser a referência para o horário.

Para que o anúncio do fim não se confirmasse, o rádio precisou inovar, tanto no conteúdo quanto na tecnologia. Uma linguagem especificamente radiofônica passou a ser utilizada. Ao invés da leitura de notícias do dia anterior veiculadas pelos jornais, repórteres

foram às ruas relatar os fatos dos locais onde eles acontecem, tornando esse meio de comunicação imbatível no quesito instantaneidade. De qualquer lugar e a qualquer momento, informações inéditas eram – e ainda são – veiculadas. Constantes desenvolvimentos tecnológicos também foram fundamentais para a recuperação do prestígio das emissoras. O rádio deixou de ser um aparelho espaçoso e praticamente imóvel para se tornar portátil e de consumo individual. Tecnologias de emissão e de produção confirmaram a nova fase que estava começando.

Tendo como pressuposto básico que o surgimento da televisão afetou os modos de fazer rádio, esta pesquisa delimita-se a investigar a influência da televisão na Rádio Independente desde a década de 1960 até os dias de hoje.

No dia 1º de abril de 1951 foi instalada em Lajeado/RS a Rádio Independente AM. A programação inicial era voltada aos programas de auditório, radionovelas e musicais, seguindo a tendência do restante do país. Embora existissem espaços destinados à informação, esses eram restritos.

Com o tempo, porém, o foco no radiojornalismo foi estabelecido. A emissora teve que passar por um período de reformulação para encontrar sua nova identidade. Aos poucos, a descontração dos programas de entretenimento cedeu espaço para a seriedade e a dinamicidade dos conteúdos informativos. Essa transição não aconteceu abruptamente, mas de forma gradual para acostumar a audiência ao novo perfil.

O jornalismo desenvolvido na estrutura produtiva da rádio também foi sendo modificado. Se nos primeiros modelos havia noticiários elaborados a partir da leitura de jornais e da radioescuta, o passo seguinte foi a produção própria de notícias. Para proporcionar agilidade e instantaneidade, a unidade móvel foi instituída, com um repórter relatando os fatos no momento em que eles acontecem. A estrutura dos programas jornalísticos sofreu ajustes. Atualmente a emissora é referência no radiojornalismo gaúcho, com programação totalmente voltada à informação e com equipe qualificada para a produção dos conteúdos.

Não somente no conteúdo houve mudanças. Seguindo a tendência mundial de informatização, a parte técnica de operação e transmissão foi sendo atualizada. Os discos de 78 rotações cederam espaço para cartucheiras, que foram substituídas por fitas cassete. No fim

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

dos anos 90, os computadores tomaram a função de todas essas ferramentas, tornando a produção e a emissão mais prática e ágil.

A repaginada da Independente atraiu a atenção dos patrocinadores. Nessa alteração de foco a empresa deixou de ser uma prestadora de serviços para se tornar uma organização com fins lucrativos. As empresas da região viram na emissora uma vitrine para seus produtos, com expectativa crescente de retorno financeiro. O radiojornalismo enriqueceu o conteúdo e inflou a cartela de clientes.

Diante deste contexto, questiona-se:

- Quais foram as modificações na programação da Rádio Independente após o surgimento da televisão no Vale do Taquari?

- De que forma essas mudanças refletem na atual programação?

- Em quais etapas se deu a implantação do radiojornalismo?

- Quais os aparatos tecnológicos que passaram a ser utilizados pela emissora?

1.1 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é contextualizar historicamente a evolução da programação, jornalismo e tecnologias no rádio, a fim de investigar as mudanças na programação da Rádio Independente após o surgimento da televisão.

a) Contextualizar a história da emissora, desde o seu surgimento até a atualidade, e da TV no Vale do Taquari nos anos 60 e 70, quando começou a ser comercializada e se consolidou, respectivamente
b) Verificar as influências desse período na programação atual da Rádio Independente, analisando as modificações ao longo das últimas cinco décadas
c) Compreender de que forma o surgimento da televisão influenciou na produção jornalística da emissora
d) Identificar as tecnologias que permitiram a qualificação na operação e emissão

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

1.2 Justificativa

O rádio é um meio de comunicação instantâneo e dinâmico. Porém, essas peculiaridades não eram percebidas nas primeiras décadas de sua existência no Brasil. Um estudo nesse sentido possibilita a identificação dos fatores que impulsionaram essa mudança.

Estamos falando do aparato tecnológico que é considerado um inseparável companheiro das pessoas no cotidiano. Conforme pesquisa da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), realizada pela Fundação Getúlio Vargas, em 2011 o rádio estava presente em 83,4% dos domicílios brasileiros. Por outro lado, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) aponta que, no mesmo ano, o índice de presença desse meio de comunicação nos lares do país era de 75,7%. Portanto, o objeto de pesquisa não é relativo apenas a um simples meio. O rádio faz parte da rotina de muitas pessoas, que dependem dele para obter informações.

Para entendermos o rádio de hoje, precisamos antes compreender o passado desse meio de comunicação. Inúmeras mudanças aconteceram desde a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, a primeira emissora do país, mas nenhum período teve alterações tão intensas como as décadas seguintes à de 1950, quando a televisão surgiu em território nacional.

Existem estudos sobre a evolução do rádio brasileiro após o surgimento da televisão. No entanto, essa análise carece de pesquisa no Vale do Taquari, que tem uma população fiel ao meio radiofônico e encontra na Rádio Independente, a emissora de radiojornalismo com maior audiência na região, uma alternativa para saber dos acontecimentos locais, principalmente, mas também de informações do Brasil e do mundo. O presente trabalho contribui para a história da comunicação, especificamente sobre uma das emissoras de rádio mais importantes dentro do segmento de radiojornalismo no Rio Grande do Sul.

A pesquisa organiza-se da seguinte forma. O método, qualitativo, exploratório, baseado em pesquisa bibliográfica, documental, de campo e estudo de caso, com entrevistas, é abordado no capítulo 2.

O capítulo 3 refere-se à contextualização histórica. Trata-se, inicialmente, da invenção do rádio e a sua expansão no mundo até a chegada ao Brasil. A contextualização histórica

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

segue com a consolidação do meio no Rio Grande do Sul. Detalhada a fase inicial da radiofonia em território brasileiro, com foco no entretenimento, um item deste capítulo fala especificamente sobre radiojornalismo, que viria a ser o propósito de grande parte das emissoras décadas mais tarde.

O assunto televisão é introduzido ao trabalho no decorrer do capítulo 3. Além da invenção, são trazidos elementos a respeito das primeiras experiências com o aparelho no mundo, no Brasil e no Rio Grande do Sul. Após a descrição sobre TV, a pesquisa segue para as modificações no setor radiofônico brasileiro após a consolidação da nova mídia.

A parte final desse capítulo aborda o início da radiodifusão no Vale do Taquari e a inauguração e a primeira década de funcionamento da Rádio Independente. Antes de se abordar as modificações na programação da emissora após o advento da televisão, um item trata justamente sobre o contexto da chegada dos primeiros aparelhos televisivos à região nas décadas de 1960 e 1970.

No capítulo 4 é feita uma descrição das características do rádio e da televisão com base em três unidades de pesquisa, divididas em categorias. Definidas as peculiaridades de cada um dos meios de comunicação, parte-se para a análise das mudanças no rádio após o evento TV, e a aplicação dessa transição dentro da realidade da Rádio Independente. Por fim, nesse capítulo, há reflexões sobre as análises. O capítulo 5 refere-se às considerações finais.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

2 MÉTODO

Este trabalho utiliza o método qualitativo para o desenvolvimento da pesquisa. Esse método consiste em "uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social" (RICHARDSON, 1999, p. 79). O mesmo autor entende que situações complexas geralmente são analisadas sob o aspecto qualitativo.

Diversas perspectivas essenciais justificam a escolha da pesquisa qualitativa, conforme explica Flick (2009, p. 23):

> Os aspectos essenciais [...] consistem na escolha adequada de métodos e teorias convenientes; no reconhecimento e na análise de diferentes perspectivas; nas reflexões dos pesquisadores a respeito de suas pesquisas como parte do processo de produção de conhecimento; e na variedade de abordagens e métodos.

A presente pesquisa, quanto aos fins, é exploratória, caracterizada por proporcionar uma visão geral sobre algum fato. A finalidade desse tipo de investigação é desenvolver conceitos para, posteriormente, elaborar estudos com problemas mais precisos (GIL, 2012).

Quanto aos meios, a pesquisa é bibliográfica, documental, estudo de campo e estudo de caso. A pesquisa bibliográfica é caracterizada por Gil (2012) como aquela desenvolvida com base em materiais elaborados anteriormente, como livros e artigos científicos. Já a pesquisa documental, conforme o mesmo autor, se divide em documentos de primeira mão, que são os que nunca foram analisados, como reportagens de jornal, cartas, documentos oficiais e gravações, e os de segunda mão, que já foram analisados de alguma forma, como relatórios de pesquisa e de empresas.

O estudo de campo é a técnica utilizada para aprofundar questões propostas, com planejamento flexibilizado. Além disso, também segundo Gil, nesse tipo de investigação o foco de estudo é um único grupo, destacando a interação de seus integrantes.

O estudo de caso, conforme Duarte (2008), considera qualquer unidade, seja uma pessoa, um grupo social ou uma cultura, como um todo. Gil acrescenta que esse tipo de pesquisa estuda profundamente "um ou poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado" (2012, p. 58).

Esta pesquisa utilizou-se dos métodos acima citados da seguinte forma:

a) A pesquisa bibliográfica foi concretizada a partir de livros e artigos científicos relacionados aos temas rádio, radiojornalismo, televisão e evolução do conteúdo radiofônico a partir da televisão. Entre os livros pesquisados está "Rádio Independente – 60 anos no ar", que traça o histórico da emissora de 1951 a 2011.

b) A pesquisa documental foi realizada através da extração de comerciais e reportagens envolvendo o assunto televisão em exemplares da mídia impressa regional das décadas de 1960 e 1970. Também foram analisados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre índices relativos a domicílios com rádio no Brasil e sobre a população estimada de Lajeado. A identificação da população do Vale do Taquari e da quantidade de municípios na região foi obtida através de pesquisa no site do Centro Universitário Univates.

c) Para a realização do estudo de campo foram entrevistados o atual diretor-presidente da Rádio Independente, comunicadores e repórteres que trabalham ou trabalharam na emissora e presenciaram a transição do foco da programação a partir do surgimento da televisão. As experiências do autor desta pesquisa como funcionário da rádio também integram esta etapa, com o objetivo de relatar o atual formato de programação. Para realizar o histórico do rádio no Rio Grande do Sul e obter o detalhamento das técnicas de transmissão radiofônica foram utilizadas informações ofertadas por profissionais da área, repassadas via e-mail. Em relação à televisão, foram realizadas entrevistas e obtidas informações por e-mail com pessoas ligadas ao início da venda de aparelhos na região e às técnicas de transmissão.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

A amostra, portanto, é por tipicidade, que consiste na seleção de um subgrupo da população que tem conhecimento sobre o tema da pesquisa e pode representar todo o universo estudado (GIL, 2012).

As entrevistas com funcionários e ex-funcionários da emissora caracterizam-se como semiabertas, com exploração máxima do tema, "exigindo da fonte subordinação dinâmica ao entrevistador" (DUARTE, 2008, p. 64). A entrevista semiaberta possui um roteiro-base, mas também se vale da flexibilidade.

O tratamento dos dados foi realizado através da análise de conteúdo. Moraes explica que essa técnica propõe descrição e interpretação minuciosa dos elementos extraídos na pesquisa (2007, p. 89):

> [...] a análise textual qualitativa é um processo integrado de análise e de síntese, que se propõe a fazer uma leitura rigorosa e aprofundada de conjuntos de materiais textuais, visando descrevê-los e interpretá-los no sentido de atingir uma compreensão mais elaborada dos fenômenos e dos discursos no interior dos quais foram produzidos.

O autor define que a análise de conteúdo é feita através da unitarização, que é a separação dos enunciados que integram a pesquisa a partir dos objetivos da mesma, e da categorização, que consiste na identificação e organização dos itens que têm em comum a mesma unidade de análise. A partir das categorias são criados itens específicos, denominados de subcategorias.

As categorias desta pesquisa são: programação, jornalismo e tecnologia. A programação foi dividida nas subcategorias foco e horário nobre. O jornalismo foi composto pelos itens produção, profissionais e espaço. A unidade tecnologia é integrada pelas subcategorias produção e transmissão. Em cada uma das subcategorias é feita uma descrição das características do rádio e da televisão para, posteriormente, analisar-se as mudanças no meio radiofônico a partir da consolidação da TV e de que forma esses fenômenos ocorreram na programação da Rádio Independente.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

3 INVENÇÃO DO RÁDIO E PRIMEIRAS DÉCADAS NO BRASIL

Para que o rádio se tornasse realidade foi necessário inventar e desenvolver a tecnologia que permite a propagação do som sem a utilização de fios. Esses avanços se constituíram entre 1830 e o final da década de 1910, tendo como base as pesquisas envolvendo eletromagnética e a invenção do telégrafo e do telefone. Esse tema e a fase inicial do rádio no mundo, além das primeiras experiências no Brasil, são detalhados do presente capítulo.

O senso comum atribui ao italiano Guglielmo Marconi a invenção desse meio de comunicação. No entanto, Ferraretto (2001) considera errônea essa informação. O mérito de Marconi está relacionado ao pioneirismo em indústria eletroeletrônica, aperfeiçoando equipamentos já existentes e desenvolvendo novos inventos.

No dia 27 de julho de 1896, na Grã-Bretanha, o pesquisador realizou aquela que é considerada a primeira transmissão pública de radiotelegrafia. A cerca de um quilômetro de onde ele pressionou a chave Morse, a mensagem apareceu na impressora Morse. No dia 2 de setembro do mesmo ano, os sinais enviados pelo italiano atravessaram quase três quilômetros de extensão (BIRCH, 1993 apud FERRARETTO, 2001).

Uma das maiores dificuldades para a transmissão de sons sem a utilização de fios no início do século XX era a falta de estabilidade no fluxo das ondas eletromagnéticas. O problema foi resolvido em 1906, com a invenção da válvula amplificadora pelo norte-americano Lee DeForest. “Esse passo é internacionalmente aceito como definitivo para o desenvolvimento da radiodifusão sonora” (FERRARETTO, 2001, p. 86). A primeira

transmissão realizada de forma eficiente ocorreu na noite de 24 de dezembro de 1906. Do estado americano de Massachusetts, o canadense Reginald Fessenden transmitiu o som de um violino e de trechos da Bíblia.

O rádio no formato como conhecemos atualmente começou a ser idealizado pelo russo David Sarnoff após 10 anos da primeira transmissão sem fios. Seu objetivo era que os receptores tivessem formato de caixa e os transmissores tivessem alcance entre 40 e 80 quilômetros. Gil (1994, apud Ferraretto, 2001) explica que Sarnoff modificou o conceito de rádio, deixando de ser um meio de comunicação bidirecional para se tornar um meio de comunicação massiva. Ou seja, o meio deixou de servir para a comunicação entre duas pessoas fisicamente afastadas para se tornar um meio unidirecional, em que alguém fala para vários ouvirem.

A primeira emissora de rádio com transmissões regulares e licença comercial para funcionar foi a KDKA, pertencente à indústria *Westinghouse Eletric and Manufacturing Company*, liderada pelo engenheiro elétrico Frank Conrad. Em 2 de novembro de 1920, em Pittsburgh, no estado norte-americano da Pensilvânia, nasceu "oficialmente a indústria de radiodifusão, no sentido de produção e transmissão de conteúdos" (FERRARETTO, 2001, p. 89). Jung (2007) complementa que na inauguração da KDKA foram transmitidas as eleições presidenciais dos Estados Unidos.

Quanto aos precursores da transmissão sem fio e do rádio, Ferraretto (2001) considera que Marconi foi pioneiro na indústria eletroeletrônica, Sarnoff foi o responsável pelo conceito de rádio que temos atualmente e Conrad iniciou o processo de estabelecimento das emissoras comerciais.

O padre brasileiro Roberto Landell de Moura, natural de Porto Alegre, poderia ser reconhecido como o inventor do rádio. César (2005) explica que em 1893 e 1894, o padre realizou experiências em São Paulo, da avenida Paulista para Alto de Santana. Jung (2007) diz que tipos de telefone e telégrafo sem fio e de transmissão de ondas sonoras foram inventadas por Landell de Moura e patenteadas por ele próprio nos Estados Unidos, em 1904.

O direito de ser reconhecido como o pai do rádio, no entanto, foi inviabilizado a partir de uma conversa entre o então presidente da República, Francisco de Paula Rodrigues Alves, e um de seus assessores. O padre explicou ao assessor que as invenções tinham a capacidade de fazer comunicação com qualquer local do planeta. Para realizar uma demonstração pública,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

o gaúcho pediu dois navios da esquadra brasileira, que poderiam estar afastados a qualquer distância. Quando voltou ao palácio, o enviado do presidente apenas comunicou que "esse padre é um maluco" (JUNG, 2007).

Conforme Sérgio Reis, que atuou como redator, radioator, locutor, produtor e diretor em emissoras como a Farroupilha, a Bandeirantes e a Pampa entre 1947 e 1997, a transmissão radiofônica em amplitude modulada (AM) é efetivada da seguinte forma: a voz do comunicador é transformada em pulsos eletromagnéticos pelo microfone e pela mesa de áudio; os pulsos são enviados, via cabo telefônico ou um pequeno transmissor com emissor de ondas, para o transmissor principal, instalado em amplo terreno em área rural; o transmissor, através de cabos, emite o sinal para a antena que fica junto ao transmissor, que transmite, através das ondas hertzianas, os sinais da rádio na frequência da emissora; os aparelhos de rádio, então, recebem as ondas hertzianas e decodificam o sinal.

A propagação das rádios AM é feita pelo solo. A antena emite o sinal para o chão, onde ele se arrasta. Reis explica que por isso as antenas são muitas vezes instaladas junto a rios e lugares onde há umidade, já que a água, por servir como espelho, não permite que o sinal siga pelas profundezas da terra. "Perde-se até 30% de potência com isso". Quando a água inexiste nas proximidades, são utilizados fios de cobre estendidos no solo, conhecidos como radiais, que saem da base da antena até o limite do terreno. Com esse recurso, o sinal choca-se com os fios e não adentra o solo.

A primeira experiência de radiodifusão em território brasileiro aconteceu no dia 7 de setembro de 1922, durante as comemorações do centenário da Independência, que foram realizadas na Exposição Internacional do Rio de Janeiro. Equipamentos das empresas norte-americanas *Westinghouse* e *Western Eletric* possibilitaram a primeira transmissão sem fios no país.

Oitenta receptores estavam distribuídos pela então capital federal (CÉSAR, 2005). O primeiro discurso em um microfone de rádio foi do presidente Epitácio Pessoa. Ele falou em uma estação instalada no Sumaré, pela *Western Eletric*. "E o povo, que se juntava na exposição do centenário, uma multidão incalculável, era pior do que São Tomé. Estava vendo, ouvindo e não acreditando" (MURCE in TAVARES, 1999 apud JUNG, 2007).

Ferraretto (2001) completa que, além do discurso do presidente, foram transmitidos trechos da obra *O Guarani*, de Carlos Gomes. A apresentação ocorreu no Teatro Municipal.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Além do público carioca, acompanharam a primeira experiência radiofônica no país moradores de São Paulo, Niterói e Petrópolis.

Por outro lado, César (2005) ressalta que "as primeiras transmissões de rádio no Brasil foram registradas em 1919, na cidade de Recife, pela Rádio Clube Pernambuco" (2005, p. 193). Os responsáveis pela emissora pertenciam à elite recifense, conforme observa Ferraretto (2001). A transmissão no Rio de Janeiro acabou sendo a história oficial da primeira transmissão radiofônica.

A primeira emissora do país foi a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, fundada em 22 de setembro de 1923 pelo professor Edgar Roquette-Pinto. A rádio foi instalada na Academia de Ciências (CÉSAR, 2005). O objetivo da nova emissora era promover mudanças na educação, através da propagação da cultura. No início, a Rádio Sociedade veiculava "conferências científicas, música erudita e análise dos fatos políticos e econômicos" (FERRARETTO, 2001, p. 98). Thomé et al. (2001) complementa que o lema da emissora era "Pela cultura dos que vivem na nossa terra, pelo progresso do Brasil".

Na década de 1920, o governo proibia a veiculação de publicidade nas rádios. Por isso, as emissoras eram mantidas por grupos de amigos que pagavam as despesas para que os programas fossem ao ar (JUNG, 2007). Os ouvintes, por sua vez, também precisavam pagar para acompanhar a programação. Jung (2007, p. 25) salienta que a produção radiofônica apresentava limitações na primeira década de existência no Brasil:

> Pioneirismo e primitivismo foram duas palavras que cercaram o rádio brasileiro no início. As transmissões eram feitas de maneira rudimentar. A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro contava com a "concorrência" da Rádio Clube do Brasil. As duas emissoras se esforçavam para não irradiar as programações ao mesmo tempo. Por isso, enquanto uma ia ao ar segundas, quartas e sextas, a outra ia às terças, quintas e sábados. No sétimo dia, descansavam.

Em 1931, o governo de Getúlio Vargas regulamentou a veiculação de comerciais, através do decreto-lei nº 21.111. Os anúncios eram permitidos em até 10% da programação. Até então, a prática era proibida e o público pagava mensalidade para ouvir rádio, formando os clubes de ouvintes. "Com dinheiro, as emissoras investiram em equipamentos e, principalmente, na formação de quadros de funcionários, com a contratação de músicos e cantores" (JUNG, 2007, p. 28). Os locutores eram os responsáveis pela leitura dos comerciais. César (2005) cita outra mudança no rádio na década de 1930: a substituição do rádio de galena pelo a válvulas.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Ao mesmo tempo em que a veiculação de propaganda garantia a manutenção das atividades das emissoras, o decreto de Vargas proporcionava uma hora diária ao programa oficial do governo. Assim, em 1939, surge a *Hora do Brasil*, atualmente denominada *Voz do Brasil* (CÉSAR, 2005).

Sempre com inspiração nas emissoras norte-americanas, o rádio brasileiro importou os programas humorísticos e de auditório. O humor radiofônico foi implantado em 1931 pela Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. O programete de cinco minutos era denominado *Manezinho e Quintanilha*, com interpretação dos atores Arthur de Oliveira e Salu de Carvalho. Em 1933, surge na Rádio Cruzeiro do Sul, de São Paulo, com apresentação de Celso Guimarães, um espaço para apresentação de novos talentos (FERRARETTO, 2001). Os programas serviram de modelo para outras rádios.

As radionovelas foram um dos maiores marcos para a consolidação do rádio no Brasil. A primeira experiência foi ao ar em 1941, na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. *Em busca da felicidade* foi adaptada por Gilberto Martins da original do cubano Leandro Blanco. Para testar a audiência do programa, que foi ao ar no horário matinal, foi firmada uma parceria com a empresa de creme dental Colgate. Foi oferecido um brinde a cada ouvinte que enviasse à emissora um rótulo da pasta de dente. No primeiro mês, foram 48 mil pedidos (CÉSAR, 2005). Os responsáveis pela promoção consideraram o número um sucesso.

A gravação das radionovelas exigia, além dos efeitos sonoros produzidos pela equipe de produção, a entonação e a interpretação dos atores, conforme explica Ferraretto (2002, p. 170):

> A voz indicava, ainda, o papel que poderia ser dado ao ator ou atriz, definindo tipos específicos para homens e mulheres. A do galã deveria ser aveludada e romântica, situada entre o grave e o agudo. Sua contraparte feminina, a mocinha, poderia soar doce, suave e ingênua, ao interpretar a sofredora, vítima de vilões [...] A voz madura caracterizava o centro: dramático, quando transmitia confiança e seriedade, e cômico, ao, pelo contrário, indicar descontração em tom de galhofa. Do vilão ou vilã, exigia-se uma voz cortante, por vezes sibilante, indicando maldade na frase pronunciada entre os dentes ou na gargalhada soturna.

Entre as décadas de 1940 e 1950, o país registrou acelerado crescimento no setor radiofônico. Foi o período conhecido como "época de ouro". Houve, por exemplo, aumento na quantidade de emissoras e modernização dos equipamentos utilizados para a transmissão. Segundo Klöckner (2004), em 1950 o Brasil alcançou a marca de 300 emissoras, chegando a 477 cinco anos depois, com aproximadamente 1 milhão de receptores. César afirma que

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

"nesse período ocorreu um processo de popularização do rádio, fazendo-se dele quase uma presença obrigatória nos lares brasileiros, uma espécie de utensílio indispensável" (2005, p. 189).

A evolução do meio de comunicação nesse período não foi obra do acaso. A profissionalização tornou a programação das rádios mais atraente. Os programas passaram a ser planejados e a sua veiculação começou a acontecer em horários fixos. Entre todos os meios de comunicação, o rádio se afirmou como o de maior consumo e com a maior parcela das verbas publicitárias (CÉSAR, 2005).

Participação decisiva nesse fenômeno tiveram os patrocinadores. Mazzarino (2009) entende que, em um momento de expansão da economia brasileira e com a consequente elevação na oferta de produtos, as empresas percebiam nas ondas sonoras uma excelente oportunidade de estimular o consumo. A autora acrescenta que a maior arrecadação com publicidades resultou na evolução técnica e administrativa e na maior competitividade das emissoras perante o mercado.

A consolidação radiofônica foi fator importante para o incentivo à nacionalização da população brasileira. Por meio do entretenimento e da homogeneização cultural, o rádio auxiliou para a massificação daquilo que era considerado popular no país. Paralelo a essa mudança, a programação passou a sofrer alterações, com o uso de linguagem menos formal e mais acessível aos ouvintes. "A improvisação dá lugar a uma estrutura de programação, que inclui a contratação de artistas e produtores" (MAZZARINO, 2009, p. 45).

O rádio não viveu somente de entretenimento em suas primeiras décadas no Brasil. Os políticos perceberam a força do meio de comunicação e passaram a utilizá-lo a seu favor. Exemplo disso ocorreu em 1940, quando o presidente Getúlio Vargas encampou a Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, inaugurada em 12 de setembro de 1936, através do Decreto-Lei nº 2.073.

Conforme Mazzarino (2009), o meio radiofônico serviu para Vargas propagar sua ideologia e estabelecer o controle social. Simultaneamente, a Rádio Nacional foi se consolidando como líder de audiência, com o aperfeiçoamento da programação. Com 50 quilowatts (kW) de potência, a emissora possuía oito antenas, direcionadas para o território nacional, Estados Unidos, Europa e Ásia. Segundo Klöckner (2004), em 1943 cartas de várias

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

partes do mundo chegavam à rádio, que nove anos mais tarde alcançou 50,2% de audiência média no Rio de Janeiro.

O setor radiofônico se consolidava em território brasileiro nos anos 40. Empresários e políticos perceberam a força desse meio de comunicação e investiram na sua evolução, conforme abordou este capítulo. No Rio Grande do Sul, essa mídia já despertava a atenção desde a fundação da primeira emissora brasileira. O próximo capítulo trata dos primórdios do rádio no estado.

3.1 Consolidação do rádio em território gaúcho

Este capítulo traça o histórico da radiofonia no Rio Grande do Sul nas primeiras três décadas, desde as primeiras emissoras, em Pelotas e Porto Alegre, até a consolidação de programas de entretenimento e narrações esportivas. Detalham-se as características introduzidas pelos primogênitos do setor no estado.

Ouvir emissoras radiofônicas era um privilégio da elite da população gaúcha na década de 1920. Com o hábito de sintonizar rádios do Rio de Janeiro, de São Paulo, dos países do Rio da Prata (Argentina e Uruguai), dos Estados Unidos e de países europeus, a burguesia da época, cujos integrantes eram conhecidos como “entusiastas da radiodifusão”, iniciou o processo de organização das primeiras entidades transmissoras (FERRARETTO, 2002).

No contexto político do Rio Grande do Sul no período de surgimento do rádio, destaca-se o domínio do Partido Republicano Rio-Grandense, governado por intermédio de Antônio Augusto Borges de Medeiros. A agremiação política tinha a ideologia fixada no patriarca Júlio Prates de Castilhos, que, por sua vez, inspirava-se no positivismo de Auguste Comte. Adaptada ao estado, essa ideologia fez com que os conflitos entre capital e trabalho tivessem a intervenção de um governo forte, com base científica.

Nesse cenário, o rádio era visto como uma inovação, um meio que ampliaria os horizontes culturais, favorecendo a consolidação das classes dominantes sobre as camadas mais populares. Conforme Ferraretto (2002), os pioneiros da radiofonia em território gaúcho

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

eram integrados a essa burocracia oficial e fundaram as primeiras emissoras com o objetivo de torná-las elitistas, tanto que os receptores precisavam pagar para receber o sinal.

Sobre o acesso das classes dominantes ao rádio, Rutilli (2013) observa que, em função de os aparelhos receptores da época serem de grande porte e precisarem ser ligados na tomada, era a elite gaúcha que consumia o novo meio de comunicação. A maioria da população não possuía rede elétrica, o que reforçou a ligação do rádio com as elites em seus primeiros anos de existência no estado.

As transmissões radiofônicas organizadas tiveram como pioneira no estado a Rádio Sociedade Rio-Grandense, de Porto Alegre. A primeira vez em que a emissora entrou no ar foi às 21h do dia 7 de setembro de 1924. A atração inicial foi o discurso do diretor da Biblioteca Pública do Estado, Eduardo Guimarães. Houve ainda apresentações musicais, principalmente eruditas, e divulgação de resultados de jogos de futebol e de corridas de turfe (FERRARETTO, 2002).

A emissora, que tinha por objetivo transmitir músicas, conferências literárias e científicas, informações comerciais, entre outros, concentrou suas transmissões em setembro, outubro e novembro de 1924. Ferraretto (2002) diz que, nos meses seguintes, não há mais registros do seu funcionamento. Apesar da pouca duração, a estação foi uma espécie de alavanca para o aquecimento no mercado de aparelhos receptores e o surgimento de oficinas que fabricavam o equipamento. O autor cita marcas como a paulista *Byington & Cia* e a carioca *Mestre e Blatge*, que tinham anúncios em jornais da capital.

A Sociedade Rádio Pelotense, fundada em 6 de junho de 1925 em Pelotas, é definida por Thomé et al. (2001) como a primeira emissora constituída do Rio Grande do Sul. Os idealizadores foram integrantes da burguesia pelotense, liderados por Baldomero Trápaga y Zorrilla, o primeiro presidente. A primeira transmissão aconteceu somente no dia 25 de agosto daquele ano.

Ferraretto (2002) levanta a possibilidade de que até 1928, a Sociedade Rádio Pelotense, que era sediada na Biblioteca Municipal, tenha funcionado de forma experimental, com emissões esparsas. As transmissões efetivas, segundo o autor, podem ter acontecido somente nesse ano, quando houve a mudança para o Clube Comercial, alterando inclusive o nome para Sociedade de Rádio Pelotense. A emissora continua em atividade, sendo atualmente a mais antiga do estado, sob a denominação de Rádio Pelotense (620 AM).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Menos de dois anos depois foi estabelecida, em Porto Alegre, a Rádio Sociedade Gaúcha, atual Rádio Gaúcha (600 AM e 93,7 FM), hoje pertencente ao Grupo RBS. A inauguração ocorreu no dia 8 de fevereiro de 1927. Ferraretto (2002) lista alguns aspectos da programação no início dos anos 30, como a alternância de programas a cada 15 minutos, aulas de francês e inglês, culinária, previsão do tempo, informações econômicas, notícias lidas dos jornais e veiculação de músicas com discos que eram fornecidos por estabelecimentos comerciais da capital gaúcha para divulgar as novidades musicais.

Durante o primeiro semestre de 1934, uma emissora estava entrando no ar em Porto Alegre sem identificação. A rádio apenas tocava música. Nessa mesma frequência, foi inaugurada, em 27 de outubro daquele ano, a Rádio Difusora Porto-Alegrense (THOMÉ et al., 2001). A emissora foi idealizada e fundada pelo comerciante paulista, radicado no Rio Grande do Sul, Arthur Foltran de Pizzoli.

O diferencial da Difusora em relação à Pelotense e à Gaúcha era o caráter comercial - a Gaúcha assumiu essa condição em 1937. Ao contrário de se constituir como uma sociedade de rádio, conforme Ferraretto (2002), a nova emissora tinha cunho comercial, com foco na venda de publicidade para a manutenção das atividades - política que atualmente é comum entre as rádios. Rutilli (2013) confirma a informação, acrescentando que a Difusora instituiu os “reclames”, constituídos de anúncios de empresas, no rádio gaúcho. O rádio começava a perder o caráter elitista dos primeiros anos no estado.

Além do diferencial de ser formalizada como uma empresa, a Difusora também se distinguiu da concorrência no horário de transmissão, que era ampliado em comparação à Gaúcha: diariamente das 10h às 18h e das 19h30 às 23h. A Gaúcha transmitia de segunda-feira a sábado das 12h às 12h30 e das 19h15 às 23h e aos domingos das 12h às 13h30 e das 16h às 23h. A programação da Difusora tinha cunho mais popular, com músicas em ritmos como samba, tango, chorinho, valsa e rumba (FERRARETTO, 2002).

Em 24 de julho de 1935, a capital gaúcha viu nascer sua terceira emissora: a Rádio Sociedade Farroupilha, atual Rádio Farroupilha (680 AM), que hoje integra, assim como a Gaúcha, o Grupo RBS. O nome tem relação com as comemorações dos 100 anos do início da Revolução Farroupilha (THOMÉ et al., 2001). Os sócios majoritários eram Luiz e Antônio Flores da Cunha, filhos do então governador do Estado, José Antônio Flores da Cunha. A programação era capitaneada por Arnaldo Ballvé.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

A estação, com 25 kW, era a mais potente do Brasil. Na inauguração, cantores consagrados em nível nacional, como Carmen Miranda, Mario Reis e Francisco Alves, realizaram apresentação no prédio da emissora. Do lado de fora, a população se aglomerou para ouvir os ídolos pelos alto-falantes (FERRARETTO, 2002).

Na época da inauguração da Farroupilha, os horários de transmissão das rádios na capital se constituíam da seguinte forma: Rádio Sociedade Gaúcha, de segunda-feira a sábado das 12h às 14h e das 19h às 23h e aos domingos das 12h às 14h e das 18h às 23h; Rádio Difusora Porto-Alegrense, de segunda-feira a sábado das 7h às 7h30, das 10h às 14h e das 16h às 23h30 e aos domingos das 10h às 14h e das 16h às 23h30; e Rádio Sociedade Farroupilha, diariamente das 10h às 14h e das 18h à 0h. Ferraretto (2002) observa que, apesar de a Farroupilha transmitir menos horas diárias do que a Difusora, havia mais tempo de programação ao vivo na nova emissora.

A situação financeira da Farroupilha era crítica em 1943, oito anos após a inauguração. Devido a fatores como o posicionamento político dos filhos de José Antônio Flores da Cunha, que fora exilado e posteriormente preso na Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, os gastos com simpatizantes que se encontravam exilados e as pressões do Departamento de Imprensa e Propaganda, a programação teve sua qualidade comprometida. Assim, naquele ano, a investida dos Diários e Emissoras Associados, do magnata das comunicações no país Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, foi bem sucedida e a emissora foi comprada pelo grupo (FERRARETTO, 2002).

Um dos efeitos imediatos da nova administração foi a veiculação, a partir de 2 de julho de 1943, na Farroupilha, da radionovela *Em busca da felicidade*, que fizera sucesso dois anos antes pela Rádio Nacional, do Rio de Janeiro. A partir da consolidação do programa, é montado um núcleo próprio de novelas na emissora, com organização do ator e diretor Walter Ferreira. O faturamento da Farroupilha dobrou em comparação à época dos Flores da Cunha. Percebendo a força do rádio em território gaúcho, os Diários e Emissoras Associados adquiram um ano depois, em 1944, a Rádio Difusora Porto-Alegrense (FERRARETTO, 2002).

O dia 26 de agosto de 1944 marcou o início de um novo modelo de programação na Farroupilha, que implantou a formatação de programas com conteúdos coesos e independentes, abandonando o sistema de quartos de hora (programas a cada 15 minutos),

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

utilizado nas duas décadas anteriores. Conforme o jornal *Diário de Notícias* do dia seguinte, a programação passou "a ser feita em desfile com vários cantores e conjuntos orquestrais atuando dentro do mesmo programa" (FERRARETTO, 2002, p. 162).

O autor destaca ainda sobre a primeira metade da década de 1940 a consolidação da publicidade como forma de captar reursos e o início da veiculação de *spots* (texto publicitário breve, com música ou efeitos sonoros) e *jingles* (rápida mensagem publicitária, com música e letra simples e de fácil recordação).

Na metade da década de 1940, artistas de radioteatro começaram a aparecer no estado, tanto em Porto Alegre quanto no interior. Porém, a falta de recursos técnicos dificultava o aperfeiçoamento desses aspirantes a profissionais. A Rádio Farroupilha, percebendo as carências, lançou nessa época a Escola de Radioteatro. Pessoas de diversas partes do Rio Grande do Sul, mediante aprovação em testes, participaram do curso, que consistia, entre outros, em exercícios de leitura, dicção e interpretação. A escola revelou bons profissionais, que foram os precursores na profissionalização desse setor radiofônico no estado (THOMÉ et al., 2001).

Para Ferraretto (2002), a primeira experiência de radioteatro no estado aconteceu ainda com a Rádio Sociedade Rio-Grandense. Nas noites de 23 e 25 de outubro de 1924, durante as comemorações do centenário da imigração alemã, a emissora transmitiu espetáculos da Companhia Alemã de Operetas Modernas Urban & Lessing no Theatro São Pedro. O autor salienta que quase 13 anos depois, em 5 de setembro de 1937, surgiu o radioteatro gaúcho propriamente dito. O motivo foi o lançamento do *Teatro Farroupilha*, programa da Rádio Farroupilha que ia ao nas noites de domingo. O radioteatro encantou o público. Dois anos depois do início do *Teatro Farroupilha*, cerca de 23 mil ouvintes acompanhavam o programa em Porto Alegre, o que equivalia a 10% da população da cidade na época. "O estado praticamente parava para escutar o programa" (THOMÉ et al., 2001, p. 48). A atração foi ao ar até o fim dos anos 60.

Também na década de 1920, profissionais como Adroaldo Guerra, Cândido Norberto Santos e Ernani Behs implantaram a reprodução de radioteatro com sonoplastia, contrarregra e sonotécnica. Dessa forma, os programas não foram mais reproduções de peças como no palco de teatro, mas sim a transmissão com elementos da linguagem radiofônica, como voz, música, efeito sonoro e silêncio (FERRARETTO, 2002).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Uma espécie de evolução ao radioteatro, a radionovela teve início no estado em 28 de março de 1943, quando a Difusora estreou o programa *Folhetim sonoro da PRF-9* com a novela *O solar dos Alvarengas*, escrita por Roberto Lys, pseudônimo do autor Érico Cramer. Inicialmente as radionovelas eram veiculadas uma vez por semana (domingos, a partir das 20h). Esse panorama foi alterado apenas no fim da década, quando a Rádio Sociedade Gaúcha, através do diretor artístico Cândido Norberto dos Santos, ao contratar artistas de rádio consagrados, criou o programa *Tapete mágico*. De segunda a sexta-feira, das 20h às 21h, – então horário nobre das transmissões – os ouvintes acompanhavam meia hora de uma novela, seguida do comentário do próprio criador do programa e do humorístico *Corta Tesourinha* (FERRARETTO, 2002).

A "era de ouro" das radionovelas gaúchas chegou ao fim nos anos 60, segundo Thomé et al. (2001). O motivo foi, além da veiculação de novelas pela televisão, a chegada dos rádios portáteis. Dessa forma, não era mais preciso ouvir através de um aparelho grande, estático na sala de estar. O rádio passou a ser um meio de consumo individual. O autor lembra que as radionovelas resistiram até o início da década de 1980, embora com menor audiência.

Ferraretto (2002) menciona outros formatos de programas que fizeram sucesso nas primeiras décadas do rádio no Rio Grande do Sul. Entre eles, os programas de auditório. O pioneiro foi o *Hora do bicho*, lançado em 3 de outubro de 1937 pela Difusora, que consistia em um concurso do qual participavam 16 calouros, que faziam apresentações musicais. Devido ao sucesso do precursor dos programas de auditório no estado, a mesma emissora lançou *O dobro ou nada*, que era um jogo de perguntas e respostas.

O autor também lembra do radioteatro voltado para o público infanto-juvenil. *O Sombra* foi um desses programas. A primeira transmissão pela Rádio Farroupilha ocorreu em 6 de julho de 1944. A história já era consagrada nos Estados Unidos e, no Brasil, tinha produção no centro do país.

A área esportiva também foi pauta do rádio nas primeiras décadas de existência em território gaúcho. A primeira transmissão de uma partida de futebol, pela Rádio Sociedade Gaúcha, aconteceu no dia 19 de novembro de 1931. O narrador Ernani Ruschel, que não entendia as regras do esporte, conduziu a transmissão do jogo entre o Grêmio e o selecionado do Paraná, realizado no Estádio da Baixada. De acordo Thomé et al. (2001), a narração de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

partidas de futebol era interrompida para a divulgação de resultados dos páreos de turfe, realizados no hipódromo do bairro Moinhos de Vento.

O rádio foi importante para reforçar a identidade da população gaúcha através da veiculação de programas que divulgam a cultura local. Thomé et al. (2001) diz que por volta de 1942 o cantor regionalista Pedro Raimundo apresentava sucesso como *Adeus Mariana* ao vivo na Rádio Gaúcha. Já em 1953, a Rádio Farroupilha lançou o *Festa no Galpão*, que tinha a presença e participação de cantores, declamadores e instrumentistas gaúchos. Dois anos depois, a mesma emissora colocou no ar o *Grande Rodeio Coringa*, que era veiculado nos domingos à noite seguindo a linha de valorização da cultura rio-grandense. Em todos os programas desse segmento, era forte a participação de artistas ligados ao meio rural. Dessa forma, o rádio mostrou hábitos e costumes do campo para os moradores da cidade e potencializou as tradições por todo o estado.

No interior o setor radiofônico também registrava expansão. Ferraretto (2007 apud Rutilli, 2013) constata que em 1960 somente 10% das emissoras funcionavam em Porto Alegre. Devido aos treinamentos e orientações promovidos por profissionais da capital, houve o aumento na quantidade de profissionais da área e, consequentemente, da radiodifusão por várias partes do território gaúcho.

Assim como no restante do país, o rádio no Rio Grande do Sul iniciou com os programas de entretenimento na linha de frente. Este capítulo demonstrou essa fase através da contextualização histórica das primeiras décadas do meio de comunicação no estado. A nova tendência para o setor radiofônico nas décadas que seguiram, o radiojornalismo, é o tema do próximo capítulo.

3.2 Radiojornalismo

As informações veiculadas nas rádios brasileiras nas primeiras duas décadas não seguiam uma linguagem específica para o meio. Mesmo que a leitura de jornais por parte dos locutores em seus noticiários não deixe de ser uma aplicação de radiojornalismo, se sabe hoje que o texto não é apropriado para o rádio. As técnicas para adaptar o texto jornalístico no meio radiofônico é o abordado no presente capítulo.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

A linguagem utilizada no rádio deve ser sucinta, clara, coloquial e direta, sempre evitando adjetivos. Chantler e Stewart (2006) recomendam que o jornalista de rádio escreva um pensamento em cada frase, evitando que o ouvinte esqueça o que foi dito no início quando a sentença estiver encerrando. Os autores também dizem que as informações devem ser narradas com os verbos no tempo presente, principalmente nas primeiras frases, passando a sensação de que o fato está acontecendo no momento em que é veiculado.

A primeira experiência de radiojornalismo no Brasil não seguia praticamente nenhuma dessas regras. Em 1923, ano do surgimento da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, Edgar Roquette-Pinto iniciou a técnica de leitura dos jornais como forma de informar os ouvintes. Jung (2007) ressalta que, além da leitura, o comunicador acrescentava comentários às notícias. O programa apresentado por Roquette-Pinto era o *Jornal da Manhã*, que não tinha hora definida para iniciar.

O método do fundador da Rádio Sociedade é conhecido como *gillette press* ou *tesoura press*. "Ao invés de antecipar a divulgação da notícia, copiava-se o que os outros produziam" (DEL BIANCO, 2008, p. 3).

A veiculação de informações passou a ser apreciada pelo público e, em consequência, cada vez mais utilizada pelas estações. Klöckner (2004) cita exemplos como a cobertura de emissoras paulistas e cariocas, em 1932, da luta entre legalistas e rebeldes em São Paulo, a notícia do golpe de Estado de 10 de novembro de 1937 (instituição do Estado Novo) e o Boletim de Guerra, lançado pela Rádio Tupi em 1945 para trazer atualizações sobre a Segunda Guerra Mundial.

A história do radiojornalismo começou a tomar novos rumos a partir das 12h55 do dia 28 de agosto de 1941, quando estreou, na Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, o *Repórter Esso*, considerado a introdução da síntese das notícias no radiojornalismo brasileiro. Conforme Klöckner (2004), o programa foi transmitido por 60 emissoras em 15 países (Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Estados Unidos, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana, Uruguai e Venezuela).

O noticiário possuía uma característica musical ao fundo e texto adaptado para o rádio, ao contrário das práticas de radialistas mais antigos, que entendiam a leitura de jornais como a melhor forma de publicar informações, conforme observa Jung (2007, p. 32):

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> Através de suas edições se forjou o primeiro modelo organizado de noticiário com características próprias do veículo. A notícia era redigida com períodos curtos e de forma direta. Tinha textos objetivos, sem adjetivos. Ao proibir o uso de orações intercaladas, eliminava a prática comum na época de se ler os textos da mesma maneira que eram escritos pelas agências de notícia, produzidos para serem publicados nos jornais impressos.

Klöckner (2008) destaca como principais características do programa a linguagem coloquial, as frases com no máximo 30 a 40 palavras e o tempo de duração das notícias de 14 ou 15 segundos. Uma edição divulgava de 13 a 15 notícias, utilizando no total cerca de 600 palavras. A duração era de cinco minutos.

O *Repórter Esso* tinha o patrocínio da *Standard Oil New Jersey* (Esso). A idealização e supervisão foram da agência de publicidade *Mc-Cann Erickson*, com produção de notícias da *United Press International* (UPI). Desde 1935, era veiculado nos Estados Unidos. A importação no noticiário pelo Brasil ocorreu no mesmo ano em que o país ingressou na Segunda Guerra Mundial. Klöckner (2004) observa que o governo norte-americano temia uma possível adesão do Brasil às forças nazistas e, por isso, houve aproximação com o presidente Getúlio Vargas através da oferta de benefícios econômicos e culturais. Essa é a razão apontada pelo autor para que as notícias que eram veiculadas sobre a Guerra trouxessem adjetivos que valorizavam as ações das tropas aliadas, inclusive do Exército Brasileiro, e pregavam a união das Américas contra os "agressores mundiais".

O programa foi transmitido pela Rádio Nacional em cinco edições por dia de segunda a sábado e duas aos domingos. Em 1942, o *Esso* era veiculado também por quatro rádios de São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife. A partir de 1944, por iniciativa da *Mc-Cann Erickson*, cada emissora tinha o seu apresentador e a produção de notícias locais, embora as informações internacionais fornecidas pela UPI ocupassem espaço considerável (KLÖCKNER, 2008).

No Rio Grande do Sul, a principal emissora a veicular o noticiário foi a Rádio Farroupilha, de 16 de julho de 1942 a 31 de dezembro de 1964. Conforme o *Manual de Produção de 1963*, o programa ia ao ar em quatro edições diárias de segunda a sábado: 8h, 13h30 (depois passou para 13h), 18h30 e 22h30. Aos domingos, a veiculação ocorria às 13h30 e às 20h. Os apresentadores no estado foram Ruy Figueira (1942 a 1949) e Lauro Haggemann (1950 a 1964). Enio Rockenbach, que foi apresentador suplementar, explica que os redatores e o locutor eram pagos pela Rádio Farroupilha. Também transmitiram o *Repórter Esso* as rádios Difusora Porto-Alegrense – temporariamente, em agosto de 1945, devido ao

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

incêndio na Farroupilha – e Continental – de janeiro de 1966 a dezembro de 1968 (KLÖCKNER, 2008).

A última edição do *Repórter Esso* foi ao ar em 31 de dezembro de 1968, através da Rádio Globo. Na ocasião, o locutor Roberto Figueiredo enumerou os principais fatos noticiados desde 1941. Ao longo da leitura ele se emocionou e, quase em prantos, encerrou o noticiário pela última vez (FERRARETTO, 2001). O programa também foi ao ar na televisão, entre 1952 e 1970. Mais informações encontram-se no decorrer desta pesquisa.

Outro formato importante na produção radiojornalística foi a instituição do "jornal falado". Thomé et al. (2001) cita como exemplo desse formato o *Rádio Jornal Emulsão de Scott e Sal de Frutas Eno*, veiculado nas manhãs da Rádio Farroupilha em 1937. Com a prática do *gillette press*, além da rádio escuta e de produções próprias, eram trazidas informações de jornais nesse programa e também nos noticiários de hora em hora. O acúmulo de notícias foi tanto que a emissora passou a apresentar, à noite, a partir de 1º de junho de 1943, o *Grande Jornal Falado Farroupilha*, com 90 minutos de notícias e apresentação de três locutores.

Também no Rio Grande do Sul, a Rádio Difusora lançou, em 25 de setembro de 1937, o *Jornal Falado da PRF*-9, com apresentação do escritor pernambucano Aurélio Limeira Tejo. Ferraretto define o programa como o "primeiro noticiário organizado do rádio gaúcho" (2002, p. 208). Na mesma linha, a Rádio Gaúcha colocou no ar o *Grande Edição*, que contava com três locutores, sendo dois homens e uma mulher. O diferencial do programa, de uma hora e meia, é que entre as notícias lidas havia a participação de convidados e pequenas entrevistas de rua (THOMÉ et al., 2001).

Em 1939, a Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, introduziu o programa *Jornal Falado Tupi*, idealizado por Auriphebo Simões. Três anos mais tarde, Armando Bertoni e Coripheu de Azevedo Marques o aperfeiçoaram e criaram *O Grande Jornal Falado Tupi*. Ferraretto (2000, apud Jung, 2007) explica que o programa iniciava com a identificação do noticiário e seguia com as manchetes e as notícias veiculadas em blocos, conforme a editoria.

Quanto à reportagem de rua, Ferraretto (2002) diz que a prática era rara no rádio gaúcho nos anos 30 e 40. O autor aponta dois motivos: a valorização crescente do radioteatro, dos humorísticos e dos programas de auditório e a falta de condições técnicas para a mobilidade do repórter. No entanto, cita alguns acontecimentos que podem ser considerados

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

os pioneiros das transmissões externas no estado. Um deles é a transmissão, pela Rádio Sociedade Gaúcha, em fevereiro de 1932, da abertura da primeira edição da Festa da Uva, em Caxias do Sul. Utilizando linhas da Companhia Telefônica Rio-Grandense, a emissora repetiu o feito nas edições seguintes. Outra transmissão externa, também pela Gaúcha, ocorreu em abril de 1935, quando houve a cobertura dos trabalhos da Assembleia Constituinte Estadual e a votação que transformou Flores da Cunha de interventor federal em governador do estado.

Sobre a transmissão com linhas telefônicas, Higino Germani, que foi técnico de emissoras de rádio, diz que "as linhas simplesmente não existiam e as poucas que existiam estavam ocupadas". A solução, segundo ele, era "grampear uma linha telefônica ou estender linhas adicionais, o que era muito caro e complicado".

Ferraretto (2002) ainda destaca os programas *Ruas da Cidade* e *Bairros em Revista*, lançados em outubro de 1937 na Rádio Gaúcha. Sob o pseudônimo de Josino Campos, o jornalista Isaac Axelrud percorria a cidade de Porto Alegre, com bloco em punho, para colher informações e depoimentos da comunidade. No estúdio, os locutores descreviam o que fora apurado e as falas das pessoas usando o recurso de entonação de voz, pois o repórter não dispunha de gravador para reproduzir as manifestações da população. Segundo Germani, os gravadores de fita cassete, patenteados pela Philips, começaram a ser utilizados nas rádios do Rio Grande do Sul na década de 1970.

Outras evoluções surgiram no radiojornalismo nas décadas seguintes, como os estilos *all news* e *talk show*, a veiculação de reportagens ao vivo das ruas e a edição de matérias. Esses formatos serão detalhados na sequência desta pesquisa. Esta etapa do trabalho apresentou a evolução na forma de se produzir textos radiofônicos e as experiências iniciais dessa técnica nas emissoras do país. A base do radiojornalismo, que surgiu para qualificar os noticiários, estava consolidada para que, em uma fase seguinte da radiodifusão, o meio recuperasse a audiência perdida para uma nova mídia que era apresentada ao público brasileiro: a televisão, tema do próximo capítulo.

3.3 Primeiras cenas da televisão

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

O surgimento da televisão e as primeiras emissoras brasileiras são abordados neste item da pesquisa. As características dos programas da época, as transmissões em rede e as tecnologias para emissão também são detalhadas.

A invenção da televisão é atribuída por Jost (2010) ao escocês John Logie Baird. Em 1925, ele promoveu a primeira amostra de imagem televisiva em Londres, na Inglaterra. Nos primeiros anos de existência, a nova mídia era conhecida como TSF, que significava "telefone sem fio". O autor destaca que o equipamento foi uma invenção que complementou o telefone, pois, além de escutar ao vivo, oferecia a possibilidade de ver.

Por outro lado, Reis (2012) afirma que a televisão, assim como outras invenções, não pode ser considerada uma inovação que partiu do trabalho de apenas uma pessoa. O autor menciona a descoberta do selênio, em 1817, pelo químico sueco Jöns Jacob Berzelius, como fundamental para o desenvolvimento do novo meio de comunicação. O motivo é a capacidade de esse elemento químico transformar a energia luminosa em energia elétrica, o que proporcionou, posteriormente, a transmissão de imagens por corrente elétrica e o consequente surgimento da televisão.

Entre 1884 e 1906, foram desenvolvidas descobertas que abriram o caminho para a invenção da TV. Reis (2012) salienta os efeitos das cargas de eletricidade no vácuo, descobertos quase simultaneamente pelo alemão Heinrich Geissler, pelo inglês William Crookes e pelo norte-americano Thomas Alva Edison. Mattos aponta que outra importante novidade foi a substituição do "selênio da célula fotoelétrica por outro elemento, derivado do potássio, dando maior sensibilidade à célula, facilitando, assim, o aumento da velocidade de transmissão das linhas" (2002, apud REIS, 2012). A descoberta foi feita por cinegrafistas alemães em 1913.

Dez anos depois, John Logie Baird e o norte-americano Charles Francis Jenkins, utilizando-se da modulação da luz, possibilitada pela variação da carga de energia, fizeram experiências com a televisão eletromecânica. Por fim, Reis define Baird como o inventor que fez "as primeiras demonstrações de imagens de rostos humanos com tonalidades de luz e sombra" (2012, p. 18).

Sérgio Reis, que foi *suíte* na primeira equipe da TV Piratini (primeira emissora do Rio Grande do Sul) e desempenhou a função em outras emissoras, detalha que a transmissão de televisão é feita dentro das seguintes etapas: a câmera e o microfone são os codificadores da

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

imagem e da voz, transformadas em impulsos eletromagnéticos e enviadas para o transmissor através de micro-ondas; o transmissor fica em cima de um morro para aumentar o alcance da transmissão; o transmissor emite o sinal da emissora através das ondas hertzianas, que é captado e decodificado pelas antenas receptoras e exibido nos aparelhos de televisão.

Em relação às micro-ondas, Reis explica que elas são necessárias nesse processo por transmitirem som e imagem. Uma emite o sinal para outra, gerando o link entre o estúdio e o transmissor. "Têm um alcance de aproximadamente 80 quilômetros. Aquele que recebe o sinal, se for ligado a um micro-ondas emissor, o sinal será emitido para outro receptor e assim, indefinidamente, pode transmitir para 300, 400 quilômetros ou mais".

Os primeiros aparelhos tinham tela pequena. Em 1937, durante a Exposição Universal de Paris, uma TV de um metro quadrado possibilitou que o público assistisse ao primeiro micropasseio ao vivo. Uma câmera colocada a algumas centenas de metros enviava imagens de pessoas que falavam a respeito de sua opinião sobre o evento, conforme explica Blanckeman (1961, apud Jost, 2010).

No início, a televisão não era um meio de comunicação independente, pois fazia a junção das características de várias mídias, tais como o rádio e o cinema. Esse panorama começou a se alterar em 1935, quando a primeira estação, a *Deutscher Fernseh Rundfunk*, foi inaugurada em Berlim, na Alemanha. Nessa década, a televisão francesa apresentou maior evolução, pois em 1936 havia emissões diárias em Paris, entre 16h e 16h30, e em 1937 os programas noturnos começaram a ser veiculados, com ênfase em variedades e documentários (JOST, 2010).

A primeira grande transmissão pública da TV aconteceu em 1937, nos Estados Unidos, com um discurso do presidente Franklin Roosevelt. Depois, houve pouco desenvolvimento em função da Segunda Guerra Mundial (FILHO, 2003). Em relação ao conflito, Reis (2012) explica que na Europa o desenvolvimento da televisão foi interrompido a partir de 1939, quando os soldados alemães invadiram a Polônia. A retomada do aperfeiçoamento televisivo no continente ocorreu somente após o fim da guerra, em 1945.

Nos Estados Unidos, por outro lado, a TV seguiu em progresso até 1941, quando suas tropas entraram definitivamente na Segunda Guerra. Em 1939, a emissora RCA transmitiu uma partida de beisebol para estrear sua nova câmera e em 1940 o órgão de controle dos veículos de comunicação do país reconheceu oficialmente a televisão (REIS, 2012).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

No Brasil, a primeira emissora foi a TV Tupi (canal 3), inaugurada oficialmente em 18 de setembro de 1950, em São Paulo. A iniciativa foi do jornalista Assis Chateaubriand. Ele era proprietário do grupo Diários e Emissoras Associados, dono de empresas de rádio e jornal.

O programa exibido na abertura chamou-se *Show na Taba*. Com apresentação de Homero Silva, foram apresentados números musicais, humorismo, dança e dramaturgia, conforme relata Filho (2003). Duzentos aparelhos foram distribuídos pela cidade para que o público acompanhasse a transmissão. Naquele momento, o Brasil era um dos poucos países do mundo a ter uma emissora de TV (PEREIRA, 2008).

As transmissões televisivas brasileiras tinham duração, nos primeiros anos após a inauguração da TV Tupi, de 14 a 15 horas ininterruptas por dia. Todos os programas eram ao vivo e voltados ao entretenimento. Entre os sucessos da época, Filho (2003) cita o *Grande Teatro,* que ia ao ar nas segundas-feiras, com a participação de diversos atores renomados, como Sérgio Brito, Ítalo Rossi e Fernanda Montenegro.

Em termos de jornalismo para a televisão, Pereira (2008) aponta o *Imagens do Dia* como a primeira experiência no país. O telejornal foi ar pela TV Tupi durante um ano. Já o primeiro programa desse segmento com maior sucesso foi, a exemplo do rádio, o *Repórter Esso,* exibido uma vez por dia entre 1953 e 1970.

Desde o princípio, a televisão brasileira utilizou como espelho a norte-americana. A primeira emissora foi fundada por um empresário, o que resultou em um panorama de caráter comercial, a exemplo do que ocorria nos Estados Unidos. Na Europa, ao contrário, as emissoras eram estatais e, como não veiculavam comerciais, tinham a manutenção de suas atividades submetidas ao pagamento de taxas pelos proprietários de aparelhos televisivos (REIS, 2012).

A concorrência com a Tupi foi firmada por emissoras como a TV Record, fundada em São Paulo em 27 de setembro de 1953, a TV Rio, inaugurada em 15 de julho de 1955 no Rio de Janeiro, e a TV Itacolomi, que surgiu em 8 de setembro de 1955 em Belo Horizonte, pertencia ao Diários e Emissoras Associados e foi a primeira fora do eixo Rio/São Paulo. A partir de 1960, cada capital brasileira tinha, no mínimo, uma emissora.

A maior emissora do país, a TV Globo, atual Rede Globo, foi inaugurada em 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, pelo jornalista Roberto Marinho. Kilpp (2000) afirma que o

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

novo canal entrou no mercado de forma agressiva, com subordinação programática e comercial. Filho (2003) entende que a Globo conquistou a hegemonia nacional em um período em que as emissoras eram praticamente estaduais.

Por outro lado, Oliveira Sobrinho conta que a emissora carioca iniciou com resultados de audiência abaixo do esperado e uma estrutura insuficiente para competir com a concorrência. "A emissora tinha os melhores equipamentos de estúdio, mas nenhuma unidade móvel para externas" (2011, p. 142). Na época, um jogo de futebol teria sido transmitido com uma hora de atraso. A reestruturação aconteceu anos mais tarde, justamente quando o autor, mais conhecido como Boni, e Walter Clarck assumiram a direção.

Outro fator teria impulsionado a Globo nos seus primeiros anos de trajetória: a cumplicidade de Roberto Marinho com o governo militar. Reis reitera que a emissora tinha benefícios aduaneiros e outros, enquanto canais como a TV Excelsior eram prejudicados. "A estrutura política montada por Roberto Marinho, junto ao Governo Federal, foi, tanto quanto a capacidade e criatividade dos seus executivos, essencial para o desenvolvimento da TV Globo" (2012, p.33).

Em 1968 foram instaladas, pela Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel), as ligações de micro-ondas em todo o país. O avanço tecnológico possibilitou a interligação do Brasil inteiro. Reis (2012) destaca que a partir da Embratel os programas passaram a ser reproduzidos em tempo real para todo o território nacional, o que não acontecia anteriormente. Bergesch (2010) acrescenta que, a partir das micro-ondas, começaram a ser instaladas as antenas parabólicas para a recepção do sinal e foi introduzido o satélite de telecomunicações.

Em 1969, a Globo lançou o *Jornal Nacional*, o primeiro telejornal do país em tempo real, inovação proporcionada pelas micro-ondas ligando todo o Brasil, viabilizadas a partir da Embratel. Outro programa de destaque foi a novela *Irmãos Coragem*, transmitida em horário nobre. Filho considera que a emissora "foi conquistando toda a audiência, tomando telespectadores das outras emissoras, acabando de vez com a tevê estadual" (2003, p. 34).

Se a transmissão para todo o território nacional se potencializou no mesmo ano do lançamento do *Jornal Nacional*, nos anos 70 foi instalado no Brasil o sistema de transmissão via satélite, o que favoreceu o agrupamento das emissoras em redes. Bergesch (2010) explica

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

que as matrizes passaram a produzir conteúdos, que eram retransmitidos via satélite para as afiliadas.

Este capítulo trouxe elementos da evolução do setor televisivo mundial e brasileiro. As emissoras se expandiram, tanto em quantidade como em alcance, entre os anos 50 e 70. Como está descrito na próxima parte, ainda na primeira década da TV no Brasil, o Rio Grande do Sul iniciou a sua trajetória dentro do segmento.

3.3.1 TV no Rio Grande do Sul

Os três primeiros canais televisivos no estado e as suas contribuições para o setor são abordados neste capítulo. A pesquisa também trata das evoluções tecnológicas, que permitiram, inclusive, que a TV do Rio Grande do Sul promovesse a primeira transmissão a cores do Brasil.

A primeira emissora no estado foi a TV Piratini (canal 5), pertencente ao grupo de Assis Chateaubriand e fundada em Porto Alegre no dia 20 de dezembro de 1959. Antes da inauguração, aconteceram testes para verificação da qualidade técnica das transmissões. Em alguns momentos, sem hora definida, filmes eram passados. As pessoas foram aos poucos comprando os primeiros aparelhos, antes mesmo de a emissora começar a programação oficialmente (BERGESCH, 2010).

Antes da inauguração, um dos principais desafios encontrados pela TV Piratini foi conseguir montar uma equipe de trabalho qualificada. Os gaúchos ainda não tinham conhecimento sobre esse meio de comunicação, e bancar profissionais experientes, vindos do centro do país, teria um custo muito elevado.

Conforme Reis (2012), a solução foi encontrada pelo diretor-geral da TV Tupi do Rio de Janeiro, José de Almeida Castro. Na então capital federal, ele promoveu o 1º Curso de Preparação de Profissionais de Televisão do Brasil. Os 40 alunos vieram de Porto Alegre, Salvador e Recife. O autor, que participou do curso e foi um dos precursores da televisão no estado, conta alguns detalhes da experiência (2012, p. 44 e 45):

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> Foram quatro meses no Rio de Janeiro, ou melhor, na TV Tupi. Diariamente, entrávamos na televisão por volta das oito horas e saíamos à uma da madrugada. Muitas vezes, em que avançamos na madrugada, dirigindo o programa educativo de Gilson Amado (que terminava às 2h da manhã), dormia-se lá mesmo, em sofás de cenários. Desde agosto, até novembro, morávamos em hotel, com todas as despesas pagas, e recebendo nossos salários integralmente e em dia, o que não era hábito nos Diários e Emissoras Associados. Após quatro meses de aulas diárias e provas práticas, aqueles entusiastas profissionais realizaram programas, com a participação de artistas veteranos, como exames finais, transmitidos nas madrugadas da Tupi.

Enio Rockenbach foi o dono da primeira voz transmitida pela televisão no estado. No mesmo dia da inauguração houve a veiculação da notícia e de imagens de um incêndio que atingiu uma loja no centro da capital. Bergesch (2010) conta que o Departamento de Cinema e Reportagem, orientado pelo diretor de telejornalismo da TV Tupi do Rio de Janeiro, Maurício Dantas, foi enviado para o local do sinistro para registrar as cenas e colher informações.

No início, a veiculação de programas do canal 5 iniciava às 19h25 e seguia até as 22h30. Mais tarde, o início da programação passou para o meio dia, se estendendo até a 1h do dia seguinte. Mais de 90% dos programas eram feitos dentro dos estúdios, sempre ao vivo. As externas raramente aconteciam, devido ao tempo ocioso resultante do deslocamento e montagem das poucas câmeras disponíveis (BERGESCH, 2010).

O autor também salienta que as primeiras transmissões tinham conteúdo voltado para a teledramaturgia, jornalismo e variedades. Entre os destaques estavam shows de música, programas produzidos pelas TVs Tupi do Rio e de São Paulo e os enlatados, que eram séries de filmes produzidos nos Estados Unidos. Em programas como *Gladys e seus bichinhos*, artistas vinham de outros estados uma vez por semana para realizar a apresentação.

O telejornalismo na TV Piratini surgiu praticamente junto com a emissora através da apresentação de dois jornais: o *Repórter Esso* e o *Diário de Notícias na TV*. O primeiro era veiculado de segunda a sexta-feira, às 20h, com 15 minutos de duração. O noticiário foi ao ar entre 2 de janeiro de 1960 e 31 de dezembro de 1965. As imagens de acontecimentos nacionais e internacionais eram geradas pela United Press International (UPI) e enviadas para Porto Alegre das centrais de distribuição do Rio de Janeiro e São Paulo. O atraso entre os acontecimentos e a veiculação era de quatro a cinco dias, mas a repercussão em território gaúcho não era menor em função da defasagem de tempo (REIS, 2012). O noticiário também era veiculado na TV Tupi, no Rio de Janeiro, TV Difusora, em São Paulo, TV Itacolomi, em Belo Horizonte, TV Itapoã, de Salvador, e TV Vitória, de Vitória. O outro telejornal era

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

veiculado de segundas a sextas-feiras, com 25 minutos de duração, sendo o último programa do dia.

No final da década de 50 e início dos anos 60, o modo como os telespectadores acompanhavam a programação era diferente da atual. Os aparelhos eram mais caros e apenas algumas pessoas podiam adquirir. Reis (2012) diz que a partir dessa realidade surgem os "televizinhos", que eram pessoas que residiam próximo às casas que já possuíam receptores e iam até essas residências para assistir TV. A prática era comum também em outras cidades brasileiras.

A partir do aumento na quantidade de receptores em Porto Alegre e no interior, a publicidade se intensificou na TV. Entre os primeiros anunciantes estão as empresas *Gasolina Ipiranga, Cigarros Sinimbu, Fogões Geral, Ibraco, Volkswagen* e *Varig*. Os anúncios eram feitos ao vivo. Nos anos 50, apesar de haver maior interesse dos patrocinados na nova mídia, apenas 1% dos recursos de publicidade no país eram destinados à TV. Conforme pesquisa da agência de publicidade JW Thompson, 40% eram direcionadow para o rádio, 30% para as revistas e 25% para os jornais. Ao final da década de 60, conforme pesquisa da mesma agência, o cenário inverteu: 43% dos recursos para a televisão, 23% para as revistas, 16% para os jornais e 13% para as rádios (BERGESCH, 2010).

Uma das mudanças mais significativas nas primeiras décadas da televisão no estado foi a utilização do videotape, que possibilitou a gravação de programas e comerciais para posterior reprodução. Na TV Piratini, o VT chegou em dezembro de 1961, inicialmente sem a possibilidade de edição das imagens. Equipamento que permitia a edição foi introduzido na rotina produtiva da emissora no ano seguinte. Reis (2012) observa que alguns programas passaram a ser gravados e outros continuaram ao vivo.

Kilpp (2000) diz que o VT trouxe dificuldades para a televisão no Rio Grande do Sul em manter a veiculação de programas locais. Os chamados "enlatados", que eram produções do Rio de Janeiro e de São Paulo que vinham prontas para serem veiculadas, adquiriram qualidade técnica. Por outro lado, a autora salienta que o VT trouxe maior perfeição aos programas, pois possibilitava eliminar os ruídos das mensagens através das edições.

A TV Piratini teve o privilégio de trabalhar por três anos sem concorrência no estado. Sua concessão foi cassada em julho de 1980 pelo governo do militar João Baptista Figueiredo. Na ocasião, outras seis emissoras da Rede Tupi dos Diários e Emissoras

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Associados passaram pelo mesmo procedimento. O canal 5 foi repassado, no ano seguinte, à TVS, atual SBT (REIS, 2012).

Em 29 de dezembro de 1962, o Rio Grande do Sul viu nascer sua segunda emissora de televisão: a TV Gaúcha (canal 12). Instalada a cerca de 400 metros da TV Piratini, a nova empresa preencheu uma lacuna que sua concorrente não explorou, que foi a integração com a comunidade por meio de campanhas beneficentes. Reis (2012) conta que nos três primeiros anos de atuação, a TV Gaúcha promoveu anualmente o programa *Pedágio do Carinho*, que consistia na instalação de um posto de arrecadação de dinheiro para destinação a entidades carentes. As pessoas depositavam alguma quantia. Profissionais transmitiam o evento durante todo o dia e entrevistavam as pessoas que faziam doações.

A TV Gaúcha foi adquirida em 1964 pela TV Excelsior, fundada em São Paulo em 1959. Quatro anos depois, os empresários Maurício e Jayme Sirotsky, que anteriormente já eram sócios da emissora, readquiriram 100% das suas ações. Naquele ano, as duas emissoras do estado tinham programação de segunda a sexta-feira das 15h às 23h30 e aos finais de semana das 10h às 23h30 (REIS, 2012).

A emissora se integrou à TV Globo, que começava o processo de estruturação para Rede Globo, em 28 de setembro de 1970. Na mesma década foi criada a Rede Brasil Sul de Comunicações, que abrangia, entre outros, a TV Gaúcha e o Jornal Zero Hora. Na sequência, a denominação mudou para Grupo RBS e, por fim, apenas RBS (REIS, 2012).

Atualmente, a RBS é a maior das 121 emissoras afiliadas à Rede Globo e também a maior rede regional de televisão da América Latina. O grupo possui 18 afiliadas no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, cobrindo 99,7% dos domicílios que possuem televisão nos dois estados. A rede tem cerca de 15% da grade de programação voltada a conteúdos locais, a maior produção nesse segmento no Brasil (SILVEIRA; STÜRMER, 2009).

Merece destaque na história televisiva do Rio Grande do Sul a primeira transmissão a cores em território nacional. Essa inovação começou a se concretizar no dia 10 de outubro de 1969, quando foi inaugurada, em Porto Alegre, a TV Difusora (canal 10), pertencente à Ordem Franciscana, dos Freis Capuchinhos. O diferencial da terceira emissora criada em solo gaúcho era a infraestrutura para possuir equipamentos de transmissão a cores. A prática, inédita no Brasil até então, era realidade nos Estados Unidos desde a década de 1950.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

No dia 7 de fevereiro de 1972, a TV Difusora passou a transmitir em cores durante sua programação regular, das 14h às 14h30. A primeira transmissão colorida para todo o Brasil aconteceu no dia 19 daquele mês. O desfile inaugural da Festa da Uva de Caxias do Sul foi ao ar e proporcionou aos brasileiros, através da transmissão em cadeia pelas grandes redes nacionais, a primeira oportunidade de assistir imagens a cores na televisão.

Na época, poucos brasileiros tinham acesso a televisores a cores devido ao preço elevado. Porém, em seguida a indústria nacional começou a produzir os aparelhos em escala, aumentando consideravelmente o consumo desse tipo de equipamento. Bergesch afirma que a TV Difusora, devido à inovação promovida, se tornou referência em todo o país. "Pela primeira vez uma emissora independente de redes nacionais liderou a audiência (isso por quase três anos) superando localmente as grandes redes Globo e Tupi" (2010, p.167). O autor acrescenta que caso semelhante não voltou a acontecer na televisão brasileira.

Para Bergesch (2010), a TV no Rio Grande do Sul possui uma particularidade: a exigência de programas locais pelo público. Essa característica perpassa programas dos mais variados gêneros, como jornalísticos, esportivos e tradicionalistas. O povo gaúcho, mesmo que seja consumidor dos programas transmitidos a partir do centro do país, tem a exigência peculiar de ouvir e assistir a linguagem e a cultura local.

Como descrito neste capítulo e no anterior, a televisão chegou e se consolidou no Brasil nos anos 50, 60 e 70. O setor trouxe profissionais e determinou tendências do rádio, mas também criou seu próprio caminho. A audiência e a publicidade aumentaram paralelamente às melhorias na qualidade das transmissões. O rádio precisou se reestruturar para não perder espaço. As etapas dessa fase do setor radiofônico estão especificadas na próxima etapa da pesquisa.

3.4 Da "fase vitrolão" à reestruturação do rádio

A consolidação da televisão no mercado nacional levantou a hipótese de encerramento das transmissões radiofônicas. As imagens do novo meio de comunicação encantaram o público, o que causou a migração de profissionais, audiência e, consequentemente,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

anunciantes. Os caminhos trilhados pelo rádio para garantir a continuidade de seu trabalho são tema do presente capítulo.

Zucoloto (2004) descreve o período que inicia nos anos 50 e abrange toda a década de 60 como "fase vitrolão" do rádio brasileiro. A denominação faz referência ao fato de que muitas emissoras passaram a rodar discos durante a programação, sem poder veicular programas de auditório e radionovelas, que outrora fizeram grande sucesso.

O momento descrito por Tinhorão (1981, apud Ferraretto, 2001) como o fim da "era de ouro" aconteceu no dia 11 de junho de 1955. No Maracanzinho, no Rio de Janeiro, foram realizadas as comemorações dos dez anos do *Programa César de Alencar*. Dezoito mil pessoas prestigiaram o evento.

Apesar de a televisão ter surgido no país nos anos 50, foi na década seguinte que passou a ter quantidade significativa de aparelhos. Por essa razão, "entre os anos de 1920 e 1960, o rádio foi o principal veículo de comunicação de massa do Brasil" (CÉSAR, 2005, p. 200). Sobre essa afirmação, Ferraretto (2001) reforça que em 1955 a Rádio Nacional concorria com a televisão, contando, ao lado da TV Tupi, com contratos de exclusividade com artistas de expressão da época.

O período que inicia em 1955 e segue até a primeira metade dos anos 60 foi considerado de estagnação para o rádio, o que trouxe incômodo aos empresários do setor, que tinham até então a garantia de lucro e sucesso. Eles chegaram a declarar que havia se chegado ao fundo do poço, pois tudo o que era exclusivo das emissoras radiofônicas passou a ser atribuição da televisão (CÉSAR, 2005).

Ainda sobre a decadência, Ferraretto comenta que "a perda das verbas publicitárias foi acompanhada – e, também, motivada, pela transferência dos profissionais do rádio para a televisão. O espetáculo começa a migrar para o novo meio [...]" (2001, p. 137).

Atingindo essa fase de descrédito, era chegada a hora de iniciar um processo de reestruturação. O primeiro passo nessa nova jornada foi a utilização de um recurso tecnológico para a recepção: o transistor, inventado em 1947 nos Estados Unidos, nos laboratórios da *Bell Telephone*, pelos cientistas William Shockley, John Bardeen e Walter Brattain. O transistor passou a ser produzido no Brasil em 1955, substituindo gradativamente os rádios a válvula. Os fios e as tomadas não eram mais utilizados, e o rádio transistorizado,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

por ser portátil, proporcionava aos ouvintes a possibilidade de ouvir as emissoras em qualquer lugar e a qualquer momento.

Thomé et al. entende que o transistor surge em um momento em que as válvulas eletrônicas não permitiam novos avanços tecnológicos. “Elas eram geralmente de vidro e muito sensíveis aos choques. Qualquer batida um pouco mais forte poderia danificá-las. [...] Sua vida útil não era muito longa” (2001, p. 100 e 101).

A partir dessa tecnologia, o rádio deixou de ser um meio para ser ouvido coletivamente e passou a ter características individuais de consumo. Dessa forma, ele “rompe as alças que prendiam à sala de estar, à cabeceira das camas e outros lugares fixos, e começa a andar nos carros, a zanzar pelas casas, a acompanhar as pessoas no trabalho [...]” (CÉSAR, 2005).

O novo recurso tecnológico foi fundamental para a evolução do rádio brasileiro no período pós-televisivo. Porém, ainda não era o suficiente para reconquistar a audiência, pois o conteúdo veiculado não sofrera maiores alterações em comparação às décadas anteriores. A partir de então, o dinamismo e a instantaneidade na veiculação de conteúdos jornalísticos, que diferenciam o rádio de qualquer outro meio de comunicação, começaram a ser entendidos pelos profissionais da área como um potencial que não poderia deixar de ser aproveitado.

Surgido nos anos 50, mas consolidado nas duas décadas seguintes, o formato de programação voltado para o jornalismo, o esporte e a prestação de serviços foi uma das alternativas para dinamizar o conteúdo das rádios. Uma das consequências desse estilo foi a regionalização do meio, pois as utilidades públicas trazem informações com maior importância para a comunidade onde a emissora está inserida. Zucoloto descreve um fato que exemplifica o poder do rádio para mobilizar a população (2004, p. 38):

> Um exemplo de que o rádio informativo prestador de serviços apontava para o potencial de audiência ainda a ser explorado e o caminho a ser seguido, encontra-se na publicação comemorativa aos 20 anos da Rádio Nacional, em 1956 [...] Relatam que numa noite do final daquela década, um avião da FAB, com 14 pessoas a bordo, não conseguia pousar em Campo Grande, no Mato Grosso, porque o aeroporto estava totalmente às escuras devido a problemas na rede de energia elétrica. O piloto pediu auxílio à base aérea do Rio de Janeiro, que avisou a Rádio Nacional [...] A dois mil quilômetros de distância, naquele momento, vários carros mudaram de itinerário. Algumas pessoas saíram de casa e foram para seus automóveis. Às 23:45hs a Fortaleza Voadora descia serenamente, no meio do raio de luz que dezenas de faróis de automóveis despejavam sobre a escuridão do campo de pouso.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Quatro emissoras, principalmente, se valeram do formato jornalismo, esporte e serviços em sua programação nessas décadas: a Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, a Jovem Pan e a Bandeirantes, de São Paulo, e a Guaíba, de Porto Alegre (FERRARETTO, 2001). Sobre esta última, um dos principais triunfos aconteceu nas eleições para o governo do Rio Grande do Sul em 1958. Trinta e seis horas antes do resultado oficial, a Guaíba antecipou, com total precisão, a vitória de Leonel Brizola. Thomé et al. (2001) acrescenta que a Guaíba foi uma das pioneiras no Rio Grande do Sul a adotar programas de atualidades e entrevistas com a condução de um âncora. Esse processo iniciou em 1975, quando foi lançado o *Agora*.

Na programação da Rádio Jornal do Brasil, durante os anos 60, os noticiários receberam o incremento de boletins gravados por repórteres, com trechos de entrevistas das fontes – conhecidos como sonoras. As informações veiculadas passaram a ter formato diferente na radiodifusão brasileira, principalmente em comparação ao Repórter Esso, que se resumia à leitura de notícias pelo apresentador.

O radiojornalismo recebeu forte impulso com o repórter transmitindo informações ao vivo da rua. Acompanhando os fatos diretamente do local onde eles acontecem, esse profissional contribuiu para exaltar uma das principais características do rádio, que é a instantaneidade. As pioneiras nessa atividade foram as emissoras Continental e Jornal do Brasil, no Rio de Janeiro, e Bandeirantes e Record, em São Paulo.

A partir da presença do repórter na rua, houve diminuição no tempo entre o acontecimento e a veiculação da notícia. Segundo Del Bianco, "a cobertura ao vivo criou uma sensação de participação do ouvinte no cenário dos principais acontecimentos políticos da época" (2008, p. 5). Zucoloto (2004) entende que no período os noticiários deixaram de ser voltados exclusivamente aos jornais e às agências de notícias.

A instantaneidade que o repórter de rua proporciona às rádios passou a realçar a principal característica do meio. "O rádio trabalha melhor com notícias que requeiram uma reação rápida. Há uma flexibilidade que não existe em nenhuma outra mídia, uma vez que, comparativamente, poucas pessoas estão envolvidas no processo" (CHANTLER; STEWART, 2006, p. 9 e 10).

Mazzarino (2009) assinala que na década de 1970 as emissoras passaram a buscar a especialização, com programação voltada a determinadas camadas sócio-econômico-culturais.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Consequentemente, os comunicadores iniciaram o processo de utilização de linguagem adaptada ao público que desejam atingir.

As dificuldades para as transmissões nos anos 70 giravam em torno da falta de estrutura técnica, pois os aparelhos necessários eram grandes e precisavam ser carregados por mais de uma pessoa. Mais tarde, esses equipamentos seriam substituídos por gravadores de bolso e celulares. Além disso, como as informações do repórter chegavam aos transmissores através de linha telefônica, nem sempre era possível realizar o trabalho, já que a linha não estava em todos os lugares onde os fatos aconteciam (JUNG, 2007).

As limitações foram atenuadas nos anos 80, entre outros fatores, pela utilização do transmissor-receptor, que é um sistema de áudio que possibilita que o repórter entre ao vivo no ar para conversar com os apresentadores. Na década seguinte, os mesmos profissionais passaram a se valer dos celulares para transmitir os acontecimentos, o que contribuiu para a agilidade e possibilitou que as reportagens fossem feitas de qualquer local onde há sinal (DEL BIANCO, 2008).

Em maio de 1980, a Rádio Jornal do Brasil introduziu em sua programação o formato *all news*, importado dos Estados Unidos. O sistema original era de programação voltada exclusivamente às notícias. No entanto, Jung (2007) observa que a Jornal do Brasil veiculava as informações intercaladas com músicas. O formato durou seis anos na emissora carioca. Entre os motivos do término estiveram a falta de profissionais qualificados e a inexistência de carros equipados com transmissores para a equipe de reportagem participar ao vivo da programação.

O estilo de programação foi implantado - e aperfeiçoado - a partir de 1983 pela Rádio Gaúcha. Houve uma fusão entre o *all news* e o *all talk*. Jung (2007) define o formato como *talk show*, com a realização de várias entrevistas e poucas reportagens. Ferraretto complementa que havia mesclas de "entrevistas e notícias com a figura de um âncora participativo que conversa com o ouvinte" (2001, p. 173). Sobre esse formato, Thomé et al. (2001) diz que quando o rádio se tornou mais conversado e menos falado as emissoras passaram a deixar de exigir o padrão de voz grave dos locutores, algo que no princípio do rádio no Brasil era requisito básico para a condução de programas e noticiários.

Em outubro de 1991, a Rádio Excelsior AM, pertencente ao Sistema Globo de Rádio, se transformou em Central Brasileira de Notícias (CBN). Além do nome, a emissora mudou a

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

programação, implantando o sistema *all news*. O slogan passou a ser "A Rádio que Toca Notícia". O retorno foi tamanho que o formato continua sendo utilizado (DIAS in DEL BIANCO; MOREIRA, 1999).

Maneiras diferentes de distribuir as informações foram implantadas ao longo do tempo. Jung (2007) destaca a Rádio Bandeirantes, que introduziu a informação a cada 15 minutos. Del Bianco (2008) complementa com o conceito de repetição de notícias, que servia – e ainda serve – para atender à rotatividade na audiência, possibilitada pelos rádios transistorizados.

Sobre as mudanças na programação das rádios, Mazzarino entende que a regionalização foi a chave para a conquista de públicos específicos. "Os astros são trocados por discos e fitas gravadas, as notícias assumem o lugar das radionovelas, e as brincadeiras de auditório são substituídas por serviços de utilidade pública" (2009, p. 48).

Outro importante passo dentro do processo de contínua modificação da radiodifusão foi o surgimento das redes de emissoras. A partir da criação da Embratel pelo governo federal, em 1965, o sistema de telecomunicações brasileiro foi modernizado. Na década de 70, aproveitando-se dessa novidade, a Jovem Pan lançou o *Jornal de Integração Nacional*. Eram transmitidas notícias de vários pontos do país (JUNG, 2007).

As redes via satélite vieram nos anos 80 para aperfeiçoar a transmissão em rede. Em 1982, a Bandeirantes introduziu o programa *Primeira Hora*, com apresentação para 25 emissoras. A partir da década de 1990, as redes se espalham por todo o Brasil. Jung (2007) cita como exemplo a Gaúcha Sat, de Porto Alegre, que chegou a ter 116 afiliadas em nove estados. Para Mazzarino (2009), as redes tornaram o rádio novamente o grande vendedor nacional, pois o tornou um meio com garantia de veiculação dos comerciais nos horários determinados.

A possibilidade de melhorar a qualidade sonora resultou na implantação no Brasil de uma tecnologia surgida antes da Segunda Guerra Mundial nos Estados Unidos: as emissoras em frequência modulada (FM). Ferraretto (2001) conta que em 2 de dezembro de 1970 foi inaugurada em São Paulo a Rádio Difusora, a pioneira em território nacional nas transmissões exclusivas em FM. Embora o alcance fosse menor em comparação com as emissoras em amplitude modulada (AM), a qualidade do som se mostrava superior.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

O surgimento da FM teve relação direta com interesses do governo militar. César (2005) observa que havia a intenção de interiorizar o rádio, e a frequência modulada, em função das ondas curtas, representava a possibilidade de instalação de emissoras em áreas não abrangidas pelas que operavam em amplitude modulada. Na mesma linha, Del Bianco (1993, apud FERRARETTO, 2001) constata que a expansão das FM tinha total interesse político, pois combatia a chegada de emissoras estrangeiras através do resguardo dos valores culturais.

A história mostra que o rádio brasileiro sempre buscou se espelhar no estilo norte-americano, e foi nesse contexto que a rádio Cidade FM, do Rio de Janeiro, passou a focar no público jovem, com a veiculação de músicas e se valendo de locutores com linguagem própria para esse tipo de ouvinte. A partir de 1977, quando a emissora é criada, os comunicadores trabalham com humor e fazem brincadeiras com os ouvintes, conforme observa Ferraretto (2001).

A programação que se pretendia mais descontraída é vista por César (2005) como uma revolução no rádio brasileiro. Na década seguinte à criação da Rádio Cidade, 80% das verbas de publicidade destinadas para o meio iam para as emissoras que operavam em frequência modulada.

A partir do momento em que a FM se consolidou, iniciou a segmentação no rádio brasileiro. "[...] começa um processo crescente de divisão entre as emissoras musicais que exploravam a qualidade do som da FM e as rádios AM cuja programação girava em torno do jornalismo, do esporte e do serviço" (FERRARETTO, 2001, p. 168). A primeira emissora em frequência modulada com foco exclusivo no jornalismo foi a CBN, de São Paulo, a partir de 1996.

As inovações tecnológicas sempre estiveram diretamente relacionadas ao desenvolvimento do rádio. Na década de 1990, a maior evolução foi a incorporação da informática para qualificar a parte técnica das transmissões. Foram criados *softwares* que digitalizaram o sinal e possibilitaram a edição e reprodução de comerciais e vinhetas. Equipamentos como cartucheiras, cassetes e gravadores de rolos foram substituídos pelos aparatos tecnológicos (CÉSAR, 2005).

Essa modernização na produção foi imprescindível para a evolução radiofônica observada atualmente. Devido a uma rede entre computadores nas redações, integrada com a central técnica da emissora, os jornalistas agora podem fazer edição de gravações e emendar

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

sonoras de matérias que já foram veiculadas ou arquivos de áudio gravados, fazendo assim as chamadas reportagens produzidas, com o auxílio de programas como o *Sound Forge* e o *Audacity*. Isso possibilita a colocação da sonora de diversas fontes envolvidas em uma mesma matéria, de forma sucinta, sem a necessidade de veicular uma entrevista longa.

Nos anos 2000, as emissoras passaram a investir na própria marca, muitas vezes promovendo megaeventos. César (2005) explica que a distribuição de brindes de patrocinadores foi substituída por produtos com a logomarca da rádio. Assim, as oportunidades de negócios aumentaram na mesma proporção das novas parcerias comerciais.

A maior novidade dessa década, porém, se centra nas transmissões pela internet. A programação de uma emissora pode ser acompanhada de qualquer parte do mundo. Além disso, com as notícias geradas nos sites, o que foi veiculado ao vivo não se perde mais no tempo e no espaço, pois é possível acessar o conteúdo clicando no link da reportagem e ler o texto, ouvir o boletim e ver imagens e vídeos, transformando o repórter de rádio em um profissional multimídia.

A próxima inovação a ser consolidada no Brasil é o rádio digital. Trata-se de uma nova tecnologia que permite ouvir as emissoras AM com som de FM e as FM com som de CD. Entre outros benefícios disponibilizados pelo moderno aparelho, estão - através de um *display* acoplado no painel do carro, por exemplo - nome do cantor de determinada música, notícias selecionadas, programação diária da emissora, cotação da bolsa de valores.

O rádio digital recebe sinal de até 100 canais de radiodifusão em ondas curtas, médias e FM diretamente de satélites. A tecnologia possibilita ouvir emissoras de todo o planeta sem ruídos, conforme explica Mazzarino (2009). A autora entende o momento como um "redescobrimento" desse meio de comunicação na sociedade de todo o mundo, desfazendo fronteiras culturais.

Com o passar das décadas, portanto, o impacto da invenção da televisão foi superado pelo setor radiofônico com inovação das tecnologias de transmissão e recepção e através da qualificação dos profissionais, seja os que trabalham em emissoras jornalísticas ou os que atuam nas rádios musicais.

O rádio passou a investir na instantaneidade e em programas dinâmicos, características que hoje são inerentes à produção de conteúdo desse meio de comunicação. O foco também

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

passou a ser a regionalização das emissoras, principalmente a partir das décadas de 1960 e 1970. Nesse sentido, Del Bianco observa que "a televisão formava cadeias nacionais e comandava a cobertura dos grandes acontecimentos, enquanto o rádio delimitava sua influência na cidade ou na região, dirigindo-se à comunidade" (2008, p. 4).

Conforme apresentado nesta etapa, os papeis do rádio e da TV ficaram definidos com o passar do tempo. Após um período de descrédito, o setor radiofônico entendeu a sua função e trabalhou no aprimoramento das técnicas que permitiram torná-lo o mais ágil de todos os meios. No capítulo seguinte, a pesquisa ingressa na abordagem do fenômeno rádio x TV no Vale do Taquari.

3.5 Evolução do rádio no Vale do Taquari[1]

O início da radiodifusão no Vale do Taquari é o tema deste capítulo. Após a abordagem da evolução do rádio em decorrência do surgimento da TV, a pesquisa se centraliza na região onde a Rádio Independente está inserida. Antes de iniciar o histórico da emissora, no entanto, se faz necessário trazer elementos do contexto do surgimento e da solidificação desse meio de comunicação na área geográfica específica.

A década de 1920 marcou a chegada e as primeiras experiências com rádio no Brasil. A transmissão pioneira ocorreu em 7 de setembro de 1922, a instalação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro foi concretizada em 22 de setembro de 1923 e a Rádio Sociedade Sul Rio-Grandense, a precursora no Rio Grande do Sul, iniciou seus trabalhos em 7 de setembro de 1924. A radiodifusão foi, portanto, um dos marcos desse período.

No Vale do Taquari, região localizada no centro do Rio Grande do Sul e composta por 36 municípios, onde residem 327.822 pessoas (UNIVATES, 2014), a comunicação radiofônica começou a receber os primeiros admiradores na mesma época. O pioneiro no segmento foi o empresário e político Adão Henrique Fett. Natural de Bom Retiro do Sul, ele foi prefeito de Estrela por dois mandatos e deputado estadual. O interesse de Fett por rádio foi

[1] As informações sobre rádio na região nos capítulos *Evolução do Rádio no Vale do Taquari* e *Nasce "A Voz Amiga do Vale"* foram extraídas do livro ***Rádio Independente - 60 anos no ar*** (SCHIERHOLT, 2011).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

despertado em 1922, aos 18 anos, durante as comemorações do centenário da Independência no Brasil. Ele estava no Rio de Janeiro e acompanhou de perto a primeira transmissão radiofônica em território nacional.

O fascínio pelo meio de comunicação foi incrementado a partir do ano seguinte, quando se alistou na 3ª Companhia do Parque Aeronáutico, em Santa Maria. Além do aprendizado em mecânica e aeromodelismo, ele adquiriu conhecimento sobre rádio de galena. De volta ao Vale, Adão Henrique foi o pioneiro no radioamadorismo, sendo o primeiro a montar aparelhos receptores, em Estrela.

Lajeado, a maior cidade do Vale do Taquari, – com população estimada em 76.187 habitantes (IBGE, 2014) - teve a sua primeira emissora ainda nos anos 20: a Rádio Cometa. A rádio foi instalada em 1928 de forma experimental por um grupo de amadores em um prédio na rua Borges de Medeiros. Os pioneiros foram Donga Menezes, Rudi Uhry, Egon Geiger, Balduíno Feldkirch, Gaspar Veloso e Romeu Schardong. A potência era 25 a 30 watts e a "torre de transmissão" foi feita com madeira e taquara. A emissora encerrou suas atividades em 1932. Um ano depois, houve a tentativa de instalar a Rádio Clube de Lajeado, que também não passou da fase experimental, finalizando as transmissões em 1936.

Na época, os aparelhos de rádio eram caros e, por isso, poucos tinham acesso. Na maioria dos casos, os receptores eram importados. A exemplo do que ocorria na capital do estado, emissoras de ondas curtas de países como Alemanha e Argentina eram sintonizadas nos equipamentos à bateria, que ficavam expostos na sala de estar. Entre as rádios brasileiras, as mais ouvidas eram a Gaúcha, a Farroupilha e a Difusora.

Nos anos 40, o rádio poste era atração para as pessoas que caminhavam no centro de Lajeado. O Serviço de Alto-Falantes Lajeado Ltda., de propriedade de Francisco Donga Menezes, tinha amplificadores instalados em postes de luz e telefone nas ruas Silva Jardim, Marechal Deodoro, Júlio de Castilhos e Francisco Oscar Karnal, na avenida Benjamin Constant, em frente à Prefeitura Municipal e junto à Praça Marechal Floriano.

A locutora de maior destaque foi Lygia Biermann, apresentadora do programa *Você sabia que...*, exibido aos domingos por volta das 18h. O conteúdo era referente a fatos cotidianos da cidade. O rádio poste também divulgava anúncios, informações e música popular. O serviço na cidade resistiu até o fim da década de 1940. Pelos registros do autor, tiveram experiências semelhantes os municípios de Encantado e Venâncio Aires.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Como foi descrito neste capítulo, a introdução da radiodifusão na região despertou o interesse pela instalação de emissoras. A Rádio Independente chegaria nos anos 50 para, inicialmente, ser mais uma opção para os ouvintes. O assunto é o tema do capítulo a seguir.

3.5.1 Nasce "A Voz Amiga do Vale"

A evolução da radiodifusão era notável no Vale do Taquari no final da década de 1940. Em Estrela, entrou no ar a Rádio Alto Taquari (atual Rádio do Vale AM 820 – emissora do Grupo Independente) em 10 de julho de 1948. Apesar de estar no município vizinho, eram as empresas de Lajeado que contribuíam com cerca de 80% das verbas publicitárias da emissora. Diante desse cenário, como veremos nesta parte da pesquisa, os caminhos estavam abertos para a criação de uma emissora lajeadense. O capítulo trata da primeira década da história da Independente.

Em 1950, integrantes da Associação Comercial e Industrial de Lajeado (Acil), liderados pelo presidente Pedro Albino Müller, passaram a procurar subscritores em forma de cotas para fundar uma rádio na cidade. Foram 96 cotistas que colaboraram para que a nova emissora se tornasse possível financeiramente. Cada cota teve o custo de Cr$ 1.000,00 (mil cruzeiros), sendo que o capital social foi de Cr$ 300.000,00 (trezentos mil cruzeiros). O primeiro diretor-presidente foi o empresário Otávio Trierweiler, natural de Bom Retiro do Sul.

O nome escolhido para a emissora, Rádio Independente Ltda (ZYU-25 na época, hoje 950 AM), teve relação direta com a "independência" que Lajeado passaria a ter em relação a Estrela no quesito radiodifusão, fruto do bairrismo vigente nas duas maiores cidades da região. Além disso, a denominação é consequência do fato de a rádio não pertencer a nenhuma rede, ao contrário da Alto Taquari, que integrava as Emissoras Reunidas. Assim, se dizia que a rádio lajeadense não teria nenhuma ligação político-partidária.

A primeira sede da Rádio Independente foi o segundo pavimento do prédio da Acil, na rua Silva Jardim, nº 74. Após a formação da primeira diretoria e da garantia do capital, foi feita a constituição da parte técnica. O trabalho foi coordenador pelo engenheiro e projetista de rádio Homero Carlos Simon, responsável pelos projetos técnicos de 170 emissoras no

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

estado, entre elas a Rádio Guaíba, de Porto Alegre. O radiotécnico Francisco Donga Menezes auxiliou no processo de instalação.

A autorização para que a emissora entrasse no ar de forma experimental foi concedida em 21 de setembro de 1950. Em depoimento para o livro dos 60 anos da Independente, Erni Teixeira da Silva, que participou das primeiras transmissões, relata como foi a fase de testes:

> Então, a gente identificava a emissora, tocava uma musiquinha e dizia: "esta é a Rádio Independente de Lajeado em caráter experimental. Gostaríamos de receber do prezado ouvinte informações de como estamos sendo recebidos". [...] As pessoas ligavam de vários lugares, como Teutônia, Cruzeiro do Sul e Bom Retiro do Sul (SCHIERHOLT, 2011, p. 38).

A inauguração oficial da emissora ocorreu no dia 1º de abril de 1951, um domingo. Cerca de 50 pessoas participaram da cerimônia, entre autoridades, cotistas, funcionários, visitantes da Rádio Gaúcha e a comunidade. A primeira voz a falar nos microfones após a inauguração foi a de Ney Santos Arruda, o primeiro gerente da rádio.

Entre 1951 e 1962, a emissora foi administrada por seis gerentes. A época é caracterizada por Schierholt como de "amadorismo e romantismo". O foco da programação eram programas musicais e de entretenimento. A Independente era conhecida como "A Voz Amiga do Vale". O jornalismo, embora existisse, tinha pouco espaço.

A licença para funcionamento se estendia das 9h às 18h. Em comparação com a Alto Taquari, o horário era limitado, motivo pelo qual os estrelenses denominaram a nova estação de "rádio galinha". A programação inicial tinha, entre outros, o programa *Bom Dia*, o primeiro da manhã, e o *Rádio Repórter Ardomé*, produzido e apresentado pelo gerente Ney Arruda e com patrocínio da Sociedade Industrial Ardomé Ltda., de Arroio do Meio. Seguindo a técnica do g*illette press*, as informações eram obtidas a partir da leitura de jornais. A rádio escuta também era praticada.

A programação seguia com músicas de discos de vinil. Na hora cheia eram transmitidas notícias. Ao meio dia, ia ao ar um noticiário e informações esportivas. Os primeiros locutores foram contratados a partir de um teste. Entre os aprovados estão Nelson Santi, Luiz Gonzaga Brandão Neto, Helmar Hugo Schumacher e Enio Rockenbach, que posteriormente foi apresentador substituto do *Repórter Esso*, na Rádio Farroupilha.

Os programas de auditório, que viriam a ser um dos carros chefe anos mais tarde, já eram realizados em 1952, quando o gerente era Norberto Scheer. Em depoimento ao livro dos

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

60 anos da emissora, ele lembra que "aos domingos ocorria um programa de auditório" (SCHIERHOLT, 2011, p. 48). Um dos nomes de destaque desse segmento foi Elio Pedro Weimer, mais conhecido como Elinho. Ele trabalhou na Independente de 1959 a 1979 e apresentou programas como *Rancho da Amizade*, *Casa de Caboclo*, *Grande Rodeio Independente* e *Rancho Alegre*, além de transmitir bailes. O formato dos programas de auditório normalmente consistia na apresentação de artistas, principalmente duplas sertanejas, que vinham de diversos lugares da região para tocar na rádio. Em depoimento para o livro de Schierholt, Weimer afirma que nos domingos pela manhã o auditório estava sempre lotado.

Os musicais, que também fizeram sucesso, tiveram como um dos precursores o programa *Manhãs Gaúchas*, que iniciou em 1953, das 9h às 10h15, e foi ao ar por 32 anos. Por cinco anos, a partir de 1955, o cantor nativista Vitor Mateus Teixeira, o Teixeirinha, um dos tradicionalistas mais conhecidos do Rio Grande do Sul, então no começo da carreira, foi apresentador de programas de auditório e musicais na emissora.

Entre 1952 e 1955, – a data precisa é falha devido à falta de registros históricos - houve a ampliação do horário de funcionamento. A solicitação partiu do então prefeito municipal, Bruno Born, para o ministro de Trabalho, Indústria e Comércio, João Goulart. Baseado em pesquisa nas edições do jornal *A Voz do Alto Taquari* de 2 de janeiro de 1955 e 10 de fevereiro de 1955, Schierholt detalha a programação da emissora. O primeiro programa iniciava às 7h e o último tinha início às 19h05. Entre as atrações estavam *Alvorada dos Pampas*, *O Bom Dia do Vale do Taquari*, *Manhãs Gaúchas*, *Noticiário U 25*, *O Esporte em Desfile* (programa de debates esportivos atualmente chamado de *Esportes em Desfile*), *Salve o Baião*, *Tangos e Boleros*, *Sucesso para o Carnaval de 55* e *No Mundo da Bola*. De hora em hora, eram transmitidos os noticiários da Rádio Gaúcha.

Não demorou para que a ZYU-25 passasse a transmitir radionovelas, já consagradas nas rádios das capitais brasileiras. Escrita por Nadja Lopes da Silva, funcionária da rádio, a primeira peça foi ao ar no dia 15 de setembro de 1955. A escritora chegou a vender duas peças para a Rádio Gaúcha. Por outro lado, radionovelas apresentadas em Porto Alegre vinham a Lajeado para serem interpretadas por artistas da casa e receberem sonoplastia local. As apresentações eram sempre ao vivo.

O sucesso de programas de auditório, radionovelas e radioteatro era tamanho que o auditório, de 42 metros quadrados, começou a ficar pequeno. O projeto de ampliação da área

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

onde o público assistia às peças foi do gerente Aray Mello Christ, em 1955. A obra somente foi realizada na gestão de Oswaldo Carlos van Leewen, entre 1961 e 1962. O auditório passou a ter área de 96,6 metros quadrados, ampliando a capacidade de 120 para 250 poltronas, aproximadamente. Também foi construído um estúdio moderno para a produção de radionovelas.

O trabalho de Oswaldo Carlos van Leewen teve como marcas, conforme o próprio depoimento para o livro em comemoração aos 60 anos da rádio, a regionalização das notícias, a formação de equipe qualificada para coberturas externas e para apresentação de radionovelas e radioteatro e a constituição de um conjunto musical para tocar nos programas de auditório. As melhorias alcançadas traduzem bem a década inicial de funcionamento da ZYU-25, caracterizada principalmente por entretenimento e diversão para os ouvintes.

Na área esportiva, um dos registros mais antigos de transmissão de uma partida de futebol data de 12 de setembro de 1955. O narrador Erny Teixeira contou as emoções do jogo entre Clube Esportivo Lajeadense e Grêmio, em Lajeado, com início às 21h45. O time de Porto Alegre venceu por 3 a 1.

A cobertura eleitoral, hoje um dos maiores trunfos da emissora, já era realizada na primeira década de existência da Independente. O registro encontrado por Schierholt no jornal *Voz do Alto Taquari* de 2 de outubro de 1958 informa que, no pleito estadual de 3 de outubro daquele ano, que elegeu Leonel de Moura Brizola para governador, seis repórteres da rádio realizariam o acompanhamento do processo, com boletins às 7h, 10h05, 12h05, 18h05 e 23h. A apuração dos votos foi acompanhada do Fórum de Lajeado. O comando da programação foi de Oscar Chaves Garcia, então gerente da rádio.

O presente capítulo contextualizou o surgimento da Rádio Independente e a sua primeira década de funcionamento. A programação, como no restante do país, era voltada ao entretenimento, com radionovelas, radioteatro, musicais e programas de auditório. A informação tinha espaço, embora limitado. O foco das atrações da emissora passaria por uma alteração décadas mais tarde, muito em função da chegada da televisão à região, que será abordada no próximo capítulo.

3.6 TV no Vale do Taquari

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Esta etapa do trabalho aborda o surgimento e a evolução da televisão no Vale do Taquari nas décadas de 1960 e 1970. Foram realizadas entrevistas com Paulo Hofmeister, proprietário da loja Ireno Hofmeister, que vendia e consertava televisores na cidade, conforme o Anexo A, e Valdir Appelt, funcionário entre 1965 e 1972 da loja Hexsel S/A, também especializada na venda dos aparelhos, conforme o Anexo B. A pesquisa ainda se vale de um e-mail do jornalista da Rede Globo Alexandre Garcia, que residia na época na região e tem conhecimento sobre o surgimento da TV no Vale.

O centro do país teve contato com a televisão já em 1950, quando foi inaugurada em São Paulo a TV Tupi. No Rio Grande do Sul, a primeira emissora, a TV Piratini, seria fundada nove anos mais tarde. O surgimento do canal 5 de Porto Alegre impulsionou a chegada dos primeiros aparelhos ao estado, inclusive no interior. Foi seguindo essa lógica que em 1960 o Vale do Taquari recebeu os seus primeiros televisores.

Alexandre Garcia recorda que no início daquele ano já havia a comercialização dos equipamentos. O pai da então namorada do jornalista, Alberto Fluck, era proprietário da loja Alberto Oscar Fluck & Cia, no centro de Lajeado. Os aparelhos eram da marca Phillips e ficavam expostos na vitrine. “Ficava uma multidão diante da loja, vendo aquela grade de ajuste de sinal com música de Tchaikowski por Ray Connif, esperando os programas em preto e branco”.

O canal disponível era a TV Piratini, então única emissora em território gaúcho. O sinal era captado com antenas “espinha de peixe” diretamente do transmissor instalado em Porto Alegre, sem a necessidade de repetidora, que foi instalada na cidade três ou quatro anos depois, por iniciativa da comunidade, conforme Garcia.

Na quadra seguinte da rua Júlio de Castilhos, a loja Artelétrica vendia televisores Philco. A Hexsel levava o equipamento para as residências para avaliar a qualidade do sinal. Segundo Alexandre Garcia, algumas pessoas compravam os televisores e recebiam os televizinhos para acompanhar a programação.

A baixa quantidade de vendas no princípio da TV na região era consequência do alto custo dos aparelhos. Paulo Hofmeister, que começou a vender televisores em 1965 em

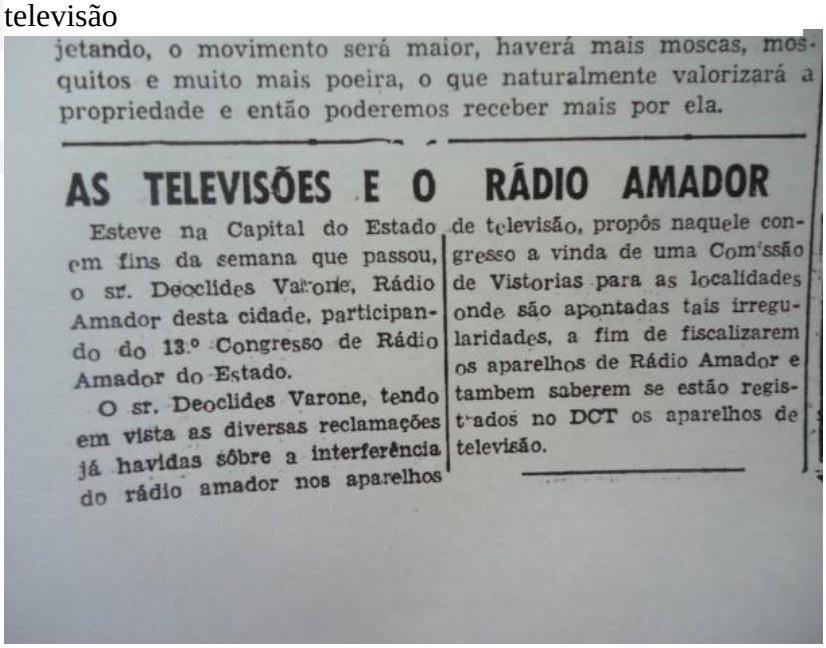
BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Marques de Souza e dois anos depois em Lajeado, salienta que a comercialização era restrita. "Não recordo do preço, mas sei que era bem caro. Não era qualquer um que comprava".

O fato de poucos terem recursos para comprar um televisor não significou que a novidade era inacessível às pessoas. Hofmeister lembra que todos queriam ter uma TV porque conheciam o equipamento visitando as casas dos que já haviam comprado. "Todos os vizinhos se sentavam ao redor da TV. Tinha os televizinhos, pois não tinha ninguém quase que tinha TV, então se um comprava todos iam lá olhar, gostavam e compravam também".

A mídia impressa regional dos anos 60 já abordava o assunto TV, seja através de matérias ou de comerciais. O registro mais antigo encontrado nesta pesquisa foi do jornal "Voz do Alto Taquari", que na edição de 27 de outubro de 1960 trouxe uma matéria sobre a interferência dos radioamadores na televisão (Figura 1). Já a revista "Álbum do Jubileu", publicada em 6 de janeiro de 1966 em comemoração aos 75 anos de emancipação de Lajeado, publicou anúncios de venda de televisores da marca Admiral na F. Brönstrup S.A. Indústria e Comércio (Figura 2), que tinha filiais em municípios como Venâncio Aires e Taquari, das marcas Philips e Teleunião na Alberto Oscar Fluck & Cia (Figura 3), e conserto e venda da marca Philips na Artelétrica Comercial Ltda (Figura 4).

Figura 1 - Notícia sobre interferência dos radioamadores na televisão



jetando, o movimento será maior, haverá mais moscas, mosquitos e muito mais poeira, o que naturalmente valorizará a propriedade e então poderemos receber mais por ela.

AS TELEVISÕES E O RÁDIO AMADOR

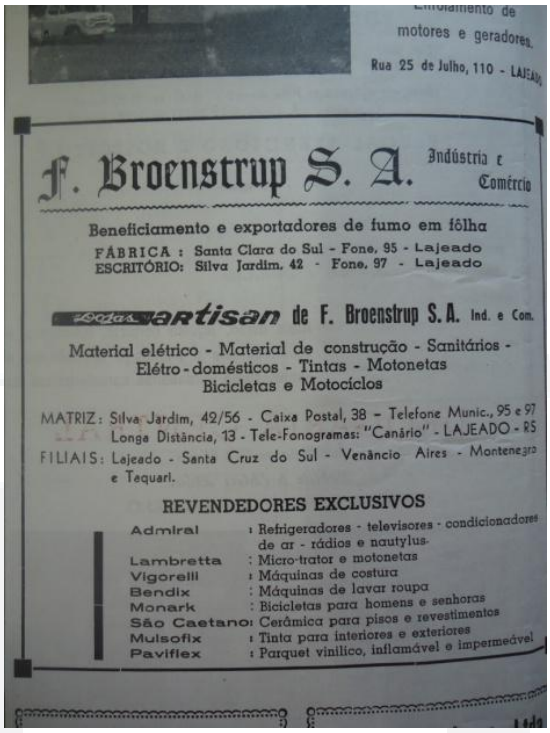
Esteve na Capital do Estado em fins da semana que passou, o sr. Deoclides Varone, Rádio Amador desta cidade, participando do 13.º Congresso de Rádio Amador do Estado.

O sr. Deoclides Varone, tendo em vista as diversas reclamações já havidas sôbre a interferência do rádio amador nos aparelhos de televisão, propôs naquele congresso a vinda de uma Comissão de Vistorias para as localidades onde são apontadas tais irregularidades, a fim de fiscalizarem os aparelhos de Rádio Amador e tambem saberem se estão registrados no DCT os aparelhos de televisão.

Fonte: VOZ DO ALTO TAQUARI. Santa Cruz do Sul: Jornal Gazeta do Sul, n. 43, 27 out. 1960.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Figura 2 - Anúncio de televisores - F. Bröenstrup S.A. Indústria e Comércio



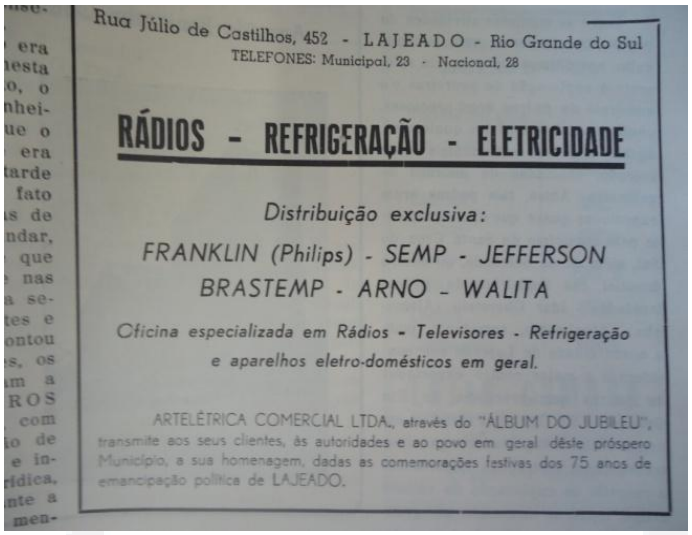
Fonte: ALBUM DO JUBILEU. Lajeado: Gráfica Cometa, edição única, 6 jan. 1966.

Figura 3 - Anúncio de televisores - Alberto Oscar Fluck & Cia

Fonte: ALBUM DO JUBILEU. Lajeado: Gráfica Cometa, edição única, 6 jan. 1966.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Figura 4 - Anúncio de televisores – Artelétrica Comercial Ltda



Fonte: ALBUM DO JUBILEU. Lajeado: Gráfica Cometa, edição única, 6 jan. 1966.

No final da década, a revista "Conheça", na edição de janeiro de 1969, foi patrocinada pelas empresas Artelétrica (Figura 5) e Antenor Valmor Benoit (Figura 6), que eram referência na comercialização de aparelhos de televisão em Lajeado.

Figura 5 - Anúncio de televisores - Artelétrica

Fonte: CONHEÇA. Arroio do Meio: Gráfica Sulina, n. 1, jan. 1969.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Figura 6 - Anúncio de televisores - Antenor Valmor Benoit

Fonte: CONHEÇA. Arroio do Meio: Gráfica Sulina, n. 1, jan. 1969.

Os primeiros aparelhos que chegaram a Lajeado eram grandes e pesados, conforme observa Valdir Appelt. As imagens eram em preto e branco. Hofmeister acrescenta que as telas tinham entre 20 e 24 polegadas. Como os equipamentos funcionavam a válvulas, era necessário deixar um tempo ligado para que as peças esquentassem e as imagens fossem geradas. O modelo era o disponível naquele momento em todo o país.

A geração de energia elétrica na época, conforme Appelt, era muito boa, sem problemas para o funcionamento da TV. Hofmeister, por outro lado, afirma que as quedas de energia eram constantes, embora a geração fosse suficiente para manter os televisores ligados.

A manutenção dos eletrônicos não era problema na cidade. Appelt frisa que sempre houve bons técnicos para realizar os consertos. “Sempre tinha peças para vender. Deixava uma TV lá na eletrônica e voltava funcionando. Não era preciso se envolver. Ele fazia tudo, comprava as peças e trocava o que tinha que trocar.”

A noite era o horário em que as pessoas paravam para assistir televisão. A partir das 19h eram veiculados programas de notícia e novelas. Conforme Paulo Hofmeister, as transmissões encerravam às 22h.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

A popularização da TV no Vale do Taquari ocorreu no início da década de 1970. Hofmeister afirma que o motivo do aumento nas vendas foi a Copa do Mundo do México. “Foi uma loucura instalar e vender. Não tinha TV que chega. Já começaram as coloridas, só que era uma fortuna. Todo mundo quase tinha as em preto e branco”. Ele afirma que clientes de outros municípios, como Pouso Novo, Relvado, São José do Herval, Marques de Souza, Forquetinha e Cruzeiro do Sul, também adquiriam televisores nessa época em sua loja.

A adesão do público do Vale à nova mídia nos anos 70 proporcionou que pessoas da região se mobilizassem para fazer uma apresentação na TV Piratini. O jornal Nova Geração, de Estrela, publicou na edição de 6 de junho de 1970 uma notícia de capa que trata da apresentação do grupo de danças folclóricas do município na emissora porto-alegrense (Figura 7).

Figura 7 - Notícia sobre participação de artistas estrelenses na TV Piratini

NOVA GERAÇÃO

ANO V — ESTRÊLA - (RS) - 6 de JUNHO de 1970 — N.º 223

Estrêla Estará na TV Hoje à Tarde

O programa que a Televisão Piratini apresenta ao público telespectador, das 14 às 18 horas de cada sábado, terá a presença hoje de muita gente boa de Estrêla. O programa em questão, terá ainda a presença de grandes nome da música brasileira e internacional: Eliana Pittmann, Chico Buarque de Hollanda, Conjunto MPB 4, Golden Boys Americanos.

O grupo folclórico de Estrêla apresentará 2 números de danças, acompanhado pela música do conjunto típico. Haverá ainda apresentação do conjunto de música jovem, "Bourbons". Como a tarde é parcialmente nossa, teremos a apresentação dos Pequenos Cantores do Cristo Rei e a presença do nosso cantor Hugo Müsnich. Para dar o toque de graça e beleza, lá estarão algumas das nossas misses, de diversos cerames de beleza aqui efetuados últimamente.

Assim, num dos programas de maior audiência aos sábados nos nossos canais de TV, Estrêla estará mostrando muito do que possui no campo artístico e folclórico, ao lado de grandes cartazes (ao vivo) da música atual.

O Vidal de Negreiros Promove a GINCANA de Amanhã

A movimentação déste domingo está a cargo dos que se inscreveram e participarão da grande Gincana promovida pelo Grupo Escolar Vidal de Negreiros. É um dos pontos altos das comemorações do 50º aniversário de fundação do nosso Vidal.

Há muitas equipes inscritas, o que dará grande colorido à nossa cidade no dia de amanhã. Aos melhores na busca aos objetos solicitados, será oferecido prêmios, muitos dos quais sendo oferta do comércio e indústria locais: Cr$ 200,00 ao primeiro, e Cr$ 100 ao segundo, e mais o prêmio de originalidade.

Aos que não querem perder o jôgo Brasil e Inglaterra pela Televisão, eis a solução: as professôras do Vidal de Negreiros instalarão televisores nas dependências do Grupo, onde poderão ser acompanhados os diversos lances do grande encontro.

Eleições da UMESE Foram Anuladas (pág. 2)

Fonte: NOVA GERAÇÃO. Estrela: Jornal O Paladino, n. 223, 6 jun. 1970.

O início e a consolidação da televisão no Vale do Taquari foram os assuntos em destaque neste capítulo. As informações são fundamentais para compreender as alterações promovidas na Rádio Independente nas décadas seguintes. O formato atual da programação da emissora radiofônica tem relação com essas transformações, que foram sendo realizadas de forma gradativa, conforme descrito na próxima fase do trabalho.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

3.7 Rádio Independente no período pós-televisivo

Este capítulo se propõe a apresentar as mudanças na programação da Rádio Independente após o fenômeno televisão. A chegada dos primeiros aparelhos ocorreu em 1960, quando a emissora completava seu novo aniversário, mas a consolidação viria apenas na década seguinte. As informações foram obtidas através de entrevistas com João Pedro Müller, diretor-presidente do Grupo Independente, conforme o Anexo C, Paulo Rogério dos Santos, gerente de Jornalismo da Rádio Independente e comunicador desde 1979, conforme o Anexo D, Renato Worm, comunicador da emissora desde 1976, conforme o Anexo E, Jacy Pretto, primeiro repórter da unidade móvel, conforme o Anexo F, Fabiano Conte, comunicador da rádio desde 1993, conforme o Anexo G, e Heron de Oliveira, comunicador da Independente entre 1986 e 1991, conforme o Anexo H.

Lauro Mathias Müller assumiu a direção da rádio em 1º de novembro de 1962. A gestão encerrou em 11 de maio de 1998, quando ele veio a falecer. Müller foi um dos 96 cotistas da emissora quando da sua fundação e integrou a diretoria na primeira década de funcionamento como suplente de seu pai, Pedro Albino Müller, na função de tesoureiro.

Schierholt (2011) define Lauro Müller como "um ser humano fantástico, justo e incansável lutador pelos seus ideais. Era um trabalhador pela causa da radiodifusão em prol dos anseios comunitários" (p. 79). O livro dos 60 anos da Rádio Independente contém depoimentos de diversos funcionários da emissora e ouvintes sobre a importância do trabalho do comunicador como agente integrador da população do Vale do Taquari. Na Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão (Agert), ele foi presidente por três anos. Já na Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), ocupou o cargo de vice-presidente por três mandatos consecutivos.

Um dos quadros que fortaleceram a imagem de Müller junto à comunidade foi o *Comentário de Frente*, apresentado pela manhã no programa *Panorama*. O quadro passou a ser veiculado a partir de 1963, indo ao ar por 35 anos, e consistia em um espaço onde o comunicador se pronunciava a partir de um texto que ele mesmo havia criado, datilografado em uma página de ofício ou um pouco mais. Schierholt (2011) define o comentário como um editorial de rádio, mas admite que o autor preferia o termo "opinião pessoal", tendo em vista que os fatos do cotidiano eram analisados e comentados.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Apesar de a emissora ter momentos voltados ao jornalismo nessa época, como é o caso do *Comentário de Frente*, os musicais ainda despertavam mais a atenção de direção e ouvintes. Alguns exemplos são apontados por Schierholt (2011). Em 1963, o locutor Alfredo Lussani, mais conhecido como Nerlinho, que já tinha passagem por rádios de Estrela, Três Passos e Horizontina, foi contratado pela Independente. No mesmo ano, lançou um programa musical, com o passar do tempo denominado de *Encontro com Nerlinho*, que era veiculado aos sábados, das 14h às 17h. Atualmente, o programa vai ao ar, também aos sábados, das 13h às 15h, apresentado por Gilson Lussani, filho de Alfredo. O nome passou a ser *Encontro com Gilson Lussani*.

Nerlinho comandou, anos mais tarde, o também musical *Entardecer no meu Sertão*, de segunda a sexta-feira, das 17h às 19h, e por fim, o *Rancho Alegre*, na parte da manhã. Nesse programa, o comunicador criou personagens, interpretados por ele mesmo, com os quais conversava no ar. Alfredo Lussani também tocava gaita e cantava músicas de sua autoria ao vivo.

Outro musical que fez sucesso foi o *Escuta Vovó*. O programa, apresentado por Harry Loeffler, foi lançado no dia 22 de agosto de 1965 e encerrou em 31 de maio de 2010. A atração sempre foi ao ar no período da noite, com a veiculação basicamente de músicas do estilo bandinha.

Nos anos 70, os programas de auditório e as radionovelas começaram a gradativamente perder espaço na Independente. As duas décadas anteriores tiveram essas atrações como carro chefe na emissora. A primeira medida foi o fim dos programas de auditório, que eram veiculados no período noturno. Paulo Rogério dos Santos observa que a programação "foi tendo que se remodelar porque à noite a televisão começou a tomar conta do rádio". Foi um dos primeiros impactos da nova mídia.

As radionovelas resistiram, mas com horário novo. Como à noite a audiência passava a adquirir o hábito de assistir TV, as novelas radiofônicas migraram para as 13h. Santos explica que o horário foi definido por se entender que o público-alvo, que eram as donas de casa, se entreteria com a atração após o almoço, no momento em que elas cuidavam da limpeza do lar.

Não demorou para que esses programas também tivessem um fim. A televisão, mais uma vez, foi a responsável. Conforme o atual gerente de Jornalismo, desde o início dos anos

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

80 a Independente não produz mais radionovelas porque o meio televisivo passou a investir em noticiário local nessa hora do dia. “Foi fazendo um reescalonamento de toda a tábua de irradiação, de toda a sistemática de apresentação e distribuição de programas das emissoras de rádio”.

A mudança na grade de programação é confirmada por Renato Worm, que reforça que “a radionovela deixou de existir em função da TV, porque não houve mais o porquê de ter”. Ele acrescenta que o rádio deixou de ser atrativo para esse tipo de programa, pois a novela da televisão tinha qualidade superior.

Naquele momento, o período da noite já deixava de ser o momento de maior audiência na Rádio Independente. João Pedro Müller, apesar de afirmar que “as duas mídias conseguiram conviver perfeitamente”, admite que o acesso cada vez maior das pessoas à televisão fez com que o novo meio ganhasse um espaço do rádio. “O rádio teve que se adaptar aos horários que as pessoas podem trabalhar, dirigir, fazer esportes e outras atividades ouvindo rádio, o que não é o caso da televisão”.

A noite foi, então, comandada por musicais, exceto nas ocasiões em que partidas de futebol eram transmitidas. Renato Worm afirma que a programação noturna de 1976, quando ingressou na emissora, permaneceu a mesma até o início dos anos 2000. Ele recorda que, após a *Voz do Brasil*, a sequência das transmissões tinha o *Escuta Vovó*, com Harry Loefler, e o *Só Sambas*, com Mário de Oliveira.

A programação diurna da emissora do Vale do Taquari continuou sendo focada no entretenimento no final dos anos 70 e início da década seguinte, com alguns espaços destinados ao radiojornalismo. Worm relata que o programa *Rancho Alegre*, apresentado por Nerlinho, ia ao ar no início da manhã, das 6h às 8h. Na hora seguinte, Lauro Müller apresentava o *Panorama*, que era de informações. Depois, até o meio dia, era veiculado um programa de dedicatória, em que as pessoas pagavam para rodar músicas que eram oferecidas para alguém. A grade seguia com o *Show de Notícias do Meio Dia* e o *Esportes em Desfile*, que vão ao ar até hoje. À tarde só eram veiculados programas musicais com dedicatórias.

O radiojornalismo esteve presente desde a fundação da emissora. Mesmo quando a Independente recém havia sido inaugurada, havia momentos dedicados à veiculação de anúncios e notícias, embora o foco da programação fosse o entretenimento. João Pedro Müller confirma que a área da informação sempre teve espaço. “Desde que eu conheço a Rádio

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Independente sempre teve notícias regionais, polícia, serviços. [...] Sempre foi um segmento forte dentro da Independente a notícia, a informação regional".

Com o passar do tempo, o jornalismo foi recebendo mais atenção dos profissionais da rádio, mas o foco exclusivo na informação seria uma mudança lenta e gradativa. Na década de 1970, por exemplo, a Independente iniciou um dos mais relevantes serviços de utilidade pública prestados à população regional, feito até os dias de hoje: a cobertura das enchentes do rio Taquari e seus afluentes. O primeiro registro do nível do principal rio que perpassa o Vale data de 1970. Desde então, os dados são anotados em uma planilha, registrando a elevação verificada em pontos estratégicos da região. "[...] a emissora é reconhecida como indispensável prestadora de serviços nesta área, orientando as comunidades atingidas e as instituições públicas no sentido de auxiliar na remoção de famílias e no atendimento às vítimas das cheias" (SCHIERHOLT, 2011, p. 99).

O noticiário dessa década tinha características locais, com ênfase em polícia e política, mas também se valia da radioescuta de correspondentes da Rádio Guaíba, conta Renato Worm. Acompanhando o noticiário da emissora da capital se produzia uma síntese com informações do estado, do país e do mundo. De acordo com ele, o fato de a região possuir menos municípios na época exigia menos da equipe, pois não havia tantos locais para angariar informações. Com a emancipação de localidades que pertenciam a Lajeado, a busca por notícias se intensificou.

Logo que integrou o quadro de funcionários da rádio, em 1979, Paulo Rogério dos Santos passou a atuar como repórter de rua. As reportagens não eram transmitidas ao vivo. O profissional fazia as entrevistas com um gravador de um modelo diferente dos atuais, que são digitais, lembra Santos. "O gravador pesava 1 quilo e 800 gramas, tinha mais ou menos 30 centímetros de comprimento por 20 de largura, mais uns 15 de espessura. Era pesado, com fita cassete".

Após a coleta das informações, o repórter retornava para a redação para redigir e editar. Muitas matérias não eram veiculadas no mesmo dia. O comunicador explica que a preferência para noticiar era pela manhã e ao meio dia, quando havia mais audiência. Além disso, a informação do radialista muitas vezes era privilegiada, pois não havia a concorrência de outros meios de comunicação. Os jornais regionais, por exemplo, não eram diários.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Em 1º de julho de 1982, Santos iniciou a apresentação do *Acorda Rio Grande*, que vai ao ar nas primeiras horas da manhã. Dentro do contexto de mudanças na programação da emissora, trata-se de uma introdução do radiojornalismo em um horário chave, que é o momento em que as pessoas se informam enquanto estão se arrumando para sair de casa rumo às suas atividades diárias. O programa é composto por notícias policiais, políticas, regionais, agrícolas, entrevistas sobre assuntos diversos, previsão do tempo, serviços, notas de falecimento, entre outros. Passados 32 anos de veiculação, o espaço continua sendo um agente importante para informação da comunidade regional, com audiência em todo o Vale.

Acréscimo fundamental na construção do dinamismo e da instantaneidade foi a instituição do repórter da unidade móvel. A partir de 1986, a Independente contou com esse profissional, que relata os fatos do local onde eles acontecem. Esse trabalho de reportagem teve como precursor Jacy Pretto. Ele trazia as informações da "móvel" no programa *Encontro Maior*, apresentado por Heron de Oliveira. Na época, o recurso do celular era inexistente e as entrevistas tinham de ser feitas dentro do automóvel da rádio, que era equipado com microfone (SCHIERHOLT, 2011).

Pretto explica que o princípio da unidade móvel na Independente teve relação com o chamamento de torcedores a comparecerem ao Estádio do Florestal para os jogos do Clube Esportivo Lajeadense no Campeonato Gaúcho. Na sexta-feira anterior à partida, o radialista entrevistava diretamente do estádio o presidente ou alguma pessoa ligada ao clube para projetar o próximo jogo.

Com a chegada do comunicador Heron de Oliveira, que tinha experiência em rádios como a Farroupilha, de Porto Alegre, a unidade móvel passou a fazer parte da rotina jornalística da rádio. Oliveira é definido por Paulo Rogério dos Santos, Renato Worm e Jacy Pretto como a pessoa responsável pela implantação de um novo modelo de radiojornalismo na emissora. Ele introduziu um método de programa que incluía entrevistas, quadros e participações da reportagem direto das ruas.

O programa *Encontro Maior* foi ao ar a partir de 1986. Oliveira ressalta que a mudança de programação no horário não foi imediata:

> O programa tinha, no início, muita ênfase nas músicas. Tínhamos que ter a capacidade de perceber quais eram as músicas que efetivamente despertavam o interesse das pessoas. Naquele momento o rádio já estava mudando. Você usa a música na sua inteireza e no intervalo de uma para outra começa a colocar

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

> conteúdos. Primeiro você começa a colocar conceitos pessoais, depois começa a convidar pessoas para que emitam conceitos. Essa foi a grande transição.

Nesse contexto, a unidade móvel – que recebeu a denominação de "Independente na Boca do Povo" - iniciou um caminho sem volta dentro da história da emissora. A característica instantânea que a rádio adquiriu acostumou os ouvintes a saberem das informações de forma ágil e com credibilidade. Jacy Pretto teve fundamental importância nesse processo, não apenas pelo fato de ser o precursor, mas também pela dedicação à profissão.

Ele conta que todas as noites se reunia com o apresentador do programa para delinear as pautas do dia seguinte. Muitas informações eram obtidas pela ronda policial que o próprio repórter realizava nas primeiras horas da manhã. Os casos de polícia, como crimes e acidentes de trânsito, eram os de maior repercussão abordados na "móvel", mas outros assuntos eram trazidos, como problemas na infraestrutura em ruas de municípios da região. Nesses casos eram entrevistados o morador e o secretário responsável pelo serviço que não havia sido feito.

O sucesso da "Boca do Povo" não demorou a se consolidar. Nas ruas, Pretto era reconhecido como o profissional que trazia os assuntos ao vivo do local onde eles aconteciam. O radialista entende que a presença de um carro adesivado com o nome da Rádio Independente nos acontecimentos era uma prova de que nada além da verdade estava sendo relatado, o que contribuiu para proporcionar credibilidade à função. "A confiança era tão grande porque o acidente aconteceu e nós estávamos no local do acidente, o assassinato aconteceu e nós estávamos lá antes do corpo ser levado para o IML. Era uma presença constante".

A maior dificuldade do repórter era convencer as fontes a concederem entrevista. Nos 12 anos em que ele exerceu a função, de 1986 a 1998, a telefonia móvel ainda não era utilizada pela emissora. O profissional se valia de um rádio, semelhante a um rádio amador, instalado no próprio veículo. Em casos mais polêmicos, algumas pessoas desistiam de falar na rádio no percurso entre sua casa ou empresa e o carro, o que complicava o trabalho.

Em contrapartida, a qualidade sonora do rádio utilizado para os boletins é qualificada por Jacy Pretto como excelente. Pressionando o botão utilizado para ligar o aparelho, ele entrava diretamente no ar, sem precisar que o operador de áudio fizesse a conexão com o estúdio. "O programa ficava em andamento e eu entrava e chamava o Heron de Oliveira. Ele

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

interrompia a entrevista dele para dar preferência à unidade móvel". A quantidade de participações diárias variava conforme a pauta.

O âncora do programa compartilha das considerações do repórter quanto à importância do relato simultâneo dos acontecimentos. A linha editorial da emissora, segundo Oliveira, determina que não basta que a informação reportada por um ouvinte seja imediatamente tomada como verdade absoluta. Nesse momento, o repórter de rádio tem a qualificação necessária para narrar os fatos. "Aquele ouvinte é um leigo, ele vê o evento, transmite que está emocionado e empolgado, mas só o profissional do rádio tem a capacidade de fazer a aferição do que efetivamente possa interessar e pode dar a credibilidade que o ouvinte precisa".

Para Heron de Oliveira, outro fator que garantiu o sucesso do *Encontro Maior* foi a característica universal do seu conteúdo, com a abordagem de assuntos de diferentes segmentos para contemplar diversas camadas sociais. Como exemplo, menciona que inicialmente eram trazidas informações policiais, músicas e variedades como horóscopo e simpatia para curas. Gradativamente, ocorreu a substituição dos conteúdos de variedades, mas sem desfigurar a projeção que os ouvintes tinham em relação à emissora. "Você podia ter uma paixão enorme pela música sertaneja, mas ainda que não percebesse você suportava uma informação sobre economia, sobre política. Essa é uma transição que ainda está sendo feita no meio rádio".

O programa matinal é definido por Renato Worm como um "divisor de águas" na história da Independente. Foi naquele momento que se percebeu que o radiojornalismo deveria ser o norteador da grade de programação. O comunicador destaca que o *Encontro Maior* possuía comunicação forte, com opinião, campanhas e entrevistas. Em 1991, quando o primeiro apresentador assumiu uma cadeira na Assembleia Legislativa gaúcha, Worm se tornou o novo âncora, conduzindo o programa até 2011 na emissora lajeadense e até a atualidade na Rádio do Vale, de Estrela, que integra o Grupo Independente.

A década de 1990 iniciou com o conceito de radiojornalismo firmado na estrutura profissional da emissora. Até o meio dia, a informação já era o principal componente da programação nos anos anteriores. Faltava a ampliação para o período da tarde, o que veio a se consolidar no início dessa década.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Fabiano Conte, que ingressou na Independente em 1993, recorda que nesse momento toda a programação diurna tinha como foco o jornalismo. Na parte da manhã, *Acorda Rio Grande* e *Encontro Maior* eram essencialmente informativos. Antes do meio dia, a *Barbearia do Hanz* abria espaço para o humor durante 15 minutos. O *Show de Notícias do Meio Dia* dava sequência à grade com sua tradição em noticiários. O período da tarde tinha dois programas jornalísticos: *Tribuna Independente*, das 14h às 17h, e *Fim de Tarde*, entre 17h e 19h. Todos tinham entrevistas, notícias e quadros de assuntos variados.

Embora o conteúdo da rádio fosse centralizado na informação, ainda havia algumas deficiências na produção. Segundo Conte, o apresentador concentrava todas as funções, como leitura de notícias, entrevistas e apresentação de quadros, com ressalva à presença da unidade móvel, instituída nos programas *Encontro Maior*, capitaneado por Renato Worm, e *Tribuna Independente*, que tinha Arlindo Sandri no comando. O trabalho dos demais repórteres, que ficavam dentro da redação, se resumia a gerar conteúdos. A exceção era o programa *Fim de Tarde*, apresentado por Renato Worm e constituído por matérias apresentadas por toda a equipe. O propósito era fazer um resumo das informações do dia que encerrava.

O sucesso da implantação do radiojornalismo à tarde foi questionado dentro da emissora enquanto as primeiras experiências eram veiculadas. Fabiano Conte lembra que os profissionais não tinham convicção de que haveria assunto para dois turnos. "[...] entrevistas feitas pela manhã eram reproduzidas à tarde, matérias apresentadas de manhã eram apresentadas novamente à tarde." Mesmo que se trouxessem pautas novas na segunda metade do dia, o foco continuava sendo os programas do início da manhã e do meio dia.

Conforme o comunicador, a equipe atribuída da elaboração de temas jornalísticos nos anos 90, de uma forma geral, não tinha formação acadêmica para a função. O conhecimento dos funcionários havia sido adquirido através do trabalho prático na Independente e em outras emissoras. O empenho e dedicação se sobressaíam para que conteúdos de qualidade fossem para os microfones.

Uma das dificuldades da época, principalmente na primeira metade da década, comparando com os dias de hoje, era a inexistência de computadores na redação. O lugar desses era ocupado pelas máquinas de datilografia. A internet ainda era inacessível e, para obter informações de fora do Vale do Taquari, a radioescuta se fazia fundamental. Noticiários de rádios da capital gaúcha eram gravados, reescritos e apresentados por um locutor da

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Independente. Muitas das informações regionais tinham como base as prefeituras, que mandavam *releases* por fax.

Mesmo que alguns profissionais pudessem entender que o entretenimento fosse uma alternativa mais fácil para o eixo de programação, Conte afirma que já não havia mais a possibilidade de a rádio retornar ao que fazia antes. Os motivos apontados são a exigência do público e a inserção da rádio em Lajeado, definida por ele como uma cidade de vanguarda e próxima à capital do estado.

Os anos 2000 fortaleceram o que havia sido constituído nas duas décadas anteriores. O radiojornalismo na inteireza da programação já era uma realidade, e o período foi um momento de aperfeiçoamento. Fabiano Conte salienta que nessa época foi firmada a evolução necessária para uma mudança estrutural no Departamento de Radiojornalismo. A estrutura dos programas sofreu ajustes, como a redução do tempo de cada um deles, contribuindo com o dinamismo da emissora, e a participação de mais vozes, com repórteres trazendo informações em diversos momentos.

A atual programação é pautada pela informação. O radiojornalismo é o norte do conteúdo veiculado. Schierholt descreve que "a equipe percorre a região do Vale do Taquari em busca de informação. No entanto, não deixa de lado os principais fatos estaduais, nacionais e internacionais" (2011, p. 159).

A grade atual da programação diurna de segunda a sexta-feira se constitui dos seguintes programas: *Acorda Rio Grande* (jornalismo – 5h às 8h30), *Panorama* (jornalismo – 8h30 às 10h), *Dinâmica* (jornalismo – 10h às 11h30), *Show de Notícias do Meio Dia* (jornalismo – 11h30 às 13h), *Arroio do Meio em Destaque* (quadro noticioso – 13h às 13h15), *Cruzeiro do Sul em Notícias* (quadro noticioso – 13h15 às 13h30), *Independente Promoções* (eventos – 13h30 às 13h45), *Esportes em Desfile* (debate esportivo – 13h45 às 14h35), *Rádio Repórter* (jornalismo – 14h35 às 17h) e *Panorama Edição da Tarde* (jornalismo – 17h às 19h).

À noite, após a *Voz do Brasil*, a equipe esportiva apresenta o *Diário dos Esportes*, das 20h às 21h, exceto em dias de transmissão de jogos de futebol, futsal ou basquete. Das 21h à meia noite, quando não há transmissões esportivas, são veiculadas músicas programadas no software da mesa de áudio. Durante a madrugada é reproduzida a reprise dos programas da tarde anterior.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Em todos os programas de jornalismo são veiculados quadros de notícias locais e gerais, polícia, política, economia, curiosidades, unidade móvel, entrevistas, serviços e previsão do tempo. A apresentação dos blocos é feita pelo apresentador ou por repórteres. A equipe de jornalismo é composta por quatro apresentadores titulares, três repórteres de unidade móvel, dois repórteres policiais, uma locutora de noticiários de hora em hora e duas produtoras. A maior parte da equipe é formada por profissionais graduados ou em fase de formação em Jornalismo.

A formação acadêmica de jornalistas que passaram a integrar a reportagem da emissora também teve forte contribuição na consolidação do radiojornalismo. Paulo Rogério do Santos entende que profissionais que se formam em Porto Alegre e outros polos acadêmicos do estado procuram a região devido à oferta de emprego na área, em empresas como a própria Independente, o Jornal O Informativo do Vale e, a partir do final dos anos 90, a RBS TV. João Pedro Müller lembra que a instituição do curso de Jornalismo na Univates facilitou a formação de profissionais do ramo no Vale.

Uma amostra da audiência da Rádio Independente foi evidenciada na pesquisa *Top of Mind* de 2011, realizada pela Revista Amanhã e Segmento Pesquisas. A emissora foi a rádio AM mais lembrada do interior do Rio Grande do Sul e a quarta do estado, ficando atrás das rádios Gaúcha, Farroupilha e Guaíba, todas de Porto Alegre (SCHIERHOLT, 2011).

Importante evolução na produção jornalística foi a criação do portal de informações da Independente (www.independente.com.br). Projetado por Eduardo Costa da Silva – primeiro coordenador do Núcleo de Web - e programado pela empresa Liquid Works, de Lajeado, o site estreou oficialmente em 5 de maio de 2010 (SCHIERHOLT, 2011). Hoje a equipe é formada por quatro funcionários, responsáveis pela administração e atualização do portal.

Com a criação do site, as notícias, matérias e entrevistas não se restringem mais à publicação na plataforma radiofônica. Os repórteres de rádio têm a atribuição de elaborar texto, tirar fotos e gravar vídeos durante as coberturas jornalísticas, se tornando profissionais multimídia. O conteúdo é veiculado no site, onde constam também o áudio que foi ao ar nas ondas hertzianas e o hipertexto, direcionando o internauta para outras informações.

Muito antes do portal, a informatização na Independente se consolidou a partir de 1998, quando, após o falecimento de Lauro Müller, João Pedro Müller (filho de Lauro) e Wilson Inácio Feldens (genro do ex-diretor) assumiram o comando da empresa. Schierholt

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

define essa fase como o início da terceira era na rádio, caracterizada "pela conclusão do processo de profissionalização, pelo radiojornalismo propriamente dito, informatização da emissora e ligação ao mundo pela internet" (2011, p. 123).

A propósito, uma das principais marcas dos anos 2000 foram as evoluções tecnológicas de transmissão. Antes, porém, é necessário lembrar que a preocupação com a emissão foi uma constante na história da Rádio Independente. O aniversário de 27 anos da emissora, em 1º de abril de 1978, além de marcar a mudança das instalações da Acil para um prédio próprio localizado na avenida Alberto Müller, bairro Alto do Parque, onde funciona até a atualidade, teve o início das operações de um transmissor mais potente, de 1 kW (kilowatt). O anterior operava com 250 watts de potência (SCHIERHOLT, 2011). Atualmente, a rádio possui um transmissor de 10 kW, cobrindo 40 municípios, inclusive de fora do Vale do Taquari, como Santa Cruz do Sul, Guaporé e Garibaldi.

Dentro do estúdio também houve mudanças nas tecnologias que possibilitam a sequência da programação. João Pedro Müller recorda que em 1977, quando iniciou sua carreira na rádio, trabalhava como operador de áudio. Na época, os comerciais de empresas maiores vinham em um vinil, que era um disco de 78 rotações onde constavam comerciais de 30 segundos ou 1 minuto. Posteriormente surgiram as cartucheiras, sendo que cada cartucho tinha um comercial. "A qualidade de som melhorou um pouco, só que os equipamentos tinham que ser importados, os nacionais não funcionavam direito. Foi um momento de transição bem complicado para as empresas de rádio".

O passo seguinte foi a utilização de fitas cassete, semelhantes aos cartuchos, mas, conforme Müller, mais confiáveis e não tão práticos. Fabiano Conte ressalta que as fitas geravam dificuldades tanto para a produção das matérias quanto para a veiculação. Cada reportagem era gravada em uma fita, e quando o repórter cometia um erro de gravação era necessário voltar tudo e começar de novo. "O operador tinha dificuldade para colocar a fita certa, no ponto certo, para rodar no momento certo que o apresentador chamava. Tínhamos um colega que tinha como função, antes de o programa ir ao ar, escutar todas as gravações e deixar no ponto".

Nos últimos anos da década de 1990 e no início dos anos 2000, a informatização facilitou o processo de gravação, edição e veiculação dos conteúdos. Os elementos da programação, como noticiários gravados, vinhetas, trilhas e comerciais, ficam disponíveis em

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

um software na mesa de áudio. O operador é o responsável por organizar e tocar a programação, mas sem as dificuldades do passado de colocar um cartucho para cada quadro. Para os comunicadores o processo também simplificou. A gravação e a edição são feitas em programas específicos, como *Sound Forge* e *Audacity*. Após a conclusão do trabalho, o áudio é salvo diretamente no computador do estúdio, e o produto final chega pronto para ir ao ar. Os repórteres da unidade móvel, desde o início dos anos 2000, utilizam telefone celular para fazer os boletins ao vivo das ruas.

Não foi somente em conteúdo e tecnologia que a rádio melhorou seu desempenho nessa transição de foco de programação. Como qualquer empresa que visa o lucro, a Independente viu no produto jornalismo uma oportunidade de aumentar o faturamento. O diretor-presidente lembra que antigamente a organização não tinha como finalidade os resultados financeiros, pois era uma prestadora de serviços. "Hoje rádio é um negócio. Temos que dar para o público uma coisa que eles gostem e ouçam. Assim eles compram do cliente que anuncia. Com certeza o radiojornalismo agrega o valor".

Paulo Rogério corrobora a avaliação de reflexo positivo nas vendas. Ele constata que, em função de o radiojornalismo ser voltado para os interesses regionais, houve maior acompanhamento do público em relação às informações veiculadas. Para o gerente de Jornalismo, isso replicou em muito na carteira de clientes.

A concorrência com rádios de Porto Alegre, como Guaíba, Gaúcha e Farroupilha, foi vencida pela Independente após a intensificação dos programas de jornalismo. A opinião é de Renato Worm, que menciona novamente o ingresso de Heron de Oliveira na equipe de jornalismo como o momento em que a emissora de Lajeado passou a trazer conteúdos que as rádios da capital também traziam, mas com foco regional. O interesse das empresas em anunciar foi se tornando cada vez mais frequente. "Passou a valer a pena investir na Independente. Quando eu cheguei aqui, o anunciante era um colaborador. Ele colocava anúncio para colaborar com a 'nossa' rádio, mas não vislumbrava um lucro em cima disso". O retorno que os anunciantes tinham serviu de motivação para cada vez mais empresas investirem na Rádio Independente.

Falar sobre evolução da Independente exige também algumas considerações sobre o Departamento de Esportes. Desde o início de 2014, a equipe transmite jogos de Grêmio e Internacional em todos os estádios do país durante o Campeonato Brasileiro. A transmissão é

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

feita pela Independente AM e pela Tropical FM, emissora do Grupo. Mesmo que os dois principais clubes de futebol do estado sejam acompanhados de perto, os narradores, comentaristas e repórteres também se dedicam aos clubes da cidade, com transmissões de todas as partidas do Clube Esportivo Lajeadense, da Associação Lajeado de Futsal (ALAF) e do Clube Atlético Ubirajá (Bira), time de basquete.

Os primeiros passos da equipe esportiva foram em jogos amadores. Jacy Pretto, que já atuava na época nas transmissões e até hoje é comentarista esportivo, lembra de trabalhos em Progresso, Boqueirão do Leão, Santa Clara do Sul, Marques de Souza e Sério, que ainda eram distritos de Lajeado. Paulo Rogério dos Santos, que também trabalhou na área nos seus primeiros anos na emissora, define as coberturas de campeonatos menores e dos jogos do Lajeadense como propulsoras do desenvolvimento do Departamento.

João Pedro Müller enaltece o trabalho dos profissionais do Grupo, e entende que a cobertura esportiva está no nível das rádios da capital. "O resultado é excelente, tanto financeiramente quanto em termos de audiência. Com uma equipe jovem, criada aqui dentro da empresa mesmo, conseguimos conquistar uma audiência que eu não acreditava".

Todas as evoluções da Independente ao longo das últimas cinco décadas têm relação, também, com a televisão. Para não perder a audiência foi necessário alterar a grade de programas, adaptando-se à realidade. Mesmo que a TV tenha surgido no Vale do Taquari na década de 1960, a programação da Independente sofreu alteração significativa apenas duas décadas depois.

Ainda que haja essa lacuna, João Pedro Müller confirma que a transição no propósito da rádio tem relação com a TV. "Ficou uma concorrência meio desleal para o rádio, que daí sim precisou se adaptar a outro segmento. E hoje eu tenho em mente que o rádio é conteúdo e cada vez mais vai ser conteúdo, principalmente o rádio regional, que é conteúdo regional".

Para Paulo Rogério dos Santos, a mudança de foco passou por uma exigência do público regional. O maior nível de instrução da população é um dos motivos, já que se tornou cada vez mais comum os moradores do Vale do Taquari estudarem em universidades em busca de qualificação. "Foi uma coisa inerente ao crescimento tecnológico e cultural da região essa mudança de foco da programação que a Independente fez, enveredando bastante para a área do jornalismo".

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Heron de Oliveira acrescenta que a falta de estrutura para fazer jornalismo tornou a Independente uma emissora musical por determinado período. Atualmente esse trabalho é possível, segundo ele, em função da equipe capacitada para produzir conteúdos e veiculá-los. O ponto de vista é compartilhado por Santos, que afirma que, durante o período transitório, alguns radialistas buscaram a reciclagem para se adaptarem aos novos tempos e outros optaram por trocar a área de atuação.

O gerente de Jornalismo acrescenta que, apesar de a TV ter tido papel nessa transição, nunca foi e nem será uma ameaça à rádio. O argumento é de que a produção de conteúdos no meio televisivo é muito cara, dificultando o dinamismo, ao contrário do rádio. Para ele, o que aconteceu foi uma readequação do conteúdo radiofônico, com atualização constante e imediata das informações, mas sem ameaça à continuidade do trabalho.

A definição de uma identidade para as emissoras contribui para a sobrevida do rádio, na visão de Heron de Oliveira. O caminho é a segmentação, mas sempre com estrutura para produzir conteúdos. Para ele, as rádios musicais devem perder espaço em função da facilidade de se baixar conteúdos na internet. Por outro lado, as emissoras voltadas ao jornalismo tendem a continuar sua trajetória de crescimento.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

4 ANÁLISES

Apresentada a contextualização histórica e a evolução do rádio e da televisão no mundo, no Brasil, no Rio Grande do Sul e no Vale do Taquari, passa-se ao processo de síntese, para o qual se evidenciaram três categorias analíticas: **programação**, subdividida em foco e horário nobre; **jornalismo**, cujas subcategorias são produção, profissionais e espaço; e **tecnologia**, fracionada em produção e transmissão.

A análise, dentro de cada subcategoria, será feita em relação ao rádio e à televisão em suas especificidades. Também são avaliadas as mudanças no perfil do rádio brasileiro após o surgimento e consolidação da televisão e, por fim, os reflexos dessa transição radiofônica na Rádio Independente, objeto deste estudo.

4.1 Programação

As emissoras de rádio tiveram modificações expressivas em suas programações devido ao surgimento e à consolidação da televisão. Essas alterações são descritas a partir de duas subcategorias: foco e horário nobre.

a) Foco

O rádio surgiu no Brasil em 1923 com proposta educativa, através da iniciativa de Edgar Roquette-Pinto na Rádio Sociedade do Rio de Janeiro. Na década seguinte, as emissoras implantaram o modelo norte-americano, centrado no entretenimento. Os programas de auditório e os humorísticos tinham a atenção dos responsáveis pela produção radiofônica. Em 1941 surgiu a primeira radionovela, na Rádio Nacional do Rio de Janeiro.

Havia, nessa época, momentos destinados à informação nas rádios brasileiras. Mesmo a leitura de jornais por Roquette-Pinto já pode ser considerada um princípio do radiojornalismo. O *Repórter Esso*, que introduziu a síntese noticiosa, foi apresentado a partir 1941. Ainda assim, o espaço destinado estava desproporcionalmente inferior ao entretenimento. Até meados dos anos 60, rádio no Brasil era principalmente diversão.

Em 1950, quando a TV Tupi, primeira emissora de televisão do país, foi inaugurada em São Paulo, o foco era semelhante. Como a maioria dos profissionais dessa e de outras emissoras veio da radiodifusão, os programas de auditório, humorísticos e dramaturgia eram o norte do planejamento. A diferença eram as imagens, que proporcionaram novo estímulo para os espectadores. Acrescidos a esses elementos, os filmes despontaram como opção ao público.

O telejornalismo foi introduzido à TV já nos primeiros anos de existência no Brasil. Experiências como o noticiário *Repórter Esso*, já consagrado no rádio, foram fundamentais para mostrar que o meio de comunicação que surgia tinha potencial jornalístico. Mas a época era mesmo de entretenimento na mídia.

A chamada "fase vitrolão" do rádio brasileiro iniciou em meados dos anos 50, quando muitas emissoras resumiram suas programações à reprodução de músicas gravadas em disco de vinil. Profissionais, patrocinadores e audiência haviam migrado para a televisão.

A falência do rádio já começava a ser decretada quando novas iniciativas de programação surgiram a partir da segunda metade dos anos 60. O foco deixou de ser o entretenimento, já explorado pela televisão, e migrou para a instantaneidade do radiojornalismo. Os gestores e os profissionais, tendo conhecimento de tecnologias que tornaram o meio mais ágil, investiram no dinamismo, com notícias, quadros, entrevistas e informações das ruas. Essa característica, década após década, garantiu a sobrevida do setor no Brasil.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Na Rádio Independente o fenômeno também aconteceu, mas de forma mais lenta. Quando a emissora foi inaugurada, em 1951, a TV já era uma realidade no país, embora ainda distante da área geográfica desta estação radiofônica. Não se pensou nos impactos da televisão quando a Independente foi fundada.

Tendo em vista essa especificidade local, não havia motivos para deixar de implantar a programação voltada ao entretenimento, que era praticada já há três décadas pelas emissoras nacionais, inclusive dos grandes centros, com sucesso absoluto. Em 1955 a veiculação de programas de auditório, musicais e radionovelas estava acontecendo na Independente e conquistando o público regional. A denominação de "A Voz Amiga do Vale" foi fruto desse período.

Ainda na primeira década de existência, a rádio introduziu notícias e esporte em sua grade. Informações na hora cheia e programas no início da manhã e ao meio dia, com notícias extraídas de jornais e da rádio escuta, cobertura de eleições e narrações de futebol eram desenvolvidas. No entanto, esses exemplos eram secundários dentro do conteúdo veiculado.

Na década de 1970, devido à popularização da TV na região, os programas de auditório deixaram de integrar a grade da Independente. As radionovelas tiveram o horário alterado, da noite para o início da tarde, e viriam a desaparecer no início dos anos 80. Os musicais persistiram à noite, mas muito mais como uma forma de preencher um espaço ocioso do que como uma ferramenta de competitividade e faturamento para a empresa.

Novas maneiras de trabalhar com radiojornalismo foram sendo estabelecidas a partir dos anos 70 e início da década seguinte, como a atuação de repórter na rua gravando depoimentos para rodar posteriormente. Mas a centralização no segmento foi gradativamente acontecendo somente a partir de 1986, com a inserção do programa *Encontro Maior*, apontado como um "divisor de águas" nos rumos de programação da Independente. Devido à instituição do modelo dinâmico, com entrevistas, unidade móvel, notícias e quadros, se criou um novo conceito de jornalismo dentro do veículo.

O foco da rádio do Vale do Taquari foi finalmente realçado no jornalismo nos anos 90, quando a programação diurna em sua inteireza passou a ser identificada pela informação, mesmo que em algum momento houvesse esboços de entretenimento, com um programa de humor de 15 minutos e músicas no decorrer de alguns programas. Nesse momento, a

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

diversão, consagrada outrora, se tornou a figurante no contexto da emissora, tendência que se solidificou nos anos seguintes e é a base até os dias de hoje.

Enfim, em relação ao rádio nacional e estadual, a Independente investiu no segmento jornalístico com maior ênfase apenas duas décadas depois. Atualmente a emissora se equipara a rádios nacionais de ponta em termos jornalísticos, respeitando-se suas dimensões e o contexto em que está inserida.

b) Horário nobre

Por ser um aparelho volumoso e pesado, o rádio era praticamente imóvel dentro dos lares brasileiros entre as décadas de 1920 e 1950. Normalmente ele ocupava um espaço específico do lar e ali ficava, sem a possibilidade de acompanhar as pessoas nos seus afazeres externos. As famílias, então, se reuniam na sala de estar para ouvir radionovelas e outros programas voltados ao lazer. O momento em que isso acontecia era à noite, quando todos estavam em casa e podiam se dar ao luxo de se entreter. O próprio estilo laboral da época era diferente do atual.

A programação diurna acontecia, mas a audiência maior era noturna, principalmente em função da veiculação de novelas. Exemplo disso são as primeiras rádios do Rio Grande do Sul, que não operavam nas 24 horas do dia, mas durante a noite a emissão era feita na maior parte do tempo.

No caso da televisão, inicialmente não havia outra possibilidade de horário nobre que não fosse à noite. A TV Piratini, a primeira instalada no Rio Grande do Sul, tinha a programação limitada ao período das 19h25 às 22h30 no início de sua operação. Novelas, filmes e noticiários eram assistidos nesse turno, até porque, assim como no caso do rádio, era o momento de descanso dos espectadores.

Conforme os televisores ficavam acessíveis ao público, o hábito de ouvir rádio à noite foi sendo substituído pelo acompanhamento da programação da nova mídia. As novelas com imagem eram mais atraentes do que as que se valiam apenas do áudio. Os programas

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

televisivos chamavam mais a atenção do público e a noite era o momento em que essa aceitação mais se salientou.

Não foi diferente na Rádio Independente. A veiculação dos principais programas de entretenimento era feita à noite até os anos 70. Nessa década, com os televisores aos poucos se democratizando no Vale do Taquari e, principalmente, em Lajeado, não fazia mais sentido veicular programas desse tipo de conteúdo nas transmissões noturnas.

Prova disso foi a extinção dos programas de auditório, que eram apresentados durante a noite, e a substituição do horário das radionovelas para depois do meio dia. A programação noturna foi, então, conduzida pelos musicais. As principais atrações foram deslocadas para o período diurno. A televisão teve relação direta com essa mudança.

De uma forma geral, o dia não teve maiores alterações nessa época. Com exceção da veiculação de radionovela no início da tarde, os demais componentes continuaram iguais, com programas musicais e de informação pela manhã, notícias ao meio dia e mais musicais, com dedicatórias, à tarde. A principal mudança foi a renúncia de produção para a noite, exceto em transmissões esportivas e algumas coberturas jornalísticas de exceção, como carnavais e enchentes.

A programação diurna é hoje a de maior produção na Independente, principalmente em função do trabalho do Departamento de Radiojornalismo. Exceto em coberturas extras como as já mencionadas, todos os programas jornalísticos são veiculados das 5h às 19h. Trata-se do horário nobre da emissora, inclusive pelo retorno financeiro. O turno da noite, mesmo que não seja mais considerado o principal, recebeu atenção mais destacada ao longo do tempo em função da atuação da equipe esportiva, que atualmente produz programas e ampliou a transmissão de jogos de futebol, futsal e basquete.

Assim, enquanto na TV o horário nobre é noturno, na Rádio Independente o carro chefe é a programação diurna, fenômeno observado nas demais rádios do segmento jornalístico do Rio Grande do Sul. Em relação ao restante do país, as emissoras elegem o horário nobre conforme as características regionais.

4.2 Jornalismo

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Para recuperar a audiência e os patrocinadores após o surgimento da televisão, o setor radiofônico encontrou no jornalismo um eixo de programação. Com adaptações para o meio, focando na instantaneidade e no dinamismo, as emissoras garantiram a manutenção de suas atividades e mesmo a progressão do rádio, como é abordado na sequência. Esta categoria é analisada a partir das subcategorias produção, profissionais e espaço.

a) Produção

A primeira experiência de radiojornalismo no Brasil, que foi a leitura de matérias de jornais por Roquette-Pinto, não teve produção. Os textos não eram adaptados ao meio, e tudo o que se fazia era acrescentar comentários às notícias apresentadas. A técnica empregada era o *gilette press.*

Nos anos 30, emissoras do centro do país foram importantes na transmissão de acontecimentos políticos, como a instituição do Estado Novo e o conflito entre legalistas e rebeldes em São Paulo. Ainda na segunda década do rádio no Brasil, estações de várias partes do país implantaram programas chamados de "jornais falados", que se valiam de uma estrutura organizada, com apresentação das manchetes e notícias veiculadas em blocos.

A presença de um repórter na rua também foi uma novidade dessa época. Em 1937, na Rádio Gaúcha, por exemplo, o profissional realizava trabalho de campo. Ele se limitava a colher informações e anotar depoimentos da comunidade. Não era possível reproduzir sonoras porque o recurso do gravador era inexistente. Tudo o que o repórter apurava era apresentado pelos locutores dos programas, que utilizavam a técnica da entonação de voz.

O grande impulso na produção radiojornalística ocorreu em 1941, quando o *Repórter Esso* começou a ser apresentado nas ondas da Rádio Nacional do Rio de Janeiro, e depois viria a ter produção e veiculação em diversas emissoras do país. Cada rádio tinha o seu apresentador e produzia notícias locais. No entanto, a maior parte das informações era internacional, fornecidas pela *United Press International* (UPI).

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

O programa instituiu a síntese noticiosa no rádio brasileiro, prática utilizada até os dias de hoje. O noticiário mudou o conceito de jornalismo adaptado para esse meio de comunicação, pois tinha frases sucintas, sem adjetivos, e uma informação em cada frase.

O *Repórter Esso* teve êxito também na televisão, sendo uma das primeiras práticas de jornalismo para o meio. Em 1953, três anos após o surgimento da TV no Brasil, a Tupi passou a veicular o programa regularmente, se espalhando gradativamente para outras emissoras brasileiras. As características eram semelhantes às do rádio, com um apresentador lendo as notícias, que eram produzidas com formato adequado para a mídia.

No Rio Grande do Sul, o *Repórter Esso* foi apresentado de 1960 a 1965 pela TV Piratini. Por ser um estado deslocado do eixo do país, as notícias nacionais e internacionais eram veiculadas com dias de atraso, já que a geração de imagens era feita pela UPI e enviada para Porto Alegre a partir centrais de distribuição do Rio de Janeiro e São Paulo. Porém, autores afirmam que esse *delay* não era um fator negativo perante a audiência, que, ainda impressionada com a tecnologia, não se importava em acompanhar notícias que hoje chamaríamos de ultrapassadas.

O primeiro telejornal brasileiro com veiculação simultânea para todo o país em tempo real, valendo-se da interligação de todo o Brasil pelas micro-ondas, foi o *Jornal Nacional*. A apresentação na TV Globo iniciou em 1969 e o programa continua sendo uma referência em informação na televisão nacional até a atualidade.

Voltando o foco para a radiofonia, o setor encontrou no aprimoramento da produção jornalística uma possibilidade de competir com a televisão. A nova mídia iniciou com grande parte da programação voltada ao entretenimento, que era até então o que havia de mais relevante no rádio. Para se distinguir, os diretores da radiodifusão investiram na instantaneidade e no dinamismo, atributos inerentes ao meio.

O formato de programas com ênfase em jornalismo, esporte e prestação de serviços foi um dos primeiros indicativos de reação do rádio. A organização com foco na divisão do roteiro entre esses conteúdos se consolidou nos anos 60 e 70 em emissoras como a Rádio Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro, a Jovem Pan e a Bandeirantes, de São Paulo, e a Guaíba, de Porto Alegre. A regionalização foi uma das consequências, pois o cerne das informações veiculadas, especialmente a utilidade pública, tinha relação com o espaço geográfico em que o veículo estava inserido.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Os repórteres de rádio, que outrora tinham de se contentar com os apresentadores lendo as informações que haviam coletado, tinham então o seu trabalho potencializado pelo uso do gravador. Na década de 1960, a Rádio Jornal do Brasil implantou a utilização de sonoras (áudios de entrevistas) nos noticiários.

Aos poucos, os recursos tecnológicos foram possibilitando a transmissão ao vivo das ruas. O rádio passa a ser instantâneo. Inicialmente havia dificuldades técnicas em função da necessidade de contar com linha telefônica. Nos anos 80, o transmissor-receptor – aparelho instalado dentro das unidades móveis – possibilitou que o repórter entrasse ao vivo no ar, qualquer que fosse o ponto onde estivesse. O trabalho se tornou ainda mais ágil em meados da década de 1990, quando os profissionais valeram-se dos celulares para transmitir das ruas.

Os programas sob a condução de um âncora, que chama noticiários e repórteres e faz entrevistas, tiveram forte propagação nas rádios do Rio Grande do Sul. Em 1975, a Guaíba iniciou o *Agora*, focado em variedades e entrevistas. Em 1983, a Gaúcha introduziu em sua programação uma fusão entre os formatos *all news* (tudo notícias, na tradução livre para o português) e *all talk* (tudo conversa, também na tradução livre). O estilo acabou sendo denominado de *talk show*, um gênero onde o apresentador conversa com o ouvinte. A pauta desse tipo de programa se dá através de entrevistas, reportagens e interação da audiência, com o âncora comentando os assuntos que são abordados.

O modelo foi adotado por outras emissoras, mesmo que com adaptações à cultura organizacional de cada uma. Um exemplo é a Central Brasileira de Notícias (CBN), referência em radiojornalismo no Brasil, que instituiu o *all news* em 1991. Atualmente o formato é a marca de diversos veículos, como a Band News. Ainda no contexto de dinamização das rádios, destaque para a repetição constante de notícias nos programas, como a cada 15 minutos, atendendo à rotatividade da audiência.

A evolução na produção jornalística da Rádio Independente pode ser exemplificada traçando uma comparação entre as décadas. Nos anos 50 e 60, quando a informação era veiculada basicamente no início da manhã e ao meio dia, além dos noticiários de hora em hora, havia pouca elaboração própria de conteúdo jornalístico. O *gilette press* e a rádio escuta de emissoras de Porto Alegre eram as alternativas para munir-se de informações.

Destaque ainda para o *Panorama*, iniciado em 1963, que era uma espécie de editorial sobre os acontecimentos locais e nacionais. O programa tinha comentários do apresentador e a

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

veiculação de notícias. Em termos de cobertura local nos anos 60, o principal agente propulsor eram as eleições.

A década de 1970 também teve a prática da rádio escuta e do g*ilette press* na redação do veículo, mas a veiculação de notícias locais também era feita. Conforme o relato de locutores da época, havia produção de notícias policiais e políticas, sempre com foco nos municípios da região. No final dessa década, a reportagem de rua era uma prática que enriqueceu o radiojornalismo. Ainda que o repórter não tivesse a possibilidade tecnológica de fornecer informações ao vivo do local onde estivesse, ele gravava entrevistas com as fontes e as reproduzia posteriormente. Importante ressaltar que nessa época, devido à falta de concorrência com outras mídias na região, não havia a atual inquietação em veicular as notícias com instantaneidade.

Em 1970, a Independente passou a cobrir as enchentes do rio Taquari e seus afluentes. O serviço, além de ampliar o conceito de radiojornalismo local, foi e continua sendo um serviço de utilidade pública fundamental para as comunidades ribeirinhas de todo o Vale. Baseados nas informações da emissora sobre o nível do rio e a perspectiva de elevação ou retração das águas, a população decide por permanecer em casa ou deixar suas residências – sempre contando também com o apoio de órgãos oficiais, como a Defesa Civil.

O radiojornalismo passou a ser o foco da programação das primeiras horas da manhã, ainda que mesclado com música, a partir do início do *Acorda Rio Grande*, em 1982. No horário de maior audiência da emissora, dada as repercussões nas conversas sociais, o programa investiu em informações agrícolas, regionais, policiais, serviços, previsão do tempo, esportes e entrevistas, elementos que integram o espaço até a atualidade. Trata-se do carro chefe da rádio. O programa segue um formato presente nas emissoras do estado e do país. Sua particularidade é o espaço proporcionado a informações policiais e rurais.

A produção jornalística foi intensificada e aperfeiçoada a partir de 1986, quando o já experiente comunicador Heron de Oliveira instituiu gradativamente no *Encontro Maior* um formato de programa com entrevistas, quadros e unidade móvel. Foi o trabalho do repórter da móvel, com informações ao vivo das ruas, que tornou a emissora referência em agilidade na veiculação de informações. Entre os assuntos repercutidos pelo profissional estavam casos de polícia e problemas de infraestrutura nos municípios.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Nos anos 90, com o radiojornalismo consolidado nos turnos da manhã e da tarde, o desafio foi descentralizar a apresentação dos programas. Na maioria dos componentes da programação, o locutor era responsável por praticamente todos os quadros, com exceção das unidades móveis. Essa concentração de funções foi pulverizada nos anos 2000, quando os responsáveis pela geração dos conteúdos começaram a ir aos microfones para noticiar o que haviam apurado. A atribuição atualmente é intrínseca ao trabalho de um radiojornalista no veículo.

A produção jornalística nos dias de hoje é fruto de uma evolução histórica. Todos os programas possuem produção, que define pautas e marca entrevistas, reportagem ao vivo das ruas e apresentação de notícias regionais, policiais e gerais por repórteres que trabalham especificamente nessas editorias. Muitas vezes os profissionais se valem da veiculação de sonoras durante os quadros noticiosos. A linguagem utilizada nos noticiários da Independente é adaptada para o meio, com frases sucintas e poucos adjetivos, fruto da qualificação dos jornalistas, tema da sequência desta pesquisa.

A rádio escuta não é mais praticada para a formulação dos noticiários. O recurso da pesquisa em sites de informação e em jornais ainda é utilizado, principalmente para o noticiário de hora em hora e alguns quadros específicos, mas sempre com ajustes do texto para a plataforma radiofônica. Além do rádio, os profissionais produzem conteúdo (texto, fotos, vídeos e hipertexto) também para o portal do Grupo Independente na internet.

Os avanços produtivos, principalmente a partir da década de 1970, fazem parte de um conceito que então era novo na emissora, com ênfase no jornalismo. A mudança é apontada pelos entrevistados nesta pesquisa como consequência da popularização da TV no Vale do Taquari. Mas as alterações na forma de desenvolver o radiojornalismo partiram não apenas das necessidades de evolução a partir da mídia televisiva. Esse processo também ocorreu em função da exigência do público regional, dos novos aparatos tecnológicos e de tendências de programação que surgiram em emissoras da capital, que são referência em muitos aspectos para o interior.

Portanto, a intensificação da produção de informações na Rádio Independente, do mesmo modo que o foco jornalístico, ocorreu a partir dos anos 80, duas décadas após ter iniciado esse processo no cenário estadual e nacional. Atualmente as condições produtivas

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

estão equiparadas às emissoras focadas no radiojornalismo em todo o país. A variação se dá em função do contexto geográfico em que a emissora está inserida.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

b) Profissionais

Em função da própria característica do meio na época, o rádio, em sua fase romântica, valorizava muito mais os radioatores e animadores de programas de auditório e musicais do que profissionais cuja atividade fosse centralizada no jornalismo. Os locutores que apresentavam notícias e mesmo os repórteres que colhiam informações na rua não tinham especialização. As suas tarefas eram cumpridas com base na experiência prática. O tom de voz grave, principalmente até os anos 80, era uma exigência para os radialistas.

Como a televisão teve forte influência do rádio em sua fase inicial no Brasil, também não havia nessa mídia a preocupação com a qualificação acadêmica dos funcionários. Parte dos atores e apresentadores veio da radiofonia com as suas aptidões definidas e, posteriormente, aplicadas para a TV. A especialização necessária foi a da parte técnica, pois os futuros operadores não tinham conhecimento aprofundado do manuseio de câmeras, luzes e outros equipamentos. Para aperfeiçoar o serviço desses, foi promovido em 1959 um curso de quatro meses na TV Tupi, no Rio de Janeiro, inclusive com participação dos precursores da televisão no Rio Grande do Sul.

Mesmo no período pós-televisivo, a atuação dos profissionais de rádio continuou sendo muito mais fruto da prática do que da especialização teórica. As faculdades de jornalismo ainda eram escassas no país. A qualificação foi ocorrendo conforme a necessidade das emissoras e a oferta de cursos, a ponto de atualmente muitas rádios não admitirem funcionários sem graduação ou ao menos em fase de formação acadêmica.

Para os locutores, o timbre de voz continuou sendo um requisito. O entendimento era de que uma fala imponente seria mais atraente aos ouvintes. Essa condição começou a perder força na década de 1980 em função da instituição de programas no formato *all news* e *all talk* – ou *talk show*, como na Rádio Gaúcha. Algumas emissoras passaram a adotar um modelo mais conversado, com interação entre âncora e repórteres, em detrimento do formato de leitura de notícias com imposição vocal pelos apresentadores.

Na Independente, a exemplo das demais rádios brasileiras, não havia profissionais com especialização no segmento nas primeiras décadas de funcionamento da emissora. Até os anos 80, os funcionários ganhavam experiência no próprio exercício da profissão, com mescla entre entretenimento e radiojornalismo. Radioatores, apresentadores de programas de auditório e musicais e mesmo os locutores de notícias se enquadravam nesse contexto.

A última década do século XX já tinha o radiojornalismo implantado na maior parte da programação diurna. Os radialistas, muitos deles remanescentes da época do entretenimento, não eram pessoas com estudo jornalístico para exercer a função. Ainda assim, nesse período, em função do conteúdo veiculado, já era necessário que o perfil dos comunicadores sofresse alterações. Ao invés de ler cartas de ouvintes que ofereciam músicas, era preciso saber qual a entonação de voz para determinado tipo de notícia, por exemplo.

A contratação de jornalistas formados ou em formação iniciou nos anos 2000, principalmente na segunda metade, até porque nessa década a Univates, instituição universitária da região, passou a oferecer esse curso de graduação. No quadro atual, a maioria dos integrantes do Departamento de Radiojornalismo alcança essa condição. Mesmo os que não se formaram na área têm experiência prática na produção de jornalismo por já terem ingressado na emissora em um momento em que esse tipo de conteúdo era o norte da programação. A voz grave, seguindo uma tendência nacional, não é requisito na empresa. A valorização se dá muito mais na iniciativa de propor e desenvolver pautas jornalísticas.

Com um rádio segmentado na informação, naturalmente os universitários que buscam emprego na área em que estudam procuram emissoras com o perfil da Independente. O processo de profissionalização do quadro de funcionários foi uma consequência da mudança de perfil do veículo, mas também da oferta de cursos de Jornalismo em universidades gaúchas, principalmente na Região Metropolitana e nos vales do Taquari e do Rio Pardo.

Dessa forma, em relação a outras emissoras, a profissionalização na Independente foi concomitante. Conforme as opções de graduação foram surgindo e a audiência exigia conteúdos jornalísticos, a emissora teve a sensibilidade de contratar profissionais formados ou em formação na área. Essa medida, de uma forma geral, qualificou o conteúdo veiculado em função do conhecimento teórico dos profissionais aplicado ao cotidiano do rádio.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

c) Espaço

Antes do surgimento e da consolidação da TV no Brasil, as rádios tinham momentos esporádicos de veiculação de programas ou quadros de notícias. Com atenção mais voltada ao entretenimento, havia alguns noticiários em horários específicos, quase isolados. Entre os exemplos estão o *Repórter Esso*, com cinco minutos de duração e veiculação em média quatro vezes ao dia. Também houve experiências com jornal falado, repórteres de rua e coberturas eventuais de grandes acontecimentos.

A televisão, em suas primeiras experiências, trazia o jornalismo intercalado com novelas, programas de auditório e filmes. Não se pode afirmar que o espaço para a informação era reduzido, pois a emissão ocorria apenas à noite. Dentro dessa limitação de tempo, o telejornalismo tinha sua importância, mesmo que o eixo da programação fosse o lazer.

Passado o impacto do fenômeno televisão no rádio, o jornalismo passou a ser o centro das atenções. Os programas voltados à diversão foram substituídos pelos informativos. Cada emissora fez a transição ao seu tempo, mas invariavelmente houve o direcionamento para esse conceito, com exceção da maioria das que operam em frequência modulada (FM), cuja programação em sua maior parte continua voltada à musica e ao entretenimento.

O espaço do radiojornalismo na Independente foi sendo ampliado na mesma proporção em que a emissora adquiria esse perfil. Se nas duas primeiras décadas havia alguns momentos destinados à informação pela manhã, ao meio dia e na hora cheia, nos anos 70 foi instituído, por exemplo, o repórter de rua. Ainda que esse profissional não trouxesse informações ao vivo de onde estivesse, ele ampliava e dinamizava a cobertura regional, pois trazia sonoras de fontes ao invés de apenas relatar o que elas diziam.

No início dos anos 80, o jornalismo recebeu um espaço a mais na grade da rádio com o *Acorda Rio Grande*. O começo da manhã passava a contar com notícias gerais e locais. Ainda nessa década, o *Encontro Maior* ampliou o tempo destinado à informação na parte da manhã e foi determinante para que a empresa entendesse que esse deveria ser o foco dos programas.

Sendo assim, a década de 1990 foi marcada pela instituição de programas radiojornalísticos também à tarde, o que se consolidou e é seguido até hoje. A programação diurna atual, praticamente toda voltada ao jornalismo, apenas cede espaço para esporte e

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

eventos em alguns horários do dia. A expansão do tempo destinado a conteúdos informativos é uma das consequências mais notáveis do impacto da televisão na emissora lajeadense, tendo em vista que a revogação do entretenimento foi motivada pela mídia televisiva. Hoje, de segunda a sexta-feira, em condições normais, das 24 horas que a emissora fica no ar, 21 horas são destinadas à informação, considerando-se os programas esportivos e a *Voz do Brasil*.

Esse fenômeno foi observado na Independente. No entanto, cada emissora determina de modo diferenciado seus espaços informativos conforme sua estratégia de gestão.

4.3 Tecnologia

As alterações na programação foram essenciais para garantir a competitividade das rádios perante um crescimento acelerado do setor televisivo. Como relatado a seguir, essas transformações foram possibilitadas e potencializadas por aparatos tecnológicos. Esta categoria é fracionada nas subcategorias produção e transmissão.

a) Produção

Além do principal equipamento para o funcionamento de qualquer emissora, o microfone, o rádio não tinha tecnologias voltadas à produção de conteúdo quando surgiu no país. Na década de 1940, em razão das radionovelas, foi necessário produzir efeitos de sonoplastia para retratar as "cenas". No mesmo período foram introduzidos efeitos tais como *spots* (texto publicitário breve, com música ou efeitos sonoros) e *jingles* (rápida mensagem publicitária, com música e letra simples e de fácil recordação). O *Repórter Esso* tinha, além de vinhetas, uma característica musical enquanto o locutor apresentava as notícias.

A televisão, a exemplo do rádio, surgiu com os aparatos de produção inerentes ao seu funcionamento, como câmeras, iluminação e microfone. Na TV Piratini, a primeira do Rio Grande do Sul, 90% da programação era ao vivo nos primeiros anos de funcionamento. A

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

partir do final de 1961, a emissora se valeu do videotape, possibilitando a gravação de programas e comerciais que iriam posteriormente ao ar.

Com o passar do tempo, o setor radiofônico se adaptou a novas tecnologias. Os gravadores pesados para captar sonoras dos entrevistados – atualmente substituídos por digitais - e a utilização de linhas telefônicas para transmissão ao vivo das ruas são amostras de equipamentos aderidos nos anos 60 e 70 para tornar o rádio mais dinâmico e ágil.

O fomento dessas peculiaridades se deu, na década de 1980, pelo advento do transmissor-receptor, instalado no carro das emissoras. Esse equipamento possibilitou ao repórter entrar ao vivo na programação sem a necessidade de ligação dos seus aparelhos com linha telefônica, nem sempre disponível. Na década posterior, o uso de celulares estimulou a instantaneidade, pois de qualquer local onde há sinal disponível o repórter passou a conseguir participar e relatar fatos que estavam acontecendo, não sendo mais necessário ir até a unidade móvel para fazer os boletins.

Dentro das redações, o maior impulso tecnológico das últimas décadas foi a informatização, a partir do final dos anos 90 e início dos anos 2000. Os computadores estão ligados em rede. O material produzido por um jornalista fica disponível para todos os demais. Além disso, tudo o que é gravado em softwares automaticamente é remetido ao computador da mesa de áudio, podendo ser veiculado assim que a pauta do programa permitir.

A evolução tecnológica para produção de conteúdos na Rádio Independente foi praticamente a mesma verificada nas demais estações brasileiras, conforme o advento de novos aparatos. Um dos primeiros exemplos foram os recursos para sonoplastia nas radionovelas na década de 1950.

No final dos anos 70 e início dos 80, o repórter não entrava no ar ao vivo das ruas por falta de equipamentos que possibilitam essa prática. A única opção era gravar e reproduzir posteriormente. Em 1986, quando a unidade móvel passou a ser utilizada, a defasagem de tempo entre os acontecimentos e a veiculação das informações diminuiu de forma considerável. Atualmente, com os repórteres se valendo dos celulares, além de relatar ao vivo os acontecimentos eles não precisam se dirigir até o veículo da emissora para reportar os fatos, assim como podem fazer as entrevistas no local onde as fontes residem/trabalham, evitando o deslocamento até a unidade móvel.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

A redação, da mesma forma, tem todos os computadores interligados. O acesso às notícias produzidas pode ser feito a partir de qualquer um deles. Um estúdio instalado dentro da sala do Departamento de Radiojornalismo possibilita aos jornalistas gravarem e editarem notícias, matérias e reportagens no programa *Sound Forge*. As gravações são salvas diretamente na mesa de áudio, ficando prontas para a reprodução.

Recente modernização é a utilização de *tablets* pela reportagem. Como os conteúdos são gerados também para o site da Independente, é necessário que nas coberturas os jornalistas tirem fotos e gravem vídeos. Os recursos são possibilitados por esses equipamentos, que também permitem o envio dos materiais via internet imediatamente para o Núcleo de Web, que por sua vez os publica no portal.

As evoluções tecnológicas aplicadas pela rádio não tiveram relação direta com as mudanças no setor no período pós-televisivo. Foram, na verdade, consequência da invenção de novos instrumentos facilitadores para a produção. Essas movimentações no mercado de tecnologia sempre foram e sempre serão acompanhadas pela radiodifusão com vistas a melhorar a qualidade e proporcionar mais agilidade ao meio. O uso das possibilidades tecnológicas pelas emissoras depende de suas estratégias de gestão e do poder econômico das empresas.

b) Transmissão

A transmissão radiofônica em amplitude modulada (AM) é possibilitada por uma série de etapas. A voz do comunicador é transformada em impulsos eletromagnéticos pelo microfone e pela mesa de áudio. O transmissor principal, instalado em terreno amplo na área rural, capta essas ondas, que são transmitidas a partir do estúdio via cabo telefônico ou um pequeno transmissor com emissor de ondas. O sinal é enviado, então, para a antena que fica junto ao transmissor. Esse envio é feito por cabos. A antena, valendo-se ondas hertzianas, transmite pelo solo os sinais da rádio na frequência da emissora. Esses sinais são decodificados pelos aparelhos receptores.

Quanto à recepção, os aparelhos de rádio a válvulas eram de porte grande e pesados. Ficavam normalmente estáticos em determinado ponto das residências. Não havia a

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

mobilidade necessária para que o receptor os levasse para onde estivesse. A ligação na rede de energia elétrica era imprescindível para o funcionamento do equipamento.

A transmissão do sinal de televisão tem uma sequência semelhante à radiofônica, com acréscimo da imagem. A voz e a imagem são transformadas em impulsos eletromagnéticos pelo microfone e pela câmera, respectivamente. As ondas são enviadas via micro-ondas para o transmissor, instalado em um morro para aumentar a abrangência da emissora. O sinal é emitido pelo transmissor por meio das ondas hertzianas, captado e decodificado pelas antenas receptoras e reproduzido nos televisores.

Em 1968, a Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel) conectou o país inteiro pelas micro-ondas. Os programas de TV puderam ser reproduzidos em tempo real para todo o território nacional, acabando a defasagem de tempo entre um acontecimento e sua veiculação em emissoras de fora do centro do país. Iniciou-se o processo de instalação das antenas parabólicas para a recepção do sinal. Na década seguinte, o sistema de transmissão via satélite proporcionou a união de emissoras em rede, com a matriz produzindo conteúdos e as afiliadas fazendo a retransmissão.

A exemplo do rádio, a televisão também era um aparelho maior e mais pesado quando surgiu no Brasil. Os televisores transmitiam imagens em preto e branco, o que viria a mudar apenas na década de 1970, com o advento da TV a cores.

Para que o rádio se reestruturasse após a consolidação da televisão no Brasil, foi fundamental, além de mudanças no conteúdo veiculado, o surgimento do transistor, fabricado no país a partir de 1955. Os rádios transistorizados foram substituindo os que funcionavam a válvulas e precisavam ser ligados na tomada. São aparelhos portáteis e leves, que não precisam de energia elétrica para o funcionamento. O rádio adquiria, naquele momento, características de um meio de comunicação de consumo individual e dinâmico.

A transmissão em rede, a partir dos anos 70, também foi importante para o setor da radiodifusão. Informações ao vivo de diversas partes do país puderam ser transmitidas em um mesmo programa, como o *Jornal de Integração Nacional*, da Jovem Pan. Na década seguinte, as redes via satélite aperfeiçoaram as transmissões em rede. Através delas, emissoras podiam ter afiliadas em diversos pontos do país. A Rede Gaúcha Sat foi um dos expoentes desse tipo de transmissão, chegando a ter 116 emissoras em nove estados.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Na mesa de áudio das emissoras surgiram tecnologias que facilitaram e qualificaram a emissão. Os discos de vinil, cartucheiras e fitas cassete foram trocados por computadores, com programas que permitem a veiculação de vinhetas, trilhas, conteúdos jornalísticos e comerciais. O operador de áudio organiza os itens da programação e com um clique põe os elementos no ar conforme o roteiro do programa.

A qualidade sonora das rádios foi aperfeiçoada através das emissoras em frequência modulada (FM), instituídas a partir de 1970. A abrangência é inferior às rádios em amplitude modulada (AM), mas a diferença no som supria essa desvantagem. Em função dessa qualificação de som, muitas emissoras em FM passaram a reproduzir músicas na maior parte da programação.

A Independente iniciou sua trajetória com um transmissor de 250 watts. Em 1978, a potência foi ampliada para 1 kilowatt (kW). Atualmente, a rádio possui um transmissor de 10 kW, cobrindo 40 municípios, inclusive de fora do Vale do Taquari. O aumento na abrangência foi uma das principais benfeitorias das tecnologias de transmissão. Além disso, o veículo se valeu da invenção do transistor, que facilitou a sintonização pelos ouvintes. Atualmente, além das ondas hertzianas, a emissora transmite também pela internet, podendo ser acessada de qualquer parte do mundo.

Na operação de áudio, seguindo a tendência das demais rádios, o disco de 78 rotações era utilizado nos anos 70 para reproduzir os conteúdos gravados. Na sequência, a cartucheira substituiu esse recurso e depois cedeu espaço para as fitas cassete. A dificuldade para veiculação era evidente na época. O trabalho para colocar desde uma matéria até um comercial no ar era muito maior do que se verifica atualmente, com um *software* que executa todos os componentes de um programa radiofônico.

Da mesma forma que os aparatos tecnológicos para produção de conteúdo, os equipamentos para transmissão de rádio não sofreram modificações exclusivamente em função da televisão. As novas formas para emitir o sinal radiofônico acompanharam o que o mundo tecnológico proporcionou. Essa convivência do rádio com a tecnologia é verificada nos dias de hoje pela transmissão via internet. Um veículo de comunicação como a Rádio Independente, que assume caráter regional na veiculação de seus conteúdos, pode agora ser acessado de qualquer lugar do planeta graças a esses aparatos.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

4.4 Considerações conclusivas

A Independente, ainda que tenha demonstrado interesse pelo segmento de notícias desde a sua fundação, focou a programação nessa área somente na segunda metade da década de 1980, consolidando nos anos 90 o foco no radiojornalismo o dia inteiro. Essa mudança de perfil ocorreu duas décadas depois em relação ao que já se observava no cenário nacional. Outras emissoras passaram a centralizar suas grades de programação no radiojornalismo ainda nos anos 60, quando o meio precisou se recuperar do impacto da televisão.

Quanto ao horário nobre, a realidade da rádio lajeadense foi de mudança total após a TV se consolidar no Vale do Taquari. O período noturno foi substituído pelo diurno ainda nos anos 70. Mesmo que fenômeno semelhante tenha acontecido em outras emissoras brasileiras, não se pode tomar isso como regra. Em função da dimensão do país, as realidades culturais e sociais diferem conforme a região, o que obriga cada rádio a adaptar sua programação ao cenário local.

Na produção jornalística, a Rádio Independente se valeu de tecnologias que permitiram a instantaneidade, com transmissão ao vivo do local onde os acontecimentos se passam. Também houve a implantação de novos formatos de programas, roteirização, regionalização, utilidade pública, interação, entre outros elementos. Essa maximização da produção de radiojornalismo, iniciada na segunda metade dos anos 80, foi verificada duas décadas depois de outras rádios brasileiras já estarem intensificando e dinamizando a veiculação de informações.

Essa mudança de foco exigiu transformações no trabalho do quadro funcional da empresa. Locutores caracterizados pela animação de programas musicais tiveram de se adaptar à nova identidade, caso contrário não se enquadrariam no perfil proposto. Nos anos 80 e 90, as funções inerentes ao jornalismo foram desempenhadas por profissionais com prática de rádio, mas preponderantemente sem formação acadêmica. A contratação de graduados ou estudantes de Comunicação Social, especificamente do curso de Jornalismo, se intensificou na primeira década do século XXI, principalmente em função da oferta da graduação na área na instituição universitária da região.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

O espaço voltado à informação, consequentemente, foi sendo ampliado na medida em que a Independente determinou o radiojornalismo como o norte de sua programação. Nos anos 70 havia mais tempo destinado ao entretenimento, na década de 1980 a programação matutina aderiu ao jornalismo em sua plenitude, agregando-se ao meio dia, e nos anos 90 toda a grade diurna passou a ser voltada ao segmento. Atualmente, em condições normais, a programação de segunda a sexta-feira tem 21 horas diárias de informação, seja jornalística ou esportiva. No cenário estadual e nacional, cada rádio tem poder de decisão sobre o espaço destinado às notícias, conforme a realidade local e a capacidade interna de produzir conteúdos jornalísticos.

As tecnologias foram essenciais para a competitividade do rádio em relação à televisão. Ainda assim, não há relação direta entre os aparatos tecnológicos utilizados pelo setor radiofônico e o meio televisivo. Na Independente e em qualquer outra rádio, a adesão aos equipamentos é consequência do advento dos mesmos. Assim, a emissora foi adquirindo gradativamente os novos aparelhos destinados à produção e à transmissão e, por meio deles, potencializando a sua abrangência e a qualidade de sinal e dos conteúdos veiculados.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um dos prefixos veiculados diariamente na Rádio Independente frisa a seguinte frase: "Radiojornalismo em primeiro lugar". Tal qual mencionado no slogan, a programação, evidentemente, está centralizada nas informações. Falar da Independente é referir-se a alguma notícia, algum fato ocorrido no Vale do Taquari ou mesmo no cenário nacional e internacional.

Este estudo configura-se em um resgate histórico da emissora, buscando entender o caminho traçado para que atualmente o seu propósito se defina dessa forma. Uma rádio do interior do Rio Grande do Sul, localizada em uma região de aproximadamente 40 municípios que, juntos, não têm a população da imensa maioria das capitais brasileiras, mas é capaz de embasar o seu conteúdo exclusivamente na informação. Esse fenômeno é o resultado de um conjunto de transformações necessárias por vários fatores, mas certamente impulsionadas pela concorrência com a televisão.

O rádio precisou mudar para que o anúncio de seu fim não se confirmasse. Emissoras de todo o Brasil aperfeiçoaram suas programações, instituindo elementos que propiciaram instantaneidade e dinamismo. É fato também que essas características são intrínsecas ao meio, e o que se fez foi aproveitá-las para encontrar maneiras de atingir a finalidade do rádio, o mais ágil de todos os meios de comunicação.

O período de descrença na radiofonia, com migração de profissionais, anunciantes e audiência para a TV, teve duração de aproximadamente uma década se for analisado o contexto nacional de forma generalizada. No entanto, nem todos os veículos

tiveram impacto tão significativo, tendo em vista que a popularização dos televisores – assim como acontece com qualquer outra tecnologia – encontrou no centro do país a popularização inicial, sendo distribuído para os estados periféricos posteriormente. Sendo assim, a Rádio Independente operou por duas décadas sem qualquer tipo de imprescindibilidade de adaptação. O contexto da sua área de abrangência, na época, não possuía fatores que forçassem ou pelo menos indicassem qualquer transformação.

Mesmo na década de 1970, quando a televisão se expandia na região, foram poucas as alterações que a rádio de Lajeado precisou implantar em sua estrutura funcional. O entretenimento continuava comandando a programação, mesmo que com ajustes de horário em função dos novos hábitos dos espectadores, que cada vez mais consumiam programas televisivos à noite. A principal marca desse período, na verdade, foi a suspensão de programas noturnos que exigiam maior produção.

A alteração do horário nobre pode não ter causado um efeito tão expressivo, mas foi uma chave para outras transformações que estavam por vir. A direção da empresa já entendia que os programas diurnos repercutiam mais junto à comunidade. Faltava, então, definir um novo foco de trabalho, já que as opções televisivas de entretenimento se mostravam mais atraentes para a audiência. Essa adaptação ocorreu gradativamente, com início tímido nos anos 70 e expansão na década seguinte.

O conceito de rádio voltado ao jornalismo foi definido em meados dos anos 80 e consolidado nos anos que se sucederam, até chegarmos a uma realidade em que tudo dentro da emissora é voltado à informação. Desde a contratação de profissionais até a venda de anúncios para patrocinadores, as atenções estão firmadas no conteúdo informativo. A relativa demora em implantar esse formato em comparação com outras emissoras gaúchas e brasileiras não pode ser analisada pelo fato em si, mas sim pelo contexto social da região onde se encontra o veículo. O interesse da população por jornalismo aumentou paralelamente ao maior grau de instrução dos integrantes da comunidade, o que não acontece abruptamente. Tudo é fruto de mudanças gradativas e, normalmente, lentas.

Importante frisar que esta pesquisa não teve o propósito de analisar profundamente a forma como o radiojornalismo é produzido e as questões que pautam a equipe de reportagem. Esse tema pode ser aprofundado em um futuro estudo. O presente trabalho é centrado no que é feito, e não em como é feito. Ainda assim, são abordadas as evoluções no modo de produzir

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

conteúdos jornalísticos adaptados ao rádio e como isso aconteceu na Independente. Essas novidades sempre estiveram atreladas aos aparatos tecnológicos que as tornam possíveis. Futuras alterações também ocorrerão em decorrência da tecnologia, sempre aliada à capacitação profissional.

O acréscimo que esta pesquisa proporciona na área da comunicação é, sinteticamente, a junção da definição de diversos autores sobre rádio e televisão em suas especificidades, o histórico desses meios de comunicação no Vale do Taquari e as transformações da principal emissora de radiojornalismo da região no período posterior ao surgimento e à consolidação televisiva. A aplicação de um fenômeno nacional - alteração radiofônica pós-televisão – à realidade local tende a ser uma das principais marcas desta obra.

Conclui-se, assim, que a maioria das mudanças do rádio frente à TV observadas em território nacional foi aplicada na Rádio Independente. Ainda que com um *delay* compreensivo devido à localização geográfica, as alterações são evidentes e culminam na programação atual, caracterizada pelo dinamismo, instantaneidade e, acima de tudo, pelo protagonismo da informação. Ainda que a mídia televisiva tenha influenciado diretamente nesse processo, ela nunca foi uma ameaça à continuidade do funcionamento da Rádio Independente, ao contrário do que se verificou na esfera nacional nos anos 50 e 60. O fato de ter sido o agente propulsor de uma série de modificações não significa que a televisão tenha causado o ‘‘anúncio do fim’’ da emissora lajeadense.

O veículo se adaptou e segue a tendência de modificações na forma de produção tendo em vista o surgimento de novos meios de comunicação. Atualmente, por exemplo, os repórteres não resumem mais seu trabalho à plataforma das ondas hertzianas. Os profissionais são multimídia, pois abastecem também o portal da Independente na internet, gerando, além do áudio, texto, fotos, vídeos e hiperlinks. O ciclo tende a nunca se encerrar devido ao dinamismo do mundo contemporâneo. Em meio a esse cenário e com base no passado, ninguém duvida que um aparato criado no início do século XX seja flexível a tudo o que está por vir e mantenha o protagonismo nos tempos vindouros.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

REFERÊNCIAS

BERGESCH, Walmor. **Os Televisionários**. Porto Alegre: Ardotempo, 2010.

CÉSAR, Cyro. **Rádio**: A Mídia da Emoção. São Paulo: Summus, 2005.

CHANTLER, Paul; STEWART, Peter. **Fundamentos do Radiojornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.

DEL BIANCO, Nélia. Remediações do Radiojornalismo na Era da Informação. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bianco-nelia-remediacao-radiojornalismo-era-da-informacao.pdf>. Acesso em 30 set. 2013.

DIAS, Carlos Eduardo de Moraes. A Rádio que Toca Notícias. In: DEL BIANO, Nélia; MOREIRA, Sônia Virgínia (Orgs.). **Rádio no Brasil:** Tendências e Perspectivas. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado Rio de Janeiro; Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 61 - 68.

DUARTE, Jorge. Entrevista em Profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. P. 62 a 83.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuchi Duarte. Estudo de Caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Orgs.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. p. 215 a 235.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio**: o Veículo, a História e a Técnica. 2. ed. Porto Alegre: Sagra Luzatto, 2001.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio no Rio Grande do Sul (anos 20, 30 e 40**): dos pioneiros às emissoras comerciais. Canoas: Editora da Ulbra, 2002.

FILHO, Daniel. **O Circo Eletrônico**: Fazendo TV no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010: Domicílios recenseados, por espécie, segundo as Grandes Regiões, as Unidades da Federação e a situação do domicílio.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/tabelas_pdf/Brasil_tab_1_16.pdf>. Acesso em: 10 out. 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades: População estimada de Lajeado em 2013**. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=431140&search=rio-grande-do-sul|lajeado>. Acesso em 20 ago. 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Domicílios particulares permanentes, por posse de rádio**. Disponível em: <http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?no=1&op=1&vcodigo=PD281&t=domicilios-particulares-permanentes-posse-radio>. Acesso em: 10 out 2013.

JOST, François. **Compreender a Televisão**. Porto Alegre: Editora Meridional/Sulina, 2010.

JUNG, Milton. **Jornalismo de Rádio**. São Paulo: Contexto, 2007.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

KILPP, Suzana. **Apontamentos para uma História da Televisão no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.

KLÖCKNER, Luciano. **O Repórter Esso:** A Síntese Radiofônica Mundial que fez Histórica. Porto Alegre: AGE: EDIPUC, 2008.

KLÖCKNER, Luciano. O Repórter Esso e Getúlio Vargas. **Portal de Livre Acesso à Produção em Ciências da Comunicação**, 2004. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74695668814433177230257016087316867641.pdf >. Acesso em 17 mar. 2014.

MAZZARINO, Jane Márcia. **A cidadania da Escuta.** Lajeado: Editora Univates, 2009. E-book. Disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/media/publicacoes/23/pdf_23.pdf>. Acesso em 17 mar. 2014.

MORAES, Roque. Mergulhos discursivos: análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; FREITAS, José Vicente de (Orgs.). **Metodologias emergentes de pesquisa em educação ambiental**. Ijuí: Editora Unijuí, 2007.

OLIVEIRA SOBRINHO, José Bonifácio. **O Livro do Boni**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

PEREIRA, Lívia Cirne de Azevedo. Os Avanços Tecnológicos no Telejornalismo Brasileiro: de 1950 à Era Digital. **Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-livia-avancos-tecnologicos.pdf>. Acesso em 14 out. 2013.

REIS, Sérgio Luiz Puggina. O *Back Stage* da Televisão no Rio Grande do Sul. **Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul**, 2012. E-book. Disponível em: <http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4410>. Acesso em 7 mar. 2014.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

RUTILLI, Malizandra. Rádio AM e as Novas Tecnologias Digitais: Um Panorama Histórico da Região Noroeste do Rio Grande do Sul. **Associação Brasileira de Pesquisadores de História das Mídias**, 2013. Disponível em: < http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/9o-encontro-2013/artigos/gt-historia-da-midia-sonora/radio-am-e-as-novas-tecnologias-digitais-um-panorama-historico-da-regiao-noroeste-do-rio-grande-do-sul>. Acesso em 1º abr. 2014.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Rádio Independente – 60 anos no ar**. Lajeado: Evangraf, 2011.

SILVEIRA, Ada Cristina Machado da; STÜRMER, Adriana**. Identificação com a audiência**: produção televisiva local. São Paulo: Matrizes, 2009. v. 2, n. 2. Disponível em: <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/issue/view/9/showToc>. Acesso em: 31 mar. 2014.

THOMÉ, Luís Touguinha et al. **Na onda do progresso:** O Papel do Rádio no Desenvolvimento do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Alternativa consultoria, 2001.

UNIVATES. **Institucional: Vale do Taquari**. Disponível em: <https://www.univates.br/institucional/vale-do-taquari>. Acesso em 20 ago. 2014.

ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. As Transformações da Notícia de Rádio na Fase Pós-Televisão. **Estudos em Jornalismo e Mídia**; vol. 1, nº 1, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1896/1805>. Acesso em 03 out. 2013.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXOS

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO A – ENTREVISTA COM PAULO HOFMEISTER

Quais eram os produtos vendidos na Loja Ireno Hofmeister?

Consertávamos, instalávamos e vendíamos TV. A pessoa comprava e tinha que instalar. Naquele tempo se instalavam antenas bem altas, pois não tinha sinal aqui, só em Porto Alegre. Vendíamos TV em Marques de Souza em 1965, e em 1967 viemos para Lajeado.

Como era o volume de vendas?

Era restrito, porque era cara a TV na época. Depois foi ficando cada vez mais popular. Passou o tempo, cada vez se vendia mais e ficou mais barato. Não sei se o poder aquisitivo do pessoal subiu. Não recordo do preço, mas sei que era bem caro. Não era qualquer um que comprava.

As pessoas, na época, estavam convencidas da necessidade de ter um televisor?

Todo mundo queria uma TV. Era um xodó. Cada casa queria ter uma TV. Se uma casa tinha, numa rua, os vizinhos faziam de tudo para comprar também. Todo mundo ia olhar notícia à noite, ou programação à noite. Todos os vizinhos se sentavam ao redor da TV. Tinha os televizinhos, pois não tinha ninguém quase que tinha TV, então se um comprava todos iam lá olhar, gostavam e compravam também.

Quais eram as características dos primeiros aparelhos de televisão que foram vendidos em Lajeado?

Tinham de 20 a 24 polegadas, grandes, preto e branco, a válvulas. Tinha que ligar para esquentar.

Como era a geração de energia elétrica?

Dava conta das televisões, mas faltava a luz com frequência. Não era uma qualidade boa como temos hoje.

Quais eram os canais disponíveis na época?

No começo tinha a Piratini, que era o canal 5, a Gaúcha, que era o 12, e a Guaíba, o 2.

Quais tipos de programas eram assistidos?

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Eram novelas, noticiosos e jogos futebol. O horário era mais cedo. Às 22h paravam de transmitir. Pelas 19h começava o noticioso e às 20h a novela.

Como se dava a manutenção dos aparelhos?

Nós e a Artelétrica consertávamos. Éramos autorizados em todas as marcas de TV e conseguíamos as peças com facilidade.

Além da Ireno Hofmeister, quais outras lojas em Lajeado vendiam TV?

Tinha a Hexsel e a Artelétrica. Que eu me lembro eram só essas.

As pessoas paravam em frente à vitrine da loja para ficarem olhando as imagens dos televisores?

Em Marques de Souza colocávamos na vitrine para as pessoas olharem, em Lajeado não. Vinham todos para a frente da loja olhar. Até fechavam a rua. Em domingos à noite tinha luta livre. Aquilo era o xodó. Não se enxergava muito bem, pois o sinal não era muito bom, preto e branco. Só se via um vulto, mas todo mundo adorava.

Quando a televisão começou a se popularizar em Lajeado?

A Copa do Mundo de 1970 foi o estouro de vendas. Foi uma loucura instalar e vender. Não tinha TV que chega. Já começaram as coloridas, só que era uma fortuna. Todo mundo quase tinha as em preto e branco. Continuava vendendo as em preto e branco, mas coloridas já se vendia. As pessoas mais abastadas compravam as coloridas.

Os clientes eram só de Lajeado ou de outros municípios também?

Tinha clientes de Pouso Novo, Relvado, São José do Herval, Marques de Souza, Forquetinha, Cruzeiro do Sul. Todas essas regiões nós fazíamos.

Quais eram as marcas dos primeiros aparelhos de televisão?

Piloto, Admiral, Telefunken, ABC, Philips, Semp.

Quando iniciou a venda de rádios na loja de Marques de Souza?

Em 1958 começamos a vender rádio. Meu pai trouxe um rádio de São Paulo. Começamos a vender e montar. Traziam os kits e montávamos. Naquele tempo tinha que instalar os rádios,

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

assim como TV. Tinha que botar antenas altas, com duas taquaras, e daí se colocava a antena. E era tudo rádio à bateria, não tinha pilha. Pessoas levavam baterias nos moinhos para carregar, pois tinha gerador. Só escutavam de noite, após chegar do serviço. Ouviam noticiário e desligavam, para não gastar muito, pois não tinha luz no interior. Em 1960 começaram a vir as redes de energia para o interior.

Quando começaram a vender o rádio transistorizado?

Terminaram as válvulas e começou o transistor, acho que foi em 1962. O rádio ficou mais móvel e consumia menos. As pessoas começaram a ter energia elétrica no interior, então começou a vender mais rádios.

Quais eram as marcas dos aparelhos vendidos na época?

A que mais vendia era a Semp. Também tinha Orbifon e Telefunken. Basicamente isso que eu me lembro.

Quais eram as estações ouvidas?

Independente, Farroupilha e Guaíba. Mais era a Independente que se escutava.

Qual era a média de vendas mensal de rádios?

Vendíamos mais em Marques de Souza do que em Lajeado. Em Lajeado foi mais TV. Eram cerca de 20 aparelhos de rádio por mês em Marques de Souza.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO B – ENTREVISTA COM VALDIR APPELT

Em que ano começaram a ser vendidos os televisores em Lajeado?

Não tenho data precisa. Não trabalhava diretamente na venda de televisores, mas dentro da empresa, então tinha contato.

Em 1965, quando começou a trabalhar na Hexsel S/A, já havia a venda de televisores na cidade?

Eu acho que já tinha, porque em 1966 deu aquele temporal forte. Vários proprietários de TV, como tinha a antena externa, foram atingidos. Uma coisa que fazíamos fora de hora, em sábados de tarde, era repor essas antenas, que se chamam hoje as antenas espinha de peixe. Em 1965 acredito que já havia a venda de televisores.

Na ocasião do temporal, em 1966, quantas antenas tiveram que recuperar?

Isso aconteceu em toda a cidade de Lajeado e até em Cruzeiro do Sul. Foram umas 20 a 30 antenas, no mínimo.

Além da Hexsel, quais outras lojas em Lajeado vendiam TV?

Artisan e não sei se naquela época a Artelétrica já vendia. Mas sei que a Artisan já vendia.

Os clientes eram só de Lajeado ou de outros municípios também?

Tinha clientes de fora também. Nós repusemos antenas em Lajeado e Cruzeiro do Sul. Estrela não, porque lá tinha lojas. Essa empresa tinha clientes em todo o Vale do Taquari.

Quais eram as características dos primeiros aparelhos de televisão que foram vendidos em Lajeado?

Era um aparelho grande, a caixa era de madeira. Não é como essas TVs que hoje estão no mercado. Eram preto e branco. Era uma TV grande, pesada. Até os rádios naquele tempo eram grandes. Hoje tudo é diferente. Naquele tempo era grande.

As pessoas, na época, estavam convencidas da necessidade de ter um televisor?

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Era um privilégio de poucos. Para nós, gurizada, os que tinham TV deixavam uma janela ou porta aberta para assistirmos. Poucas pessoas tinham, pois o valor não era pequeno. Não tenho ideia do preço.

Quais eram os horários em que as pessoas assistiam TV?

Das 18h às 20h. Tinha um restaurante do Antônio Schwartz. Já tinha cinema em Lajeado, mas se queríamos ver TV podíamos ir lá e assistir, pois era livre.

Quais eram os canais disponíveis na época?

Era a TV Piratini. Lembro só dessa. Pegava só com as antenas espinha de peixe. A primeira TV que comprei foi uma colorida, em 1972.

Como era a geração de energia elétrica?

Muito boa, não tínhamos problemas. Funcionava tranquilo.

Como se dava a manutenção dos aparelhos?

Tinha bons técnicos em Lajeado. Nunca se teve problema de técnicos aqui. Sempre tinha peças para vender. Deixava uma TV lá na eletrônica e voltava funcionando. Não era preciso se envolver. Ele fazia tudo, comprava as peças e trocava o que tinha que trocar.

Quando a televisão começou a se popularizar em Lajeado?

Foi muito devagar. Os empresários eram os primeiros que compraram, depois os funcionários que tinham remuneração maior começaram a comprar.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO C – ENTREVISTA COM JOÃO PEDRO MÜLLER

O que representou a chegada da TV na região, na década de 1960, para a Rádio Independente?

Estou na rádio desde 1977. Nesse período não estava dentro da rádio. A televisão, no início, pelo que a gente ouve e é o que aconteceu, quando chegou ao Brasil e aqui na região, todo mundo achou que o rádio iria morrer. E não foi nada disso que aconteceu, tanto é que o rádio está muito forte, superou essa competição e continua crescendo muito ainda. Não teve impacto diretamente na Independente. As duas mídias conseguiram conviver perfeitamente em conjunto.

No início, a programação era voltada quase exclusivamente ao entretenimento. Nas décadas de 1980 e 1990 o foco passou a ser o radiojornalismo. Por que essa mudança aconteceu?

Aí sim a televisão deve ter influenciado bastante. Chegou a radionovela e daí veio a novela. Já ficou uma concorrência meio desleal para o rádio, que daí sim precisou se adaptar a outro segmento. E hoje eu tenho em mente que o rádio é conteúdo e cada vez mais vai ser conteúdo, principalmente o rádio regional, que é conteúdo regional. Tendo bom conteúdo e boa equipe, não tem problema nenhum com outras mídias que cada vez mais aparecem por aí.

Nas décadas de 1950, 1960 e 1970 já havia programas de notícias? Como eram?

Desde que eu conheço a Rádio Independente sempre teve notícias regionais, polícia, serviços. Sempre a rádio teve essa característica. Desde o início a rádio teve programas de notícia. O *Show de Notícias do Meio Dia,* desde que me conheço por gente, já existia na Rádio Independente. Sempre foi um segmento forte dentro da Independente a notícia, a informação regional.

Mesmo quando ainda havia programas de entretenimento?

Programas de auditório, entretenimento sempre eram em horários diferenciados: à tarde era entretenimento bastante, de manhã entre 9h e 11h. Mas no meio dia eram sagradas as notícias. Naquela época a manhã não tinha muitas notícias, era entretenimento. O meio dia era o horário da notícia.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Por que a opção pelo meio dia?

É uma questão de costume. Foi implantado, se acostumou. As pessoas paravam para o período do almoço. Era um horário em que as pessoas não tinham nada para fazer, então escutavam rádio para se informar.

Quando e por que a emissora passou a ter foco total no radiojornalismo?

Não tem motivo específico. Acredito que cada vez mais, com os meios de comunicação, com as novas mídias, as pessoas estão se informando cada vez mais rápido. Então se a rádio deixar só em alguns horários a notícia, as pessoas vão saber antes do que está acontecendo. A rádio precisa ser cada vez mais instantânea. O repórter está na rua, sabendo o que está acontecendo, e os ouvintes também estão sabendo o que está acontecendo naquele mesmo momento. Se deixar para mais tarde, as pessoas já sabem o que aconteceu. Então o rádio hoje é muito dinâmico e precisa ter informação bem rapidamente.

Em 1986 iniciou o trabalho do repórter da unidade móvel. Por que a Independente sentiu a necessidade da atuação desse profissional? De onde surgiu a ideia?

Com certeza bons exemplos nós sempre trazemos. Não foi a Rádio Independente que inventou a unidade móvel. A unidade móvel vem só confirmar o que estou falando: é o repórter na rua buscando informação, buscando o que está acontecendo na rua. Isso não foi virar uma página, de um dia para outro, que foram feitas essas mudanças todas. Com o tempo vamos vendo o que o ouvinte está querendo, o que precisamos aperfeiçoar, e vamos nos aperfeiçoando.

O forte da audiência era à noite. Quando passou a mudar? Para que horário?

O rádio era uma novidade. Quando iniciou a Rádio Independente pegava pouquíssimas rádios em Lajeado, por causa da potência. Não existiam rádios tão potentes como hoje. Então começou de noite, pois as pessoas não tinham nada para fazer de noite, até porque poucos tinham acesso à televisão. Aquela hora da noite era hora de a família se reunir, ouvir rádio. Mas com o passar do tempo, as pessoas foram adquirindo o hábito de escutar rádio durante o dia também. Então foi numa evolução.

A TV teve algum papel nessa transição de foco de horário?

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Eu acredito que a TV sempre tem papel, pois de noite, com o andar dos tempos, as pessoas passaram a ter mais acesso à televisão, então começaram as novelas, os programas da televisão. A TV começou a ganhar um espaço do rádio. O rádio teve que se adaptar aos horários que as pessoas podem trabalhar, dirigir, fazer esportes e outras atividades ouvindo rádio, o que não é o caso da televisão. Durante o dia eu posso andar de carro ouvindo rádio e não posso andar de carro vendo televisão. Então a essas mudanças o rádio teve de se adaptar.

Houve necessidade de trocar profissionais em função da nova identidade da emissora?

É uma evolução. Não é virar uma página, não é da noite para o dia. Com certeza com o passar do tempo as pessoas foram se profissionalizando, principalmente depois que surgiu a Univates, o curso de Jornalismo. Hoje todas as pessoas são qualificadas dentro do nosso departamento. Com certeza isso melhorou muito a qualificação da equipe dentro do radiojornalismo.

As mudanças na programação refletiram no espaço publicitário da emissora?

O espaço publicitário é uma questão de audiência e de retorno. O cliente anuncia se ele tem retorno. Ninguém mais anuncia como antigamente para ajudar a empresa. A empresa não era comercial, não visava lucro. Era uma empresa de serviços. Hoje rádio é um negócio. Temos que dar para o público uma coisa que eles gostem e ouçam. Assim eles compram do cliente que anuncia. Com certeza o radiojornalismo agrega o valor. Agrega em termos até de custo. Para uma empresa de radiojornalismo como a Rádio Independente, que é uma das únicas do estado que trabalha quase exclusivamente com radiojornalismo, o custo é bem elevado, tanto é o número de funcionários que temos para manter uma equipe dessas.

Qual o papel do Departamento de Esportes na evolução da programação da Independente?

Explicar o Departamento de Esportes da Rádio Independente, eu não teria como explicar de uma forma direta. Acredito que seja a única emissora do interior que faz a cobertura que a Rádio Independente está fazendo no esporte hoje. Ele está fazendo uma cobertura a nível de rádios da capital. O resultado é excelente, tanto financeiramente quanto em termos de audiência. Com uma equipe jovem, criada aqui dentro da empresa mesmo, conseguimos conquistar uma audiência que eu não acreditava. Hoje estou convicto disso.

Como começou o incremento na credibilidade do Departamento de Esportes?

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Começou com uma tentativa de montar uma equipe exclusiva do esporte. Antes o pessoal que trabalhava no esporte trabalhava também no radiojornalismo. Não tinha uma equipe especificamente para o esporte. Quando montamos essa equipe começou a se planejar melhor, e com planejamento melhor as coisas vão acontecendo melhor. E assim foi indo, começamos com o amador, sempre cobrindo o Lajeadense junto. começamos um pouco com a dupla Gre-Nal e aquilo foi se ouvindo um retorno de audiência impressionante e então começamos a cada vez mais qualificar a equipe de esportes.

Quais as principais evoluções técnicas de transmissão ao longo do tempo?

Quando entrei na rádio, em 77, como operador de áudio, os comerciais de empresas maiores vinham através de vinil, que eram discos de 78 rotações em que vinham comerciais de 30 segundos ou 1 minuto no disco que era um compacto. Depois começou a vir as cartucheiras. Cada cartucho tinha um comercial. A qualidade de som melhorou um pouco, só que tinha que ser equipamentos importados, os nacionais não funcionavam direito. Foi um momento de transição bem complicado para as empresas de rádio. Isso veio agregando ao gravador de rolo. Na rádio tivemos, nessa transição, como víamos que ia para a digitalização esse serviço, optamos por um período por usar cassete. Cada empresa que anunciava na rádio, a propaganda tinha um cassete, que era igual ao cartucho, mas mais confiável, embora não tão prático. Então começamos a usar computador, que foi a maravilha que hoje é. A qualidade, tanto a facilidade de montar um comercial, como veicular um comercial, quanto para programar um comercial. Ficou muito mais fácil para os operadores.

Quando começou a informatização?

No final da década de 90.

Qual o motivo?

Facilitar a logística interna.

A rádio em algum momento sentiu a necessidade de aumentar a abrangência? O que foi feito?

Começou com 250 watts, passou para 1 KW, 5 KW e agora 10 KW. Em termos de abrangência aumentou, mas não tão significativamente pelos números. O problema está nas interferências que a AM tem. Hoje uma lâmpada fluorescente atrapalha na recepção. A AM

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

está sofrendo muito essa interferência, cada vez mais. Por isso essa atitude do governo de tentar transferir todas as AM para FM.

Qual deve ser o futuro da rádio em termos de emissão e conteúdo?

Estamos aguardando a migração. A ideia é migrar a Independente para uma FM, disso não abriremos mão de qualquer forma. Futuramente a Independente vai estar em FM também. Como não sei, mas vai estar. A mudança é cada vez qualificar mais e cada vez mais regional. Hoje o acesso à mídia é muito fácil, então é difícil ter conteúdo regional de qualidade, que é o que pretendemos oferecer.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO D – ENTREVISTA COM PAULO ROGÉRIO DOS SANTOS

O que representou a chegada da TV na região, na década de 1960, para a Rádio Independente?

A Independente tinha em alguns horários, especialmente no final da tarde, mais à noite, programações relacionadas à música tradicionalista, sertaneja. Desses horários, o mais forte era o da noite, tanto na Rádio Independente quanto no rádio em geral no Brasil. Nos programas de auditório feitos à noite, com a presença de artistas, jurados, apresentadores. Isso foi tendo que se remodelar porque à noite a televisão começou a tomar conta do rádio. Logo depois tinha a questão das radionovelas. A Independente tinha apresentação de radionovelas depois do meio dia, também outras emissoras, a Farroupilha, tinham novelas depois do meio dia, perto das 13h. Julgávamos, naquela ocasião, que a dona de casa estava lavando a louça, saindo da refeição, e com a incumbência de lavar a louça, por exemplo, ficava ouvindo rádio. Seria um momento propício para pegar a dona de casa, e seria ela um público alvo das radionovelas. Além do horário noturno a televisão começou também a entrar no horário do meio dia, buscando o que era nicho de mercado das emissoras de rádio. Com isso, foi se perdendo muito o apelo econômico e de audiência da radionovela. Na Independente há mais de 35 anos se parou de fazer radionovela, já no começo da década de 80. A televisão começou a entrar nesses horários principalmente com programas envolvendo noticiário, informações, programas de apelo mais local, também no horário do meio dia. O que era novela a televisão apresentava à noite, noticiários também, como ainda hoje continua. Foi fazendo um reescalonamento de toda a tábua de irradiação, de toda a sistemática de apresentação e distribuição de programas das emissoras de rádio. Isso é o que mudou, até aqui. Tem mais mudanças.

O foco da programação passou a ser a manhã?

Não é que o foco passou a ser a manhã. A verdade é que o rádio brasileiro ainda não se redescobriu depois do evento televisão. O rádio brasileiro tem características peculiares conforme é a região, conforme é a própria cultura da região onde está inserido. Se for verificar em outras partes do Brasil, São Paulo, por exemplo, a manhã toda de uma emissora de rádio é de entretenimento, informações, entrevistas. A manhã e à tarde. À noite muitas emissoras de rádio no eixo brasileiro, que tem uma cultura um pouco maior, e que tem uma atividade comercial muito forte à noite, o que não é característica no Sul, o rádio se adequou à

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

realidade cultural e econômica. É um rádio forte à noite. Se você for sintonizar as emissoras de São Paulo à noite, elas permanecem sendo, a noite toda, muito fortes de audiência, de comunicadores. Eles trazem para os quadros de debate profissionais como jornalistas, radialistas, sociólogos, filósofos, pessoas com uma formação acadêmica bastante alta, porque a noite ainda permanece sendo de um apelo comercial forte. O meio dia nem tanto. O meio dia eles abandonaram na disputa com a televisão, o que não ocorre, ou que ocorre o inverso aqui no Sul, que buscou o horário do meio dia, continua trabalhando o entretenimento à tarde, informação jornalística de manhã bem cedo e ao meio dia. Nós temos a característica de levantar mais cedo no Sul do Brasil, ao contrário desses outros estados. Não se pode falar do rádio brasileiro de uma forma homogênea, ele não está bem definido. Se for olhar por regiões, tem essas características peculiares.

A TV foi, em algum momento, uma ameaça para a continuidade das atividades da Rádio Independente?

Não foi e nem vai ser. A televisão é um veículo muito caro. Até chegar uma informação a ser veiculada, apresentada, é uma ferramenta de propagação de informação que é muito pesada para ser movimentada. Não é igual ao rádio. Se coloca uma estação de rádio no ar, alguém que tenha conhecimento de ligar um transmissor, alguém que tenha conhecimento de apenas ligar um determinado botão que aciona um microfone, você coloca uma emissora no ar como profissional. A televisão é pesada, não foi, não é e nunca vai ser uma ameaça. Na verdade, é preciso se readequar. As emissoras de rádio precisam se tornar mais ágeis. Se no passado tínhamos um ou dois noticiários com informações atualizadas de três, quatro, cinco horas, hoje precisamos a todo o instante estar atualizados, porque é o que o ouvinte requer a partir desses outros veículos de comunicação, como o rádio, a internet, os jornais. A televisão não chegou a ser uma ameaça.

Conforme o livro "Rádio Independente – 60 Anos no Ar", o foco da programação passou a ser o radiojornalismo em 1985. Por que essa mudança?

Sempre há que se fazer um encadeamento dos veículos de comunicação com aquilo que é a cultura da comunidade onde o veículo está instalado. Quando se fala em interior do estado não se faz jus ao conceito de interior que no passado era um pouco mais atrasado em termos de desenvolvimento cultural, tecnológico, comercial, industrial. Hoje se equipara muito. Temos focos no interior, como é o caso da região metropolitana de Caxias do Sul, da região

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

metropolitana de Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, são áreas de um desenvolvimento cultural e tecnológico muito acentuado, talvez mais do que a Região Metropolitana, com belas instituições de ensino, com belas universidades públicas federais ou privadas. Então é importante se traçar um paralelo de todos esses outros meios que atendem aos anseios da comunidade com aquilo que é o crescimento cultural da comunidade. A Rádio Independente, como todas as outras emissoras e meios de comunicação que se mantiveram, foi evoluindo porque a comunidade começou a exigir mais informações, ela começou a se atualizar mais, começaram a haver filhos buscando o Segundo Grau, pretendendo um vestibular, ingressando em uma universidade. A própria Univates foi outra coisa que impulsionou muito. A Unisc, em Santa Cruz do Sul, as universidades públicas em Porto Alegre. Nós tínhamos muitos filhos daqui que iam fazer determinados cursos superiores em Porto Alegre, voltavam para cá para trabalhar e queriam e incentivavam essa melhoria na gama de informações. Foi uma coisa inerente ao crescimento tecnológico e cultural da região essa mudança de foco da programação que a Independente fez, enveredando bastante para a área do jornalismo, enveredando muito para a área do esporte, mas sem esquecer algumas coisas bem ligadas à nossa região e à nossa cultura.

Como era o radiojornalismo quando você ingressou na emissora e quais as principais mudanças no decorrer do período?

Comecei em 79 como repórter de rua na área do jornalismo e repórter de futebol. Naquela época tínhamos um programa âncora, que era o *Panorama*, de manhã, que o Lauro apresentava, das 7h30 às 9h. Era o editorial da Rádio Independente, até porque o Lauro era o diretor-presidente da Rádio Independente. O que o Lauro dizia era o posicionamento da Rádio Independente. Depois se tinha mais um bloco de noticiário às 10h30, que se chamava Fiat Urgente, porque naquela ocasião estava chegando ao Brasil a montadora italiana. Ela patrocinava um bloco de notícia, com a participação inclusive de unidade móvel. Depois se voltava a falar especificamente de noticiário ao meio dia, quando entravam notas e avisos, avisos de utilidade pública e dois ou três blocos de notícia. Tinha um corespondente e um bloco de noticiário regional. À tarde tinha, às 15h30, mais um bloco de notícias. Aos poucos se começou, intercalando com programas de música, de dedicatória, quando a pessoa elegia determinada música que tocava muito e dedicava para alguém e pegava para isso, era uma das principais fontes de arrecadação da empresa. Entre 17h e 19h, antecedendo a Voz do Brasil, começou aos poucos a se introduzir um programa de músicas e informações, mas muito ainda relacionado a informações de polícia, acidentes, registros de ocorrência. Era muito espaçado o

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

horário de noticiários, mas não era só nos. Era assim no estado todo. Tanto é que o Grupo RBS, na década de 80, quando adquiriu a Farroupilha, pegou o dial que era livre internacional e colocou para a Gaúcha o 600, e passou a investir na Gaúcha como rádio de noticiário e permaneceu com entretenimento na Farroupilha. Foi uma situação que em todo o estado aconteceu. Na medida em que a própria região passou a nos exigir mais, cobrar mais, buscar uma participação maior da empresa, é que começamos a dilatar os horários de noticiários.

Como era o trabalho de reportagem na rua que você realizava?

O que hoje é convergente em termos de informação vindo para determinados repórteres, naquele tempo era o processo inverso. O repórter ia até a rua descobrir os fatos, ia até a fonte para saber em loco o que estava acontecendo. Tinha pontos estratégicos que os repórteres saíam de manhã cedo e voltavam às vezes só perto das 11h30, perto do fechamento do noticiário, preparação para o meio dia, e à tarde de novo, voltavam para atender outras fontes em outros locais para se atualizarem do que estava acontecendo. O repórter ia até a fonte com um gravador debaixo do braço. O gravador pesava 1 quilo e 800 gramas, tinha mais ou menos 30 centímetros de cumprimento por 20 de largura, mais uns 15 de espessura. Era pesado, com fita cassete. Depois começaram a entrar modelos mais práticos, mas esse era o modelo que se usava há 30 anos.

A veiculação ocorria quanto tempo depois da produção?

Muita coisa se guardava para o dia seguinte porque se sabia que os horários de maior audiência eram de manhã e ao meio dia, e não tinha a concorrência de outros meios de comunicação. Só você tinha a informação privilegiada, por exemplo, de uma decisão judicial. Os jornais não saíam todos os dias com edições, saíam uma ou duas vezes por semana só. Então não tinha essa prerrogativa, o que hoje não é mais possível. Isso passou a mudar no final da década de 80, especialmente na década de 90, com a presença do repórter, se valendo de um veículo dotado com um equipamento com microfone. Passou a mudar e dinamizar.

Como e por que passou a se adotar o radiojornalismo o dia inteiro na programação, abrindo mão do entretenimento?

Esse conceito começou na década de 90. Tivemos o Heron de Oliveira, um dos nossos grandes apresentadores e que introduziu muito desse editorial de noticiário, de programa com pouca música e mais informações, com interação dos ouvintes, participação da unidade

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

móvel. O Heron trabalhou em emissoras como a Farroupilha, de Porto Alegre, e veio com um cacife de conhecimento bem acentuado nessa área de rádio comunidade em termos de jornalismo e em termos de inserção dentro da comunidade e com problemas pertinentes do dia a dia. A partir dali, essa fórmula mostrou sucesso e cada vez se buscou implementar ela.

Em 1986 iniciou o trabalho do repórter da unidade móvel. Por que a Independente sentiu a necessidade da atuação desse profissional? De onde surgiu a ideia?

Não sei se nós pegamos de outra emissora ou adotamos essa sistemática nessa ocasião de transição quando começou a se criar, com os protótipos das 10h30 e das 15h30, denominados de Fiat Urgente. Naquela ocasião, junto com a negociação comercial feita com essa concessionária da Fiat, entrou também um veículo específico para o trabalho de unidade móvel e outro para o serviço de burocracia da empresa. Foi a partir dali, cada vez mais se verificou que dava certo, que as pessoas tinham interesse em ver uma unidade móvel da rádio fazendo participação de determinado ponto que tinha um problema a ser levantado e foi cada vez mais se incentivando essa sistemática de presença do veículo, do profissional, do logo da empresa no local do acidente em loco e trazendo a informação ao vivo. Foi a partir dessa sistemática, uma coisa puxou a outra. Como deu certo se implementou mais.

Houve necessidade de trocar profissionais em função da nova identidade da emissora?

Não sei se troca de substituição, mas foi uma situação automática também. Muitos profissionais se reciclaram, alguns resolveram mudar o foco de trabalho, buscar outras alternativas, talvez não por uma questão de se reciclar, mas por uma questão pessoal, tem gente que não quer entrar em uma determinada ceara em termos de noticiário. Mas houve um processo automático de reciclagem. Com a Univates trazendo o curso de Comunicação Social, a própria Unisc com o curso de Jornalismo, muitos profissionais que se formavam em Porto Alegre, pegando também a Região Metropolitana e o Vale do Sinos, tinham interesse ou alguma ligação com os veículos da região. O crescimento do jornal O Informativo do Vale abriu muita oportunidade de profissionais que vieram para cá, a RBS, que no final da década de 90 estava instalada aqui, também trouxe profissionais para cá. A região passou a ser interessante e automaticamente a empresa também começou a contar com mais disponibilidade de mão de obra, de profissionais com formação nessa área para saber o que é uma notícia e o que é notícia e trabalhar o fato como um advento noticioso.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

No programa Acorda Rio Grande, que você apresenta, a TV teve alguma influência na alteração de algum conteúdo?

Começou em 1º de julho de 1982. A única coisa que talvez tenha influenciado um pouco em termos de presença da TV é a questão do agronegócio, o agro business, que antes se chamava de agricultura. Isso talvez tenha forçado uma mudança de abordagem, uma mudança de editorial. A televisão se tornou muito popular e nosso agricultor, que antes era chamado de colono, de produtor de pequeno porte, começou a verificar situações de cotações, de movimentações de mercado pelo Brasil afora, de negociações do Brasil com países importadores ou vice-versa, de adaptação de novidades que até aqui não se conhecia, se tinha dúvidas. O próprio agricultor começou a ver que tudo isso era interessante ele tomar conhecimento, talvez não implantar, mas tomar conhecimento. Ali sim talvez tenha mudado, porque o programa entre 5h e 5h30 está muito relacionado ao setor primário, desde a fundação há mais de 30 anos. Nesse sentido, ele deixou de tratar a agricultura como uma situação de pequeno porte, de colonos, para uma situação de agricultura comercial, industrial, de agro business, de agronegócio. A televisão fez com que o nosso agricultor, felizmente, tivesse mais uma ferramenta de atualização e até de conhecimento e de cultura mais amplos. Nos outros setores, o que a televisão, especialmente a internet, tem forçado muito é uma atualização constante a cada minuto. Isso tudo os outros veículo também forçaram a dinamização no decurso do programa, que é bastante longo, das 5h às 8h30, e necessita um aparato para produção e que quem esteja trabalhando na locução também esteja constantemente ligado não só na televisão, mas também na internet, que tem nos cobrado mais atualização ainda.

As mudanças na programação refletiram no espaço publicitário da emissora?

Refletiu positivamente, foi isso que replicou muito a nossa carteira de clientes, a questão da introdução do jornalismo. O que a Rádio Independente prima muito é por um jornalismo ligado aos interesses da região. Uma notícia, mesmo que seja do outro lado do mundo, uma situação envolvendo uma questão de energia, por exemplo, uma questão estratégica de mudança de fontes energéticas, sabendo que nossa região tem um alto consumo de energia elétrica para movimentação das empresas, das indústrias, se traz essa notícia, se replica de forma que ele teria uma possível futura utilização aqui. Isso tudo fez com que cada vez mais pessoas com conhecimento da região, mas ligadas a fatos que estejam acontecendo no mundo todo e que possam estabelecer um link de interesse com a região, fez com que cada vez mais a

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

rádio se consolidasse com credibilidade, como uma emissora atualizada, como uma emissora com profissionais buscando atualização. Isso se refletiu na carteira de clientes. Não que a questão do entretenimento não seja lucrativa, até penso que num futuro muito breve, no médio prazo, o entretenimento vai voltar com muita força para as emissoras de rádio. O entretenimento, mesclado com informações pertinentes ao dia e à comunidade onde o rádio está trabalhando. O entretenimento, que foi a matéria base, a âncora das emissoras de rádio no passado, vai voltar a ser de interesse da sociedade brasileira com a melhora no poder aquisitivo. Talvez não prioridade número um, mas estabelecido como a prioridade número três, número quatro. Depois de uma situação financeira estabilizada, com filhos frequentando escola, as famílias cada vez mais vão buscar lazer, entretenimento. As emissoras de rádio que conseguirem mesclar uma atualização noticiosa com questões de entretenimento bastante acessíveis, viáveis e alcançáveis para a comunidade onde o meio rádio está trabalhando, vão passar a ter cada vez mais como nicho de mercado o entretenimento. A região tem trabalhado muito a questão do turismo, já existem determinados roteiros turísticos que as emissoras nem estão ainda explorando, mas existem. Quando esse tipo de situação se incrementar, envolvendo inclusive a terceira idade, que é outro mercado que cada vez mais pode ser buscado porque está aumentando muito o poder aquisitivo e com muito interesse de recuperar um tempo perdido que não recuperou para viagens, isso também é entretenimento. O próprio esporte é outra situação de entretenimento e que tem um nicho grande para ser explorado.

A rádio em algum momento sentiu a necessidade de aumentar a abrangência? O que foi feito?

O espectro denominado dial é saturado. Tanto é que se projeta, depois de um projeto aprovado em Brasília e já sancionado, as emissoras AM terem direito a um canal FM. Os próximos aparelhos de rádio virão com um espectro mais ampliado para poder abrigar toda essa mudança. Isso já acontecia há um tempo, de 20 ou 30 anos para cá esse espectro esteve superpovoado. Nós tínhamos o canal 1350 no passado, que era chamada uma frequência alta. Havia diversas outras emissoras com 1320, 1330, 1380, tudo na vizinhança. Quando se aumentava a potência do 1350, que era da Independente, nós entrávamos nessas emissoras vizinhas do dial. Automaticamente o governo federal tinha que autorizar que essas emissoras também subissem. Se todas subissem, nós voltávamos para o mesmo patamar de uma estar matando a outra. O evento FM e o evento internet é que vão fazer o diferencial, a grande mudança em termos de audiência, de procura. Se eu quero ouvir uma música gaúcha, frequento o dial da Rádio Liberdade. Se eu quero ouvir uma informação ligada aos vales do

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Taquari e Rio Pardo, ao jornalismo, ao futebol, vou buscar o 950 da Rádio Independente, o 820 da Rádio do Vale ou o canal da Tropical FM. O que hoje precisa acontecer é se adaptar à necessidade e à busca do ouvinte e não a emissora achar que, por o editorial ser noticioso, vai aumentar o dial, a potência, para falar mais alto. Quem vai determinar isso é o ouvinte e não a empresa.

Quais as principais evoluções técnicas de transmissão ao longo do tempo?

Hoje é tudo digital, computadorizado. A mesa de controle de som é ligada a um computador, que regula o seu funcionamento. Houve mudanças acentuadas, principalmente nas transmissões. Hoje se tem aparelhos sofisticados que começamos a utilizar no esporte e agora estamos utilizando nas próprias transmissões dos repórteres em determinadas áreas, acoplado direto a um telefone celular, que quem ouve pensa que está se fazendo uma transmissão dentro do estúdio. Todos os transmissores hoje são eletrônicos. Há um tempo era à base de válvula, que demorava meia hora para aquecer até começar a trabalhar. Dava uma queda de energia e se parava meio dia fora do ar. Houve situações de temporais, como em 68, que ficamos mais de três meses fora do ar. Foi revolucionária a questão eletrônica, de equipamentos, de disposição de ferramentas para trabalhar na emissora de rádio.

Quando iniciou o uso de celular pelos repórteres da unidade móvel?

No início dos anos 2000 que começamos a utilizar mais o sistema de telefonia móvel. Realmente dinamizou cada vez mais. Essa questão da qualidade do som é uma situação passageira, daqui a um tempo isso deve se estabilizar porque também é uma tendência, até pela praticidade. Deve ter começado em 2005 ou 2006 a cada vez mais se incentivar a telefonia móvel nas transmissões.

Qual o papel do Departamento de Esportes na evolução da programação da Independente?

O esporte como um todo é um dos principais nichos de necessidade de atualização tecnológica, cultural, de conhecimento, de profissionalismo, de ética, de seriedade. O esporte tem crescido muito como um todo, não só o futebol, no Brasil. O Departamento de Esportes da Independente, que no passado era concentrado para atender os jogos amadores, as convocações de clubes amadores da região, que eram muito fortes e hoje continuam sendo. O próprio Clube Esportivo Lajeadense começou a colocar mais corpo em termos de empresa e

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

de time de futebol também depois da década de 90 para enfrentar grandes clubes. E era uma partida de grande envergadura por semestre. Como o esporte começou a exigir cada vez mais atentos, atualizados, capacitados e éticos, junto arrastou a necessidade de um departamento se atualizar também em termos de profissionais. Junto vieram as benesses de investimentos na área tecnológica, na área de equipamentos para se trabalhar. Uma coisa andou muito paralela com a outra, a questão do jornalismo, do esporte. Não só na Rádio Independente, isso é uma tendência também mundial.

Qual deve ser o futuro da rádio em termos de emissão e conteúdo?

Obrigatoriamente precisa ampliar a cobertura, até porque a região vai exigir isso. Uma das grandes empresas que vende no estado e produz aqui é a Fruki, que tem interesse em mercados em outros estados. Vai interessar a ela saber quando a Rádio Independente tiver informações sobre como está indo o desenvolvimento no interior de São Paulo, por exemplo, como também para o consumidor daqui saber que estão vindo produtos de outros estados ou de outros países. Pela internet temos ouvintes no mundo inteiro quando há interesse em se saber da região, porque hoje há muitos filhos daqui trabalhando fora e que acompanham a programação pela internet. Obrigatoriamente tem que cada vez mais se reformular e se adaptar. Não pode se restringir, não pode apertar o círculo de atuação.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO E – ENTREVISTA COM RENATO WORM

O que representou a chegada da TV na região, na década de 1960, para a Rádio Independente?

Não houve grande impacto, pois a TV na época era só à noite. O impacto que pode ter causado foi mais à noite. Mas eram poucas televisões, não eram muitas, não eram todas as casas, aliás, eram poucas as casas. Então, para a Rádio Independente e a rádio da região não houve muito impacto porque era a programação da noite, que era novela e jornal. O resto era desenho durante a tarde. Acho que começava, se não me engano, às 16h e ia até a meia noite. Então, houve impacto? Houve. Mas um grande impacto na época não.

Houve alguma mudança na programação noturna nessa época?

Não. A programação que tinha em 76 permaneceu até 2000, pois os apresentadores continuaram. À noite, depois da *Voz do Brasil*, tinha *Escuta Vovó*, com o Harry Loefler, e Só *Sambas*, com o Mário de Oliveira. Claro, quando tinha futebol se transmitia futebol, mas senão era essa a programação de segunda a sexta. E ela continuou normal. Claro que com o passar do tempo os programas da noite começaram a ter queda de ouvintes, a novela começou a tomar conta. Mas não nesse início na década de 70 e 80.

Quais as principais mudanças na produção radiofônica de 1976 até atualmente na Independente?

Em 76 ainda vivíamos a Ditadura, que não permitia colocar telefone ao vivo no ar porque qualquer coisa que se dissesse e a censura pegasse a punição era muito severa para a emissora, então tinha que se cuidar. Não é que era proibido colocar o telefone no ar, mas era muito perigoso. Em 76 se começou aos poucos a colocar. Pelo cuidado que tinha que ter, o comunicador, qualquer besteira que falasse, já tinha ultrapassado o que a censura permitia. Então, a pessoa que apresentava um noticiário comentado tinha que ser muito responsável. Quem apresentava isso era o Lauro Müller. Os demais eram programas de música, de dedicatória como se dizia. "Fulano pede a música tal e oferece para tal". Nós tínhamos das 6h às 8h o Nerlinho fazendo programa de música. Das 8h às 9h nós tínhamos um programa que o Lauro inventou, que era o *Panorama*, que persiste até hoje. A partir das 9h ao meio dia era pedido de música. Meio dia era o *Show de Notícias do Meio Dia*, que continua até hoje. Depois tinha o *Esportes em Desfile*. À tarde, das 14h às 19h, era programa de música, com

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

dedicatória, para não se comprometer. Não se tinha noticiário de tarde. Não se tinha noticiário na meia manhã.

Então a mudança de foco da programação tem total relação com a Ditadura?

De certa forma. Tem mais relação com o advento das rádios FM. Não é que a Ditadura não permitisse o jornalismo. Era perigoso trabalhar. Isso que nós fazemos hoje, trazer entrevista, dar opinião, trazer notícias dos sites, tudo era muito perigoso. Primeiro que nós não tínhamos sites. Segundo, naquela época convidar um médico para dar entrevista sobre uma patologia, sobre um tratamento, eles não se dispunham a vir. Hoje se convida um médico e ele vem. Então não tinha essa opção. As pessoas não tinham hábito de serem convidadas e nem de aceitar convite para dar entrevista na rádio, a não ser que fosse político. O jornalismo veio mais em função das FM, que passaram a ter música de qualidade, porque era estéreo, menos propaganda, uma comunicação diferente, diretamente ligada à música. O que o rádio AM iria fazer? Rodar música também? Tinha que achar alguma coisa para ser diferente, porque quem queria ouvir música ouvia FM. Ali é que começou a despontar o jornalismo, a programação jornalística. Não foi em função da Ditadura.

Qual o papel da TV nessa mudança de foco da programação?

Acho que teve, agora dizer o que... Radionovela deixou de existir em função da TV, porque não houve mais o porquê de ter. Eu não peguei o tempo da radionovela, mas é o que eu soube, que terminaram com a radionovela em função disso, porque a novela da televisão era muito superior, era diferente. Já não era mais atrativo o rádio. Mas fora isso, não vejo nada. Deu para perceber que eram dois segmentos distintos. Quando a televisão surgiu, o que se ouvia dizer era que o rádio estava com os dias contados. E aí se viu que era uma grande asneira porque com televisão você precisa estar assistindo, não adianta estar ouvindo, porque eles misturam a imagem com o som. O rádio não precisa estar assistindo, então o rádio permaneceu. Quando saiu o toca fitas para carro, disseram “agora o rádio se foi, porque agora as pessoas não precisam mais escutar rádio para ouvir música”. Aí viram que não. Você teria que ter muitas fitas. E se quer ouvir hora e temperatura. É legal ter um toca fita, hoje um CD? É. Mas a comunicação também é necessária. Então o rádio passou por duas situações que iria balançar e não balançou.

Como era a produção do radiojornalismo nas décadas de 1970, 1980 e 1990?

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Na década de 70 as notícias eram baseadas nas notícias locais políticas, de administração municipal, alguma notícia relacionada ao comércio e à indústria, polícia, muita informação de polícia, e gravar os noticiários da Guaíba, que tinha duas vezes por manhã, e copiar as notícias mais importantes do estado, do Brasil e até do mundo para um noticiário completo. Então se gravava e ali e copiava na máquina de escrever, pois não tinha computador. Tínhamos prefeituras de Lajeado, Estrela, Cruzeiro do Sul e Arroio do Meio. Aqui na volta era isso. Não existiam essas outras, Santa Clara do Sul, Marques de Souza. Nada era município. Era mais restrito e mais fácil, não tinha muito para acompanhar. A história das notas e avisos. Isso era noticiário, praticamente era isso. Depois, com a emancipação desses municípios, vimos que era necessário dar atenção a esses municípios e criamos outros noticiários.

Nos anos 90, praticamente 100% da programação passou a ser voltada ao jornalismo?

Quando o Heron de Oliveira chegou na rádio, em 86, foi um divisor de águas. Até o Heron chegar, era programação musical de manhã e de tarde, com algum noticiário. Quando o Heron chegou, instituiu no programa da manhã essa comunicação mais forte, opinativa, campanhas, entrevistas, repórter na rua que ia ouvia as pessoas para reclamar. Ali começou, até o Heron se eleger deputado. Precisava de alguém para substituí-lo, e aí que eu cheguei em 91 para substituir e fiquei até hoje.

Em 1986 iniciou o trabalho do repórter da unidade móvel. Por que a Independente sentiu a necessidade da atuação desse profissional? De onde surgiu a ideia?

O Heron trouxe a ideia. Até então o que nós tínhamos era um repórter de tarde, com a unidade móvel, para ir nos bairros para entregar brindes para quem estava ouvindo o programa. Não era para fazer reportagem. Quando o Heron chegou, ele requisitou um repórter, pois a formatação do programa dele era assim. Aquilo tomou corpo, era um diferencial. Além de ser diferente, deu certo, primeiro porque ele trouxe a ideia e segundo porque ele e o Jacy se encaixaram muito bem. Quando eu assumi, o Jacy continuou comigo.

Houve necessidade de trocar profissionais em função da nova identidade da emissora?

Equipe se manteve, o que foi necessário foi dar mais qualidade, pois se começou a produzir mais notícias, acompanhar mais eventos e mais prefeituras. Se precisou de mais profissionais, e profissionais que soubessem escrever, redigir e que também pudessem apresentar notícias, serem locutores.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

As mudanças na programação refletiram no espaço publicitário da emissora?

O que se percebeu é que com a mudança na programação se valorizou mais o comercial. Quando eu comecei, em 76, aqui entrava muito forte a Guaíba, a Gaúcha e a Farroupilha, e o objetivo era primeiro tirar um pouquinho da Guaíba e da Gaúcha, fazer o pessoal ouvir mais a rádio local. Quem queria ouvir noticiário ouvia a Guaíba ou a Gaúcha, quem queria esse tipo de entretenimento diferenciado que o Heron criou, com entrevistas, campanhas, opiniões, a Farroupilha fazia. E o pessoal gostava desse tipo de programa, e era isso que a Farroupilha vendia. Nós conseguimos, com isso, diminuir a entrada da Gaúcha, da Guaíba e da Farroupilha. Tanto que hoje não se houve mais falar que alguém aqui ouve a Farroupilha, mas se você for para a Grande Porto Alegre, a Farroupilha continua sendo aquele canhão. A Gaúcha se fala muito, mas por causa do esporte. E agora, com esse advento dessa equipe que o Grupo Independente tem, também a Gaúcha vai começar a cada vez reduzir mais a entrada aqui, porque a qualidade da nossa equipe é boa, o som é melhor. São situações que foram se criando ao natural, afastando essas emissoras daqui. Passou a valer a pena investir na Independente. Quando eu cheguei aqui, o anunciante era um colaborador. Ele colocava anúncio para colaborar com a "nossa" rádio, mas não vislumbrava um lucro em cima disso, um retorno. Eram poucas as empresas que vinham retorno em anunciar na rádio. A maioria era como colaborador. Daqui a pouco viram que algumas empresas começaram a ter retorno em função dessa programação, e aí se viram obrigadas a investir também. A tabela cresceu.

A rádio em algum momento sentiu a necessidade de aumentar a abrangência? O que foi feito?

Não teve maior abrangência. A nossa área era muito grande como município. Nós tínhamos uma disputa acirrada com a Rádio Alto Taquari, de Estrela, que hoje é do Grupo, é a Rádio do Vale. A Alto Taquari foi a primeira e tinha muita qualidade antigamente, então havia uma disputa muito grande entre as duas. Ao meio dia, Estrela, Teutônia, todos escutavam Estrela. Em Lajeado, todos dessa região escutavam Lajeado ao meio dia. Com esse tipo de programação, a Independente começou a ir agregando, agregando. Mas aqui a área era muito grande já.

Quais as principais evoluções técnicas de transmissão ao longo do tempo?

Quando cheguei, vi na Independente uma coisa que me deixou surpreso, encantado, que era a cartucheira. Em Cachoeira do Sul ainda era o disco de 78 rotações por minuto, aquilo era uma

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

dificuldade, você tinha que trabalhar com muita rapidez, ser ágil. Mas daí a cartucheira começou a dar problema. Foi uma época difícil, mas não havia a necessidade de se apresentar tanto quanto se apresenta hoje. Na época valeu, hoje não conseguiríamos trabalhar dessa maneira de jeito nenhum, até porque onde iríamos armazenar tudo isso? O pessoal, para gravar um comercial, ele era primeiro preparado aqui, daí alguém ia para Porto Alegre gravar num disco de 78 rotações. Às vezes demorava 15 dias para vir. Hoje o pessoal bola uma promoção, grava e já está no ar. Depois da época da cartucheira compraram MD, só que não era profissional, mas era muito bom. Era difícil de trabalhar, tinha que memorizar as faixas para não dar branco no ar. Depois do Mini Disco, começou o computador, em meados dos anos 90.

Na década de 1960 você participava de um programa chamado Clube do Peter Pan. Como era o programa e de que forma se desenvolvia a programação da Rádio Independente na época?

Foi em 1962. Naquele tempo nem se falava em televisão, o rádio era tudo. Tinha os programas de auditório, acho que eram três: no sábado de tarde o Clube do Peter Pan, que era para as crianças, tinha um sextas-feiras à noite, para adulto, e um domingos à noite. No programa infantil as crianças se apresentavam, declamavam, cantavam, dançavam. Para fazer parte era preciso se associar, para eles controlarem, pois não dava para entrar todo mundo. Era pago ingresso. Os pais ficavam no rádio escutando o filho que ia lá declamar ou cantar. Alguns artistas se apresentavam, sorteavam bala, chocolate. Esse era o programa do sábado, era marcado. Nos sábados íamos para lá. No programa da noite, criança entrava acompanhada de adulto. Era um programa que tinha vários artistas que cantavam, declamavam poesias gaúchas. No domingo era a mesma coisa. Tinha um auditório, que lotava, e todo mundo ia lá para acompanhar, era sagrado. Isso foi outra coisa que, com o advento da televisão, morreu. Quem queria ouvir isso? Uma parte estava ali, assistindo, mas a outra parte estava no rádio ouvindo.

Qual deve ser o futuro da rádio em termos de emissão e conteúdo?

Vejo o futuro do rádio com mais participação da comunidade, do ouvinte. Ele ser mais interativo. Isso já está acontecendo. Tem participação por telefone, por *WhatsApp*, por torpedo, por e-mail, por *Facebook*. O rádio está oportunizando ao máximo que as pessoas opinem, participem. Cabe a nós decidir se pode ou não trazer a opinião, o que a pessoa

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

escreve, mas a maioria das coisas nós trazemos porque às vezes é uma opinião diferente da nossa, mas que temos que respeitar. O rádio está dando essa possibilidade da pessoa se manifestar contrária, aí ela se sente bem porque ela diz que "o locutor pensa assim, mas ele também põe o meu pensamento". Quanto mais o rádio oportunizar ao ouvinte interagir, mais ele vai ter ouvintes. Acho que a tendência é toda essa. O Grupo Independente não demora para ter *WhatsApp* instalado, é questão de dias. O *WhatsApp* dá uma vantagem, pois você pode gravar, pôr a voz da pessoa no ar já conferida. Grandes emissoras já têm isso.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO F – ENTREVISTA COM JACY PRETTO

Você foi o primeiro repórter da unidade móvel da Rádio Independente, a partir de 1986. Como começou a ser desenvolvido esse trabalho e em que circunstância se trouxe esse profissional para a emissora?

Em um primeiro momento foi uma experiência muito mais para dar um ganho no aspecto do esporte, para promover um jogo que o Lajeadense tinha do Campeonato Gaúcho. Entrevistava o presidente, o treinador na sexta-feira para convocar o torcedor, para motivar o público a ir para o estádio. Depois isso ganhou um gosto de ter uma unidade móvel que pudesse ser utilizada em algum programa da Independente. Foi o que acabou acontecendo. Com a contratação do Heron de Oliveira, eu acabei sendo oficialmente o repórter da unidade móvel. Trabalhava no programa que ia ao ar das 9h às 11h30, que tinha a *Independente na Boca do Povo*. Foram 12 anos de unidade móvel. Também fazia o repórter policial. Vinha cedo para a rádio, ia para a DP e tinha que anotar tudo o que eles escreviam à mão no livro, e eu, do livro, escrevia minhas anotações e levava para a rádio. Se fazia uma triagem, como se faz até hoje. Passei a ser o repórter policial, agregando com a unidade móvel. Com essa condição de repórter policial e o repórter da unidade móvel, obviamente que esse programa tratava dos assuntos mais "cabeludos" da área da polícia. Ia lá onde houve uma confusão, um funcionário deu um tapa no patrão, a mulher apanhava do marido. Então procurava essas pessoas para colocá-las no ar para contar o que aconteceu para o caso terminar na DP. Muitos desses casos de briga de marido e mulher, enquanto eu estava procurando na unidade móvel alguém do casal para falar, já passava e via eles na praça abraçados, com tudo resolvido, e nós dizendo que tinham criado uma confusão. Foram casos, alguns com menos repercussão. Mas com certeza uns quatro ou cinco repercutiram bastante. A unidade móvel era uma condição de um respeito extraordinário, era uma coisa maravilhosa. Tinha uma aceitação do ouvinte impressionante. Eu, às vezes, nem era chamado pelo nome, eu era chamado como o "boca do povo".

Como era o programa Encontro Maior, no qual iniciou o trabalho da unidade móvel na rádio?

Era de entrevistas. Tinha uma pauta. Tinha todas as entrevistas da área do jornalismo, com prefeitos, governador, com algum fato importante, assim como é hoje. A unidade móvel tinha que pautar, correr atrás de pauta. O programa tinha a pauta dele e a unidade móvel às vezes se

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

adiantava um dia antes, pois sabia que tinha algo agendado, mas dificilmente. Chegávamos de manhã e diziam para ir atrás de determinado assunto. Aí tínhamos que correr atrás da pauta e convencer a pessoa a dar entrevista. Não tinha telefone celular. Tinha que tirar a pessoa de dentro de casa ou do local de trabalho e levar até o carro para falar, pois era pelo rádio do carro. Às vezes se convencia ele de fazer isso e no meio do caminho ele desistia da ideia. Se perdia muito mais tempo para convencer a pessoa do que para colocar o assunto no ar.

Quantas participações eram feitas por programa?

Não era determinado. Dependendo do assunto. O microfone da unidade móvel e a rádio, não era o operador que ligava o repórter da unidade móvel com o ar. Se eu pegasse o microfone da unidade móvel e dissesse "alô" sairia no ar. Qualquer coisa que eu dissesse no microfone saía no ar, não passava pelo operador. O programa ficava em andamento e eu entrava e chamava o Heron de Oliveira. Ele interrompia a entrevista dele para dar preferência à unidade móvel, pois sabia que eu tinha passado por um trabalho danado para convencer a pessoa para chegar até o carro e conceder a entrevista. Às vezes eram cinco vezes, às vezes duas, às vezes uma só, que se conseguia fazer uma parte às 9h30 e "daqui a pouco voltamos com mais detalhes", mais tarde voltava com o assunto, pois dava para repercutir, depois se voltava com o outro lado da moeda.

Por que a necessidade de ter um repórter da móvel?

A ideia veio com o Heron de Oliveira, que foi um dos grandes comunicadores de rádio em Porto Alegre e foi líder de audiência, pois trabalhou na Farroupilha antes do Zambiazi. Aqui estávamos em um mercado novo nessa área. Um carro adesivado com o nome da Rádio Independente e presente nos acontecimentos era uma prova evidente de que não se estava dizendo nada daquilo que não estivesse acontecendo. A confiança era tão grande porque o acidente aconteceu e nós estávamos no local do acidente, o assassinato aconteceu e nós estávamos lá antes do corpo ser levado para o IML. Era uma presença constante. Trabalhávamos 24 horas em cima da pauta. Todas as noites, saía da minha casa e ia para a casa do Heron, ou ele vinha na minha, e nós fazíamos a pauta do programa seguinte.

Além da área policial, eram abordados outros assuntos?

Não era basicamente polícia. Por exemplo, o fulano não tinha bueiro na frente da casa, a patrola não passava em determinado lugar há cinco anos, a escola estava com problema no

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

portão. Todos os assuntos. O problema da comunidade que tinha que ser resolvido pelos políticos era solicitado à unidade móvel. Onde tinha um problema na rua, estava lá a "boca do povo". Saíamos dali e íamos atrás do secretário, ou da iluminação, ou de obras ou qualquer outro departamento que fosse, nos íamos atrás para buscar o contraponto. Saber o porquê. Se recebeu a comunicação, por que não foi feita.

Em quais condições técnicas se desenvolvia esse trabalho?

As condições técnicas eram excelentes. O rádio era uma coisa extraordinária, só que era difícil o convencimento da pessoa de ir para o veículo para poder dar a informação, quando o caso era de polícia. Mas era uma qualidade extraordinária, era até melhor do que hoje em alguns lugares o celular.

Como era o rádio utilizado para fazer os boletins?

Parecido com um rádio amador, guardadas as devidas proporções. Tinha uma antena no veículo, um pouco diferente de uma antena de rádio. Tinha o rádio colocado do lado do caroneiro, embaixo do painel. O microfone não era de ligar, tinha que ficar segurando um botão e aí se falava. Para poder fazer uma entrevista um pouco mais longa tinha que instalar um pré, colocando cabo, e era mais complicado. Tinha mais ou menos um metro de cabo e não tinha como não levar o entrevistado para dentro do veículo. Nos 12 anos em que fiz móvel era assim, nunca foi pelo telefone celular.

A Rádio Independente foi, com a unidade móvel, um agente de investigação de crimes. Como essa atividade era realizada?

Taxista de Estrela assassinado perto do bairro Santo Antônio. A unidade móvel chegou junto com a polícia. Quando estava no centro da cidade o carro da polícia passou em alta velocidade. A gente pegava o tino policial pela convivência que tinha com os próprios policiais. Fui atrás e chegamos lá e o taxista tinha sido assassinado. Demos a informação, em um primeiro momento sem comunicar o nome para nenhum familiar ficar sabendo que tinha perdido alguém da família pelo microfone da Rádio Independente, que era uma norma que tínhamos. Depois trabalhávamos no acompanhamento das investigações da polícia. Quando a polícia prendeu o primeiro suspeito, o envolvimento da unidade móvel em relação ao caso foi 24 horas. Foram cinco pessoas envolvidas no assassinato, ou melhor, seis. Começou com a prisão do primeiro elemento, que era quem não tinha nada a ver com o crime. Ele foi levado

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

para o Presídio de Charqueadas. Ele foi preso porque tinha uma conta para receber e um dos cinco assassinos pagou ele no dia com um cheque assinado pelo taxista. Ele tinha ido em uma loja comprar e pagou com o cheque. Como a Independente era como rádio poste, tinha rádio ligado em todos os lugares, quando a moça do caixa viu o nome de quem era o cheque, o gerente ligou para a DP dizendo que tinha alguém com o cheque do taxista que tinha sido assassinado. E ele foi preso. Na verdade ele não tinha nada a ver com o crime. Ele recebeu uma conta de alguém que estava junto no assassinato. A partir desse cara preso injustamente é que se chegou ao nome dos outros cinco. Acompanhamos 24 horas. Mesmo quando terminava o programa, a investigação continuava e nós continuávamos junto. Lembro que depoimentos no gabinete do delegado eram dados e eu, como repórter, ficava atrás da cortina ouvindo tudo o que era dito. Não colocávamos no ar tudo o tínhamos, para não atrapalhar as investigações, mas éramos praticamente do grupo da DP.

Como era a programação quando você ingressou na Rádio Independente?

Não tinha mais radionovela. Tinha um programa musical, com o nome de *Manhãs* Gaúchas. Depois, às 9h, ainda não era um programa de jornalismo. Era musical. À tarde era totalmente musical, era o tempo da cartinha solicitando, colocando dinheiro no envelope. A partir disso a rádio se voltou para o jornalismo. Toda a manhã era jornalismo. À tarde aos poucos também perdeu a programação musical para ir para o lado do jornalismo.

Por que ocorreu essa mudança de foco?

As pessoas estavam muito mais interessadas na informação do que no entretenimento. A música já era uma coisa que se comprava um disco que gostava e ouvia em casa. No rádio queria se saber da informação, previsão do tempo, se tal rua foi consertada. As pessoas começaram a ter um interesse maior, talvez até pela desgraça dos outros.

A TV teve alguma influência na mudança de foco da programação?

Acho que não. Pelo que tenho de lembrança de nossas reuniões, o assunto TV nunca foi colocado na pauta. A TV poderia ter se consolidado mais quando chegou, mas a força da rádio era tão grande que a TV, pelo menos dentro dos nosso horários nobres, não teve a mínima possibilidade.

Como era a programação noturna da emissora?

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Música e nada mais. Foi aí uma das questões que a rádio poderia ter trabalhado melhor na época, mas em função das dificuldades para contratar alguém para trabalhar à noite... Em termos de jornalismo era zero.

Qual foi a evolução do radiojornalismo da Independente desde a sua chegada à emissora?

Foi o "pulo do gato". A Independente com isso conseguiu dar uma dinâmica totalmente diferente, passou para o lado da informação. A gente só sabia o que acontecia do outro lado da rua, e com a fixação do jornalismo começamos a saber o que estava acontecendo no mundo. Isso, para as pessoas, foi extremamente fundamental. Não se precisava buscar fora de casa nenhuma informação. O que fortalecia bastante é que a Independente tinha um departamento de promoções que era muito forte. Todos os comunicadores participavam. Tínhamos um contato no mínimo de 15 em 15 dias em alguma comunidade, em um revezamento que se fazia. No sábado à noite se ia ao baile ou no domingo ao meio dia na festa. Existia a reunião para elaborar a festa, onde ia um funcionário da rádio. Lá se falava com o presidente, sabia qual era a realidade de determinado local, o nome do presidente daquela comunidade e de algumas pessoas. Isso tudo no rádio, para nós, quando se falava de algum lugar se sabia de onde estava falando, pois se esteve lá. Essas pessoas eram nossos comunicadores. O jornalismo ganhou uma credibilidade muito grande e deu o suporte para que a Independente pudesse, inclusive, chegar à força das narrações esportivas.

Atualmente o radiojornalismo continua, mas não existe essa ligação com as comunidades do interior de forma tão evidente.

Muita gente que veio trabalhar na Independente hoje veio com qualificação em termos da faculdade. À noite precisam sair correndo da empresa para ir para o estudo. Na minha época isso não existia. As pessoas que trabalhavam na rádio não tinham a possibilidade da faculdade. Não havia interesse maior em um curso para poder ser aperfeiçoar. A gente ia meio "feito a facão". Hoje se precisa de qualificação e cada vez mais se adaptar às questões da escola. E tempo para isso tudo? Hoje se qualificou o profissional.

Qual o papel do Departamento de Esportes na evolução da programação da Independente?

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Foi muito importante, pois estávamos todos os domingos em alguma comunidade. Tínhamos uma equipe pequena, mas todos os domingos em algum local estava a equipe esportiva da Rádio Independente. Nós fazíamos jogos amadores. Decisões em Progresso, Boqueirão do Leão, Santa Clara do Sul, Marques de Souza, Sério. Até porque nessa época essas localidades não eram municípios, era tudo Lajeado.

Quais as principais evoluções técnicas de transmissão ao longo do tempo?

Mudou muito. Era uma "briga de foice no escuro". Saímos para determinados lugares de manhã para poder ter a condição técnica de trabalhar. Os telefones eram complicados. Eu fiz transmissões com telefone à manivela. Quando passou para o telefone normal, mesmo assim as dificuldades eram muito grandes, pois em algumas comunidades a linha era em uma casa que ficava a um quilômetro do campo de futebol. Tinha que levar fio, colocar na casa, arrastar um quilômetro, passando pelo meio do mato, pelo brejo, pela valeta, para poder fazer a transmissão. Hoje se pega uma pastinha, pesando cinco quilos, e consegue se botar meia dúzia de funcionários no ar.

Quais as mudanças técnicas dentro do estúdio?

O operador ficava em uma sala e o comunicador na outra. Era uma distância de dez metros. Às vezes precisava abanar para o operador. Hoje não. Hoje o operador está dentro do estúdio. No estúdio tem meia dúzia de microfones para poder fazer o trabalho. Na época se usava um microfone para fazer tudo. Se tivesse seis pessoas dentro do estúdio aquele microfone era utilizado para todos.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO G – ENTREVISTA COM FABIANO CONTE

Qual era o foco da programação da Rádio Independente nos anos 90?

Tínhamos os programas da manhã, e ao meio dia especialmente, eram considerados os mais fortes jornalísticos. O meio da manhã tinha um programa mais focado para a questão social, problemas de bairro, assistencialismo, que o Renato Worm fazia. De manhã também tinha o *Acorda Rio Grande* e o *Show de Notícias* fortes. Quando vim para cá tinha dois programas à tarde que faziam jornalismo, que era o *Tribuna Independente*, que o Arlindo Sandri fazia, e o programa *Fim de Tarde*, com o Renato Worm. O jornalismo estava iniciando com mais força, mas ainda com música de vez em quando para dar uma quebrada. A estrutura do departamento ainda não era tão forte assim.

Como era a produção do jornalismo na época?

Quando vim para cá comecei de imediato a fazer a produção do Acorda Rio Grande, porque o Paulo Rogério, que apresentava, não tinha uma essência de produção. O Otávio Deves trabalhava com ele e vinha cedo para fazer notícias regionais, tinha o repórter da polícia, que era um só que fazia o dia todo na época. Pouca gente participava da programação. Basicamente o apresentador fazia tudo, apresentava todos os quadros. O Renato tinha um repórter na unidade móvel, que fazia participação com ele. O meio dia era um misto da participação da reportagem, que ajudava a produzir, mas ninguém com locução. À tarde o Sandri tinha também um repórter de rua, mas era um programa basicamente de entrevistas. O Renato, sim, no fim da tarde, fazia uma espécie de resumo do dia, aí os repórteres podiam entrar. Talvez tenha sido o primeiro programa da emissora, que eu lembro daquela época, a caracterizar a participação da reportagem efetiva. Ele reproduzia matérias da reportagem no programa do fim de tarde.

A atenção que os profissionais da emissora concediam para os programas da tarde era a mesma da manhã?

O grande desafio e a grande pergunta que se fazia na época era como fechar a pauta da tarde no sentido de entrevista, porque a essência da emissora era – e continua sendo até hoje – a região. Então sempre se comentava "temos assuntos para um jornalismo da tarde?". Lembro também que entrevistas feitas pela manhã eram reproduzidas à tarde, matérias apresentadas de manhã eram apresentadas novamente à tarde. Se pensava em pautas diferentes, mas o grande

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

foco eram os programas chamados de ponta, que eram o início da manhã e o meio dia. Era a essência na época.

Qual era a qualificação da equipe que produzia o jornalismo na década de 1990?

Basicamente todos aprenderam aqui ou em outras emissoras e acabaram vindo para cá e fazendo a coisa acontecer. Como não se tinha essa característica jornalística, era um rádio comunitário, também não havia essa exigência maior. Trabalho bem diferente do que acontece hoje em termos de tecnologia, de recursos para se buscar a informação. Os profissionais que aqui estavam quando comecei tinham muita força de vontade para trabalhar, fazer a coisa acontecer.

Nessa década ainda havia programas voltados ao entretenimento na Independente?

Só entretenimento não. Lembro que o Renato fazia o programa dele de manhã, que era o *Encontro Maior*, que era muito assistencialista. Mas ele tinha momentos em que dava uma quebrada na programação. Tinha um programa de humor, que era a *Barbearia do Hans*, muito famoso na rádio. Mas um programa de entretenimento mesmo na década de 90 não.

Houve necessidade de substituir profissionais em função do foco total da programação no jornalismo?

Foi necessário. É claro que boa parte da equipe tinha anos de casa e é sempre muito mais complicado se "desfazer" de pessoas que tinham comprometimento, vestiam a camisa, eram empenhadas naquilo que faziam. Mas, sim, foram feitas algumas mudanças, inclusive de âncoras de programas ainda na década de 90 em função de uma necessidade de uma modernização que veio com a chegada do telefone celular, do computador, que não existiam no início dos anos 90, de uma linguagem diferente para o rádio que foi necessária também. Adaptações foram feitas naqueles anos.

O que mudou na linguagem dos comunicadores?

O *Acorda Rio Grande*, que o Paulo Rogério apresentava, ainda mesclava algumas músicas ao longo da programação da manhã. Foi cortado isso. Eu ajudei ele a fazer toda uma programação nova, de colocar no papel a pauta, e ele relutava muito em tirar e saber como seria a reação, ele tinha um medo de que a reação das pessoas não seria a mesma em, por exemplo, não ouvir mais uma música às 7h, 8h. Foi difícil de mudar isso. A própria

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

participação de repórteres em programas, que quase não ocorria, também foi quebrar o paradigma da rádio. Era o âncora e o âncora. Era ele que tomava conta do programa, falava e entrevistava as pessoas, e não tinha participação da reportagem como um todo. Também foi quebrado um pouco isso naquele período.

Em algum momento se cogitou a possibilidade de voltar a produzir entretenimento?

Na época tinha alguns colegas que queriam fazer programa nesse estilo, mas mais para resgatar a essência da rádio, nem que fosse uma vez por mês para mostrar aos mais novos como era o rádio antigamente. Mas não fazer programas diferentes. Eu tenho a impressão de que muitos colegas daquela época chegavam a pensar que era muito mais fácil tocar música, mandar "alô", fazer charadinha no ar do que fazer jornalismo. Mas a necessidade e a essência da rádio precisavam disso. Foi um momento importante para a rádio dar uma quebrada, de uma rádio do interior. Até hoje existem rádios do interior que tocam música na programação da tarde, da manhã, porque não têm estrutura de fazer jornalismo como temos na Independente. A Independente, por estar em uma cidade de vanguarda, por estar muito próxima da capital do estado, pela exigência das pessoas daqui, não tinha mais como voltar atrás. Foi um caminho irreversível e está provado nos dias atuais.

Como foi a reação dos ouvintes com a consolidação do radiojornalismo?

Não lembro de reações, mas também não lembro de ter tido manifestações contrárias na questão da introdução da informação. Tivemos manifestações positivas, que evoluímos muito fazendo jornalismo. O esporte evoluiu muito também naquela época. Acho que o ouvinte assimilou muito bem essa mudança toda.

Quais foram as mudanças na produção jornalística nos anos 2000?

Passou a fortalecer a necessidade de profissionais mais comprometidos, mais bem preparados. Foi aí que começou toda uma evolução necessária de uma mudança de estrutura de departamento. Tivemos muitas experiências de pessoas com a formação acadêmica que vieram para cá e não deram certo. Mas essa mescla da experiência do dia a dia do rádio com uma formação técnica é fundamental. Os anos 2000 foram o início desse processo todo, que se consolida a partir de agora. Algumas mudanças foram feitas, especialmente de apresentadores da tarde, a partir de uma necessidade de âncoras. Nós tínhamos muito mais âncoras do que temos hoje. Foi uma tendência, com o passar do tempo, quebrar um pouco os

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

programas, para não serem tão extensos, para não cansar o ouvinte. Há uma tendência de seguir assim com o passar do tempo. O rádio precisa ser novidade. Então não se pode cansar muito o ouvinte. É preciso dar uma inovada para surpreender o ouvinte. A rádio que consegue fazer isso consegue fidelizar mais do que nunca o seu ouvinte.

Quais as principais evoluções tecnológicas para produção e operação da rádio dos anos 90 para a década seguinte?

Quando cheguei aqui, na década de 90, não existia computador. Era máquina de datilografia. Tínhamos que fazer as notícias com uma folha de carbono no meio para poder ficar a cópia. Essa mudança aconteceu depois com a chegada dos computadores, que eram precários na época. A chegada da internet foi a grande novidade. Para checar uma informação, na década de 90, a rádio escuta era fundamental. Dentro da redação se escutavam outras emissoras, especialmente as da capital. Sabia-se do horário das últimas notícias do cenário nacional e estadual, se aumentava o volume do rádio, gravávamos o noticiário e reproduzíamos essas notícias depois na linguagem da região. Não havia acesso à internet, não se sabia o que acontecia no Palácio do Planalto, no Palácio Piratini. Hoje uma notícia que acontece às 14h, às 14h01 já está na rede e já sabemos o que está acontecendo em Brasília, em Porto Alegre, em São Paulo, no mundo todo. A busca de notícias na nossa região dependia muito do telefone. Já existia o fax, por onde as prefeituras mandavam releases. A notícia oficiosa, que vinha do poder público, era muito o nosso norte. Não se tinha outra fonte. O próprio mecanismo do repórter que não tinha telefone celular. Ele tinha que usar a unidade móvel, que dependia o lugar não pegava, e ele tinha que se valer de um equipamento fixo. Se usava muito orelhão na época para fazer boletim porque não tinha celular. Nem se sonhava em tirar uma fotografia para colocar no site, que nem existia. Evoluiu muito. Hoje para o repórter fazer a notícia talvez seja muito mais fácil do que naquela época.

Na mesa de áudio do estúdio, o que mudou nesse período?

Na época que eu cheguei, ainda existia a chamada cartucheira na FM. Na AM estavam introduzindo o Mini Disco, que também tinha que fazer uma programação diferente. Gravava-se mais comerciais no MD, o que facilitou um pouco a vida. A reprodução de matérias gravadas pela equipe de jornalismo era em fita cassete. No programa do fim de tarde, que tinha muitas participações, vinha para o estúdio uma caixa cheia, com 10, 12 fitas. Cada uma tinha uma matéria. O operador tinha dificuldade para colocar a fita certa, no ponto certo, para

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

rodar no momento certo que o apresentador chamava. Tínhamos um colega que tinha como função, antes de o programa ir ao ar, escutar todas as gravações e deixar no ponto. Quando o repórter errava a gravação, tinha que começar tudo de novo, voltando a fita. Tinha um sistema de magnetismo para apagar a fita. Se passava a fita em cima desse magnetismo a fita apagava. Cansamos de apagar fitas que tinha gravações que precisávamos. O repórter ia para a rua, gravava com alguém, e chegava na redação, se atrapalhava e apagava a fita. Não tinha mais como recuperar aquilo. As gravações da rádio como um todo eram feitas em fitas cassete. Se, por exemplo, de manhã você tinha uma entrevista e queria reproduzir partes dela à tarde era preciso escutar, saber qual momento queria, passar de uma fita para outra. Era um trabalho danado. Hoje é muito mais fácil, você vai no computador, seleciona a parte que quer e está pronto.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO H – ENTREVISTA COM HERON DE OLIVEIRA

Você é apontado por profissionais da Rádio Independente como um profissional que contribuiu para a transição do entretenimento para o radiojornalismo. Em que circunstância você veio à emissora e como foi o trabalho de introdução desse modelo de radiojornalismo?

Eu trabalhava na época na Rádio Bandeirantes. O Vilson Feldens me convidou para que eu trabalhasse na Independente. Foi uma decisão difícil, pois o sonho de todo o profissional de rádio do interior é trabalhar em Porto Alegre, mas passado algum tempo eu aceitei o convite. Em um primeiro momento eu não vim para fazer radiojornalismo, mas sim um rádio mais popular, buscando atingir classes B e C. Com o tempo fomos fazendo essa transformação, e ela ocorreu de forma que as pessoas não perceberam. Não se pode fazer nada na vida de maneira abrupta porque você choca, frustra e acaba perdendo a capacidade de produzir empatia com o público que você deseja alcançar. Fizemos essa transição. Eu tive a felicidade de ter tido na Rádio Independente o que é fundamental para qualquer comunicador, primeiro porque eu me nego a trabalhar em qualquer emissora onde eu não possa exercer a minha liberdade. Nós fizemos isso de maneira subliminar. A Rádio Independente, e não apenas Heron de Oliveira, mas o conjunto de seus profissionais. A programação da rádio e a performance dos comunicadores da rádio eram avaliados quase que diariamente pelo Lauro Müller. A mesa do café da rádio era o grande laboratório, pois antes de chegarmos ao microfone tínhamos naquele ambiente uma interação. Os mais novos que chegavam, entre eles eu, tinham a oportunidade de construir um nível de entendimento e de compreensão da realidade social, cultural, política, econômica da região com maior facilidade porque conviviam com as pessoas. Cada uma delas tinha designado um papel dentro da rádio a cumprir. Rádio é um eterno aprendizado. Você nunca vai ser um especialista em rádio. Vir para a Rádio Independente foi, na minha vida, muito mais do que para a rádio, um período de transição para outras circunstâncias que me deram também informação e formação e que também me qualificaram para poder, toda a vez que retornar ao rádio, voltar com mais conteúdo, com mais importância e com uma nova capacidade de leitura.

Como era o programa que você apresentava na Rádio Independente a partir de 1986?

O programa tinha, no início, muita ênfase nas músicas. Tínhamos que ter a capacidade de perceber quais eram as músicas que efetivamente despertavam o interesse das pessoas.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

Naquele momento o rádio já estava mudando. Você usa a música na sua inteireza e no intervalo de uma para outra começa a colocar conteúdos. Primeiro você começa a colocar conceitos pessoais, depois começa a convidar pessoas para que emitam conceitos. Essa foi a grande transição. Nós tínhamos uma interação com a sociedade porque eu tinha na móvel o maior e melhor colega de rádio com quem já tive a oportunidade de compartilhar, que foi Jacy Pretto. Com total e absoluta liberdade de ação, com entendimento perfeito. Nós não improvisávamos tanto quanto as pessoas pensavam que estávamos improvisando, porque também na mesa do café nós conversávamos. O primeiro passo nessa transição foi dado pelo Lauro Müller, que apresentava o programa *Panorama*, que foi a primeira experiência jornalística da Rádio Independente, afora as coberturas que se fazia. A rádio tinha uma outra oportunidade importante porque havia um espetáculo do ponto de vista da experiência profissional que eu acredito que nenhuma outra rádio no interior possuísse, que eram as Sociedades Conveniadas. A Rádio Independente capitaneava esse processo e organizava isso. Se criava, a partir da rádio, relações de estreitamento, de convivência, de várias culturas. Lajeado tinha Boqueirão do Leão com forte incidência da colonização italiana, mas também tinha Santa Clara do Sul e Marques de Souza com forte incidência da colonização alemã. Você convivia com esses eventos e as pessoas entre elas conviviam. As Sociedades Conveniadas eram na época um fator de interação intercomunitária, mas também de integração dos comunicadores com essa diversidade de culturas com as quais a Rádio Independente interagia. Não houve, em nenhum momento, nada tão importante e fundamental para que a rádio pudesse se sedimentar como veículo de comunicação, inclusive para as pessoas que faziam na época a transição do meio rural. Essas pessoas que vinham do interior tinham que ter num meio de comunicação uma forma de fazer essa transição. A Rádio Independente contribuía, pois aproximava o urbano do rural, o rural do urbano. Hoje, na nossa região, acho que as pessoas do meio rural mais profundo são tão ricas em conteúdo e tão apropriadas de conhecimento quanto as pessoas mais densas, mesmo as do meio acadêmico, porque se criou essa interação.

Qual era o foco da programação quando você iniciou na Rádio Independente?

A primeira parte da programação era destinada ao público rural. Depois tínhamos o *Panorama*, que era jornalístico, mas feito dentro de uma ideia de prestigiar o interior. Depois tínhamos até o meio dia uma programação musical e ao meio dia tínhamos um programa de noticiário que retratava vários aspectos da política, da economia, da sociedade regional. A partir das 13h, 13h30, de novo retomávamos uma programação musical, onde os ouvintes se

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

comunicavam com a rádio através de cartas, faziam pedidos, havia homenagens. A programação era basicamente musical, até porque a rádio não tinha estrutura para fazer jornalismo. Não se consegue fazer jornalismo de uma hora para outra porque tem custos. Para montar uma estrutura de jornalismo, primeiro precisa ter uma ousadia, de maneira muito incipiente, de fazer, com recursos externos, aquilo que a Independente consegue hoje, que é a produção de conteúdo. Como você não tem condições de gerar conteúdo, você traz, através de entrevistas, esse conteúdo para dentro da rádio. Hoje é preciso ter um pouco de cautela porque a sociedade tem um pouco mais de pressa, tudo é mais célere, mas ágil. A rádio precisa de especialistas e não pode prescindir dos generalistas. O comunicador que queira ser um âncora de programa de jornalismo precisa ser um generalista. Ele não precisa ter um conhecimento profundo, mas pelo menos ter as unhas encardidas de tanto arranhar portas onde ali haja o conhecimento. Tudo era mais empírico, você podia experimentar. Hoje perdeu um pouco da possibilidade de experimentação porque ela é um fator de risco. Você não pode prescindir de cada vez mais ter pessoas que se especializem. O jornalista deve ser basicamente um generalista, mas deve buscar, como fonte decisiva de condução para o seu sucesso profissional, alguma área onde ele possa se especializar.

Como era o radiojornalismo produzido no programa *Encontro Maior*?

Como a Rádio Independente pretendia ter audiência, e tinha, nós tínhamos que ter a ideia de que era preciso fazer um programa que tivesse um espectro mais universal. Qualificar a audiência sem perder o acesso e o interesse da base menos qualificada da sociedade, que é numericamente a mais representativa. Então fomos fazendo aos poucos essa transição, com ênfase no noticiário policial, na época horóscopo, simpatia para curas. Mas aos poucos se conseguir substituir esses conteúdos, ou ir colocando em meio a esses conteúdos, sem uma transição abrupta, outros conteúdos que não desfiguravam a ideia que as pessoas faziam da rádio. Você podia ter uma paixão enorme pela música sertaneja, mas ainda que não percebesse você suportava uma informação sobre economia, sobre política. Essa é uma transição que ainda está sendo feita no meio rádio com uma profunda convivência com outros meios de comunicação. Nós chegaremos no tempo em que todas essas coisas serão uma coisa só. Ainda hoje há uma disputa entre todas elas. É muito impreciso o que se possa dizer em relação ao que serão os meios de comunicação do futuro, mas eles só serão viáveis se tiverem interação, se forem complementares. Está se trabalhando nisso, no rádio, na televisão. A televisão tem muito do rádio, da internet. O rádio tem muito da internet, não pode mais prescindir disso. O rádio tem pouco da televisão, e precisa ter essa qualificação, essa

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

sensibilidade de que precisa buscar na televisão formas de conduzir uma programação radiofônica. Isso vai se tornar cada vez um exercício mais desafiador para os profissionais de rádio porque continuaremos tendo que conseguir existir prescindindo da imagem. A imagem dependerá da capacidade de descrição do ambiental com tamanha fidelidade que nós tenhamos o poder de transmitir o ouvinte para aquele local, para aquele evento, sem que ele esteja lá. É por isso que a leitura impressa será fundamental. Quando você lê o autor de um romance que tem a capacidade de lhe transportar para aquele cenário, e você se sente personagem daquele livro, é isso que o comunicador de rádio precisa ter.

A TV era uma ameaça ao rádio na época em que você trabalhou na Rádio Independente? Havia alguma diferenciação do que as pessoas buscavam no rádio e na TV?

Assim como as rádios, cada uma delas terá que fazer opções, definir um perfil, terão que ser segmentadas. Muitas rádios mantêm uma "salada de frutas" porque não têm o resultado econômico que lhes permitam definir um perfil, especialmente as que pretendem se enveredar pelo caminho do radiojornalismo, porque daí precisa ter uma estrutura gerando conteúdos. As rádios musicais tendem a perder espaço, porque tem a internet, onde se baixa conteúdos. Acho que elas não têm uma oportunidade de sobrevida muito longa, pois a internet vai entrar fortemente. As rádios que produzem conteúdo jornalístico continuarão fortes e importantes. Ainda que a internet tenha tido um ganho de qualidade e ocupado alguns espaços do rádio, acho que com o tempo a internet estará prejudicada dada a diversidade de conteúdos que oferece e o grau de desconfiança que é simultâneo à grande oferta de conteúdos porque a rádio continuará tendo seus filtros. A internet não tem esses filtros. Independentemente do assunto que você busque, vai encontrar uma série de fontes na internet, algumas absolutamente concretas e outras absolutamente malévolas, desprovidas de sentido e de conteúdo.

Por que houve a necessidade de introduzir o repórter da unidade móvel no programa? Como era desenvolvido o trabalho?

Tudo o que pudesse estar acontecendo nós tínhamos a possibilidade de fazer, em simultâneo, a cobertura daquele fato. Chegar onde nenhum meio de comunicação poderia chegar com a mesma agilidade. Mesmo que você tenha hoje uma internet disseminada e aquilo que estiver acontecendo possa ser imediatamente relatado, para que você tenha um resultado do ponto de

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

vista da preservação da imagem do meio de comunicação, não pode se conformar em repercutir o que o seu ouvinte generosamente tenha lhe passado como informação. Primeiro porque tem que ter uma linha editorial e segundo porque aquele ouvinte é um leigo, ele vê o evento, transmite que está emocionado e empolgado, mas só o profissional do rádio tem a capacidade de fazer a aferição do que efetivamente possa interessar e pode dar a credibilidade que o ouvinte precisa. A credibilidade existe a partir da intervenção do profissional de rádio porque é neste que a opinião pública confia. A unidade móvel ainda é um veículo de checagem da informação que se recebe por outras fontes e é um veículo importante para sedimentar e fidelizar o ouvinte. A unidade móvel estava montada, mas a forma da utilização talvez tenhamos tido alguma interferência.

Qual deve ser a tendência de programação para o rádio no futuro?

Confortem-se os comunicadores do Rio Grande do Sul porque nós seremos talvez a última trincheira de resistência do rádio. Em nenhum estado brasileiro o rádio é tão importante quanto no Rio Grande do Sul. O rádio não poderá prescindir dos jovens do meio acadêmico, que infelizmente estão muito voltados a outros meios e muito embevecidos com a ideia das possibilidades de ganhar dinheiro através da internet. Se disseminou a ideia de que ser feliz é ganhar muito dinheiro e as pessoas pensam que a forma mais rápida de ganhar dinheiro é através da internet. No rádio isso pode ser mais lento. Ainda que você não ganhe tanto dinheiro, o rádio te felicita mais porque tem a oportunidade de felicitar mais pessoas em caráter simultâneo. Se você pertence a determinado grupo social, já tem identidade com alguma emissora que tem segmentada a sua programação. Nós vamos ter um rádio mais especializado. Assim como na medicina se tinha o clínico geral e ele bastava, no rádio terá que ter o comunicador especialista em veterinária, em engenharia da construção, em engenharia dos alimentos. Portanto você não vai poder se conformar apenas com o fato de ser jornalista, vai ter que se especializar. Isso garantirá a sobrevida do rádio com credibilidade e grande repercussão. Os jornalistas que forem apenas jornalistas não sobreviverão. Acho que será o fim do mundo o dia em que as pessoas deixarem de prestar atenção no rádio, porque elas estarão decidindo-se pelo fim da comunicação verbal.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)

ANEXO I – MODELO DE AUTORIZAÇÃO ASSINADA PELOS ENTREVISTADOS

Eu, _____, RG nº_____, autorizo o uso da entrevista concedida a Eduardo Luiz Eggers para fins da pesquisa intitulada "Mudanças nos Modos de Fazer Rádio no Período Pós-Televisivo: Estudo de Caso da Rádio Independente, Lajeado/RS" no dia 05 de junho de 2014.

_____

Lajeado, 24 de setembro de 2014.

BDU – Biblioteca Digital da UNIVATES (http://www.univates.br/bdu)